



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**CICERA GLAUDIANE HOLANDA COSTA**

**TRAVESTILIDADES:**  
**INCURSÕES SOBRE ENVELHECIMENTO A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS**  
**DE VIDA DE TRAVESTIS DA CIDADE DO RECIFE**

**RECIFE**  
**2013**

**CICERA GLAUDIANE HOLANDA COSTA**

**TRAVESTILIDADES:  
INCURSÕES SOBRE ENVELHECIMENTO A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS  
DE VIDA DE TRAVESTIS DA CIDADE DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Dr. Luís Felipe Rios

Coorientadora: Dra. Karla Galvão Adrião

**RECIFE  
2013**

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Tony Bernardino de Macedo CRB-4 1567

C837t Costa, Cicera Glaudiane Holanda.  
Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife / Cicera Glaudiane Holanda Costa. – Recife: O autor, 2013.  
143 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios.  
Coorientadora: Profª Drª Karla Galvão Adrião  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013.  
Inclui referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Travestis - Recife. 3. Envelhecimento – aspectos sociais. I. Rios, Luís Felipe (Orientador). II. Adrião, Karla Galvão (Coorientadora). III. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2014-84)

## **CÍCERA GLAUDIANE HOLANDA COSTA**

### **Travestilidades: incursões sobre envelhecimento a partir das trajetórias de vida de travestis da cidade do Recife.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 28 / 08 / 2013.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profº Drº Luís Felipe Rios do Nascimento (Orientador)  
Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPE

---

Profª Drª Karla Galvão Adrião (Coorientadora-UFPE)  
Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPE

---

Profª Drª Lady Selma Ferreira Albernaz (Examinadora Titular Interna )  
Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPE

---

Profª Drª Luciana Leila Fontes Vieira (Examinadora Titular Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico essa dissertação a minha mãe Dalme Holanda e à memória de  
minha avó, Aldenora Holanda, que aos 87 anos, depois de uma luta  
intensa, deixou esse mundo como uma guerreira que sempre foi.  
Dedico também aos desejos dos corpos “inteligíveis” que  
através de suas pulsões e transgressões imprimem um colorido  
diferente à cidade.

## AGRADECIMENTOS

Tentei elencar algumas pessoas que participaram de maneira direta ou indireta da arteficialidade dessa pesquisa. Envoltos a tantas situações e sensações presentes nos momentos finais do processo dissertativo, posso ter deixado de citar alguém. Por isso, gostaria de começar pedindo desculpas a essas pessoas.

Agradeço em primeiro lugar às interlocutoras dessa pesquisa: Bia, Joelma, Jéssyka Tylor e Christiane Falcão. Pela disponibilidade em compartilhar suas trajetórias, pelo acolhimento em nossos encontros, pela aprendizagem que obtive ouvindo suas experiências. Sem elas a presente pesquisa não existiria.

Ao Luciano Palhano, por ter me inserido no campo, pela disposição em querer ajudar e por ter sido peça importante no contato com as travestis.

Ao Felipe Rios, por sua experiência acadêmica, pelas críticas, sugestões e principalmente por aceitar o convite para ser o orientador dessa dissertação.

À Karla Galvão que se tornou nesta caminhada mais do que uma coorientadora. Agradeço por sua orientação comprometida, pelo estímulo acadêmico, pelo carinho, pela atenção e companheirismo em momentos tensos e incertos.

À professora Maria Aparecida Lopes Nogueira (Cida), por seu abraço acolhedor, por suas palavras estimulantes, por seu respeito pelo outro, por sua humildade e generosidade que tornaram as incertezas e problemas do primeiro ano do Mestrado mais toleráveis.

Aos amigos Bruno, Leandro e Gustavo pela paciência e convivência na medida do possível tranquila. Com esses homens tive a oportunidade de dividir não só o apartamento, mas alegrias e angústias.

Ao Leandro, pelos momentos de confissões e pelo privilégio de poder chamá-lo de amigo e irmão.

Ao Bruno Ronald, pela amizade forte e tenra, pelo companheirismo, planos conquistados e pelos brindes compartilhados.

Aos amigos e amigas que encontrei durante minha passagem por Recife, pela capacidade de transformarem minha estadia na cidade mais alegre e prazerosa. Por

contribuírem para a pesquisa dando sugestões e fazendo comentários. Em especial, à Shirley Samico, Isabel Rodrigues, Ludmila Farias e Luciana Aquino.

Ao Marcéu Cavalcanti, por estar sempre presente, pelo incentivo e trocas de ideias, pela confiança, compreensão, amor e amizade. Agradeço por ter aparecido em minha vida e transformado meu cotidiano em algo mais diverso.

Aos amigos e amigas que deixei em Fortaleza e que de uma maneira peculiar sempre estão presentes incentivando e acreditando em mim, mais do que eu mesma. Pessoas fundamentais para a minha existência.

Ao José Ferreira, pela eterna amizade, apoio e paciência em ter guardado minhas coisas depois que saí de Fortaleza. Pela disponibilidade em me acolher não só em sua casa, mas em seu colo.

Ao Emerson, pela alegria contagiante e disponibilidade generosa.

Ao Estênio Ericson por indicar o rumo e me fazer acreditar. Pelo incentivo quando foi mais preciso. Por estar presente mesmo distante. E principalmente, pela cumplicidade e a certeza de nossa amizade.

De maneira especial gostaria de agradecer à Lidi Barros, pela compreensão e incentivo, pela presença e amor compartilhado. Pela oportunidade de poder idealizar e dividir planos. Agradeço especialmente o cuidado e atenção enquanto me recuperava da cirurgia.

Por fim, agradeço a minha mãe; pelo abraço amoroso e colo aconchegante, pela força, sensibilidade, coragem, determinação, criatividade, dedicação, afeto, humildade, paciência, incentivo e espírito guerreiro. Qualidades que me fazem admirá-la mais a cada dia.

## RESUMO

A experiência travesti suscita diversas reflexões referentes à dicotomia masculino/feminino através da (re)construção de uma imagem, que ao mesmo tempo dialoga e pontua uma ruptura com a lógica dominante de gêneros. Esse corpo travestido estabelece uma linguagem que narra experiências, e ganha significados a partir da cultura que está inserido e é atualizado e alterado a partir dela. Neste sentido, esta pesquisa tem como perspectiva contribuir para discussões dos processos de construção das travestilidades, assim como refletir sobre questões que problematizam a representação do corpo, do gênero e da sexualidade no cotidiano. Procura, nesta direção, conhecer os significados atribuídos pelas travestis ao processo de envelhecimento a partir de suas experiências. As experiências aqui, percebidas como uma construção discursiva cotidiana constituída tanto individual como coletivamente, são acessadas através de elementos trazidos nos discursos e na observação de fotografias e material audiovisual produzido em contextos diferentes nos encontros com as interlocutoras.

O material audiovisual foi utilizado como importante instrumento para mediar os diálogos com as travestis. Através das falas de quatro interlocutoras faz-se um mergulho em suas trajetórias de vida percebendo similitudes e diferenças em cada experiência relatada. Essas trajetórias são compreendidas com base nas novas discussões sobre curso da vida, enfatizando a ideia em que qualquer ponto da trajetória de vida precisa ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente. Desse modo, é possível perceber como na vivência de suas travestilidades existem especificidades que interferem no curso da vida e que atuam em um movimento pendular para a apreensão de imagens, tanto positivas como negativas, sobre envelhecimento.

Palavras-chave: Experiências travestis, curso da vida e processo de envelhecimento.

## ABSTRACT

The transvestite experience raises several reflections about the masculine / feminine dichotomy through the (re)construction of an image that dialogues and punctuates a rupture with the dominant logic of genders at the same time. This body in a transvestite process establishes a language that narrates experiences and gains meanings from the culture in which it is inserted and it is updated and also altered from such culture. In this way, this research aims at contributing to the discussions of the processes of constructions of the transvestilities, and also at reflecting about the issues which problematize the representation of the body, the gender and the sexuality in the everyday life. Consequently, in this direction, the current research seeks at getting to know the meanings attributed by transvestites in relation to the aging process by their experiences. The experiences, understood as an everyday discursive construction constituted both individually and collectively, are accessed through the elements present in the discourses and the observation of photographs and audiovisual material produced in different contexts in the meetings with the interlocutors. The audiovisual material was used as an important tool to mediate talks with the transvestites. From the speech of four interlocutors it is possible to dive into their life trajectories perceiving similarities and differences in each reported experience. These trajectories are understood based on the “paradigm of life course”, in which any type of life trajectory needs to be analyzed under a dynamic perspective as a consequence of past experiences and future expectations, besides the integration of personal reasons and the limits of the social and cultural correspondent contexts. This way, it is possible to perceive there are specificities in their personal experiences as transvestites which interfere in their life courses and that work in a swing movement to the apprehension of images about aging, both positive and negative.

Key-words: Transvestite Experiences; Life Course; Aging process.

## SUMÁRIO

Considerações introdutórias .....	10
Inserção no campo e o encontro com as interlocutoras.....	16
1. Trajeto etnográfico: mosaico metodológico .....	28
1.1 Incursões sobre o tema. ....	28
1.2 Notas sobre a imagem na pesquisa.....	34
2. Corpo editado: gênero e envelhecimento.....	40
2.1 (Des) montando corpos.....	40
2.2 Reflexões sobre envelhecimento. ....	46
2.3 Peculiaridades do processo de envelhecimento e experiências travestis. ....	50
3. Compondo imagens: experiências em foco .....	65
3.1 Encontro com Bia: notas sobre o receio da visibilidade .....	65
3.2 Divas.....	77
3.2.1 Jéssyka Tylor: a diva “camaleoa” .....	84
3.2.2 Christiane Falcão: o glamour de uma diva .....	96
3.3 Encontro com Joelma: militância no bairro .....	108
3.4 Asteriscos e reticências. ....	118
Considerações finais. ....	124
Referências bibliográficas.....	128
Anexos .....	136

## ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

### QUADRO

**Quadro.1-** Informações preliminares sobre as interlocutoras da pesquisa .....39

### FIGURAS

- FIG.1-** Bia posando para fotografia em nosso segundo encontro de entrevista .....66
- FIG.2-** Bia mostrando sua mãe (imagem retirada de videogravação). .....68
- FIG.3-** Bia e os primeiros efeitos nos seios depois do uso de hormônios (imagem retirada de videogravação) .....69
- FIG.4-** Fotografia que Bia apresentou pra exemplificar como gostava de se vestir para ir trabalhar (imagem retirada de videogravação) .....71
- FIG.5-** Recorte de jornal comunitário. Bia ministrando um curso para formar as novas cabeleireiras do bairro (imagem retirada de videogravação).....73
- FIG.6-** Bia no salão de beleza onde trabalhava (imagem retirada de videogravação)....75
- FIG.7-** Christiane entrevistando artista local sentada no divã. Ao fundo a banda Moderna Art (imagem retirada de videogravação).....78
- FIG.8-** Entrevista com os convidados/as do programa .....79
- FIG.9-** Concorrentes do “Concurso Drag Star” .....80
- FIG.10-** Jéssyka Tylor no dia da entrevista(imagem retirada de videogravação) .....85
- FIG.11-** Jéssyka Tylor trajando vestido(imagem retirada de videogravação) .....89
- FIG.12-** Fotografia da mãe de Jéssyka Tylor.....90
- FIG.13-** Jéssyka Tylor no programa *No Divã com a Diva* .....92
- FIG.14-** Foto de Jéssyka (retirada do *facebook*) .....94
- FIG.15-** Foto citada por Jéssyka representando antes e depois de sua “transição” (retirada do *facebook*).....94
- FIG.16-** Fotografias para trabalho na Europa .....95
- FIG.17-**Fotografias do período que trabalhava na Europa (imagem retirada de videogravação) .....96
- FIG.18-**Christiane Falcão no dia da entrevista (imagem retirada de videogravação) ....97
- FIG.19-** Imagem de Christiane Falcão com o marido (retirada do *facebook*) .....99
- FIG.20-** Foto de Christiane para trabalho na Europa (retirada do *facebook*).....105
- FIG.21-** Christiane Falcão apresentando o programa *No Divã com a Diva* (imagem retirada de videogravação) .....107
- FIG.22-** Registro fotográfico de um dos espetáculos de Christiane Falcão postado por ela no *facebook*. .....108
- FIG.23-** Joelma no dia da entrevista (imagem retirada de videogravação) .....110
- FIG.24-** Joelma em entrevista no III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco (imagem retirada de videogravação) .....114
- FIG. 25-**Joelma no III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco .....117

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Quando fui aprovada no processo de seleção de mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, no ano de 2011, tinha como projeto inicial pesquisar a temática de gênero<sup>1</sup> e sexualidade<sup>2</sup> a partir da análise fílmica de *Madame Satã*<sup>3</sup>. Porém, no decorrer do referido ano decidi abandonar o filme e realizar um estudo com travestis do Recife, mas ainda não sabia que assunto abordar. Foi assistindo a uma apresentação de trabalho na ALAS<sup>4</sup> que a pesquisa ganhou um fio condutor. A fala de uma travesti, citada pela pesquisadora, que se apresentava no grupo de trabalho, dizia que quando envelhecesse voltaria a se vestir como homem, pois para ela: *Travesti velha é muito feia!*. A partir deste relato surgiu o interesse em perceber como o processo de envelhecimento atuava na experiência das travestilidades, como esse processo era percebido pelas travestis. No decorrer do trabalho de campo surgiram algumas questões, as quais serão tratadas mais adiante, que contribuíram para formação do olhar dado a esta pesquisa.

A escolha em estudar o universo travesti está relacionada com o interesse pessoal e social em pensar e discutir assuntos ligados à relação entre

---

<sup>1</sup> A noção de gênero é entendida nesta pesquisa como atos performativos. “Na teoria da fala, um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que nomeia” (BUTLER, 2010, p.167). Para Butler “a performatividade não é, assim um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou um conjunto de normas” (*Ibid*). Desta forma, gênero não está ligado a uma ideia de essência interna, ou seja, não se nasce homem ou mulher é a partir dos atos reiterativos das normas sobre os corpos que se torna homem ou mulher.

<sup>2</sup> Compreendo sexualidade a partir de Foucault. Para o autor a sexualidade é um dispositivo histórico constituído por discursos. Ao escrever a *História da Sexualidade*, Foucault mostra como através dos discursos a sexualidade é inventada e reinventada. Através dos discursos a sexualidade é construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo. Para ele “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAULT, 1985, p.100).

<sup>3</sup> *Madame Satã*, filme de 2002 dirigido por Karim Aïnouz, relata as experiências de João Francisco dos Santos, interpretado pelo ator Lázaro Ramos, na Lapa do começo do século XX, período anterior em que se torna a personagem “Madame Satã”. Nascido no sertão pernambucano, João, na década de 1930, chega ao Rio de Janeiro e passar a compor o cenário da Lapa entre prostitutas, boêmios e malandros. Tornou-se personagem mitificado por acrescentar a outras características do malandro o fato de ser negro, homossexual, transformista.

<sup>4</sup> O trabalho tinha como título: *Do cotidiano à rua: variações do "ser" travesti do/no Litoral Norte da Paraíba*. A pesquisa de autoria de Verônica Guerra (UFPB) e foi apresentada no Grupo de trabalho *Sexualidade, reprodução, conjugalidade: diversidade e sociabilidade LGBT*, também coordenada pelas professoras Marion Teódosio (UFPE) e por Berenice Bento (UFRN), no XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia- ALAS, que foi sediado na cidade do Recife entre os dias 6 a 11 de setembro de 2011.

sexualidade/gênero/sexo/desejo<sup>5</sup>. A experiência de participar como voluntária do Grupo de Apoio e Prevenção a AIDS - GAPA-CE me aproximou das questões sobre gênero, sexo, orientação sexual e prostituição. Além disso, houve certo encantamento meu ao presenciar performances travestis nas boates da cidade de Fortaleza. Assim, ao ingressar na Universidade esse interesse veio compor meu percurso acadêmico. Seduzida pelas discussões referentes às sexualidades, gênero e corpo<sup>6</sup> fui compondo meu próprio repertório e sublinhando em minhas experiências reflexões que estes temas suscitam.

Já no mestrado, quando consegui a orientação do professor Dr. Felipe Rios, após um período de indeterminação sobre quem orientaria minha pesquisa, passei a participar das reuniões do LabESHU- Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana. Foi na primeira reunião que conheci a professora Dra. Karla Galvão Adrião do Departamento de Psicologia da UFPE, que em seguida viria a ser minha co-orientadora. Naquele momento Karla coordenava no Recife o projeto *Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires*<sup>7</sup>, com a colaboração dos graduandos em Psicologia, Marcelo Cavalcanti e Gabriela Marinho. Posteriormente com a minha entrada, seguindo com o ingresso de Indira Corban, graduanda em Ciências Sociais, foi formado o grupo *Crisálida*. Foi dentro deste projeto maior que minha pesquisa foi se estruturando e ganhando “corpo”.

Depois da decisão de investigar sobre como as travestis experimentavam o processo de envelhecimento, iniciei a procura de referências bibliográficas que subsidiassem minha pesquisa. Senti a primeira dificuldade, pois não existiam muitos trabalhos que abordassem essa temática de maneira significativa. Este ainda se mostra um campo pouco explorado, sobretudo nos estudos antropológicos. Como ressalta Mônica Siqueira (2004).

---

<sup>5</sup>Maria Isaura Pereira de Queiroz já dizia: “A concentração do interesse do pesquisador em determinados problemas, a perspectiva em que se coloca para formulá-los, a escolha de instrumentos de coleta e análise do material não são nunca fortuitos: todo estudioso está sempre engajado nas questões que lhe atraíram a atenção está sempre engajado, de forma profunda e muitas vezes inconsciente, naquilo que executa”. (QUEIROZ, 1992, p. 13)

<sup>6</sup>Corpo não apenas essencialmente biológico, mas igualmente marcado pelo religioso, lingüístico, histórico, cognitivo, emocional e artístico. Isto é, corpo como a base existencial da cultura e do sujeito e não como um substrato biológico de ambos (CSORDAS, 2008). Nesta pesquisa, quando me refiro particularmente a experiência travesti, compreendo o corpo não como uma “substância previamente dada (o reino da natureza), em cima da qual irá se inscrever o que é da ordem da cultura. Ele se apresenta como corporalidade ou corporificação, ou seja, enquanto experiência que reúne afetos e afeições” (MALUF, 2002, p.147).

<sup>7</sup> Este projeto foi desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa *Margens*: “Modos de vida, família e relações de gênero”, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, entre os anos de 2010 e 2012.

Em relação à temática travesti, os estudos giram em torno de suas práticas, transformações corporais, questões pertinentes ao processo de construção de uma identidade travesti além das redes de relações sociais, tendo como pano de fundo o universo da prostituição. A questão do envelhecimento está, praticamente, ausente desses trabalhos, aparecendo, às vezes, nas falas das travestis ou desencadeada por algum acontecimento. De qualquer forma, o tema não é privilegiado. (SIQUEIRA, 2004, p.13)

Paralelamente à pesquisa bibliográfica comecei a enveredar pelo bairro da Boa Vista, na cidade do Recife, nas proximidades do *Shopping*<sup>8</sup> Boa Vista. A escolha do bairro deveu-se ao fato de este se constituir como um lugar representante de sociabilidade, não só do universo travesti, mas de outros tipos de experiências sexuais consideradas desviantes da heterossexual e da heteronorma<sup>9</sup>. O bairro além de boates, bares e esquinas incorpora em seu repertório de sociabilidade, a casa em que ocorrem reuniões da associação denominada AMOTRANS- Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco. Além destes espaços comecei a participar dos encontros promovidos pela AMOTRANS. O objetivo era localizar, nesses lugares, travestis que estavam vivenciando o processo de envelhecimento.

Ainda não tinha feito pesquisa com travestis, era a primeira vez que enveredava pelo campo das travestilidades<sup>10</sup> e pelas discussões em torno da periodização do curso da vida. As dificuldades apareciam paulatinamente. Senti dificuldade no primeiro contato com as travestis e depois na disponibilidade delas em concederem entrevista. A própria inserção sozinha na noite do Recife, território até então desconhecido para mim, foi complicada.

Desde o momento que decidi pesquisar como as travestis experimentavam o processo de envelhecimento, uma inquietação acompanhava minha inserção no campo: como abordar essa questão. Inicialmente resolvi utilizar o critério etário a fim de fazer um recorte de grupo a ser pesquisado. Essa decisão foi baseada na bibliografia que tive acesso, geralmente abordando o processo de envelhecimento a partir de um recorte de

---

<sup>8</sup> O *shopping* está localizado na Avenida Conde da Boa Vista, Recife Pernambuco.

<sup>9</sup> Para a autora Aline Soares Lima (2009) o regime heteronormativo regula “as práticas sociais, afetivas, eróticas e sexuais, no modelo normativo do casal heterossexual reprodutivo – o masculino/macho e o feminino/fêmea, segundo o modelo binário. As regras da heteronormatividade se constituem na própria sociedade e são reiteradas e naturalizadas pela sua repetição em diferentes esferas sociais, servindo para controlar e normatizar as condutas sexuais dos indivíduos, que devem estruturar seus desejos e práticas do único modo correto, são e sadio, segundo a norma dominante, ou seja, devem basear-se na heterossexualidade” (p.17).

<sup>10</sup> O termo travestilidades é usado nesta pesquisa tanto para marcar a gama de possibilidades identitárias das travestis quanto para substituir sufixo “ismo” de travestismo, associado a doenças e patologias, que faz parte do conjunto de reivindicações políticas na militância (AMARAL, 2012).

grupo com faixa etária acima de cinquenta anos de idade (ANTUNES, 2010; CÓRDOVA, 2006; PEREIRA, OLIM, TAVARES, 2009; SIQUEIRA, 2004, 2009). Assim, fui a campo com intuito de encontrar travestis que se enquadrassem nesse critério.

Como pontua Daniela Cordovil (2007), “o campo revela-se aos poucos e em cada viagem estamos aptos a apreender parcelas diferentes da realidade” (p.277). Assim, depois da inserção e de um tempo procurando compartilhar conversas, algumas questões surgiram e me fizeram refletir sobre o critério da faixa etária para compor minha rede de interlocutoras. Uma situação interessante que chamou minha atenção quando iniciei o trabalho de campo diz respeito ao fato de que em cada encontro as travestis, ao informarem quantos anos tinham, estabeleciam uma mobilidade, uma variação de suas idades. Outro ponto interessante relativo à idade ocorreu quando compartilhava em conversas informais sobre a temática de minha pesquisa e algumas travestis alegavam se sentirem velhas e quando eu perguntava suas idades geralmente afirmavam ter em torno de trinta anos<sup>11</sup>. Lembro-me que uma das conversas que tive foi em frente à boate MKB. Estava falando com uma travesti sobre a pesquisa e quando entramos no assunto envelhecimento ela olhou para mim e disse: *Sabe, eu já me sinto velha*. Perguntei a sua idade e ela informou ter 32 anos. Tentei puxar mais informações sobre esse sentimento de velhice ali exposto, mas fomos interrompidas por seu namorado que a levou para dentro da boate<sup>12</sup>.

As informações que apareciam em campo me envolviam em questionamentos. Como iria “enquadrar” minhas interlocutoras em um critério etário? Seria necessário um enquadramento? Esse critério etário seria baseado em que argumentos? Tudo parecia sem nexos e gerava em mim inquietações. Tinha caído em uma das armadilhas que o estudo sobre periodização da vida reserva.

Neste sentido, Guita Debert (1998), em seu texto acerca dos *Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice*, apresenta nove tópicos para serem pensados como pressupostos básicos da pesquisa antropológica, justificando que a periodização da vida enquanto tema de pesquisa apresenta algumas armadilhas. Dentre as armadilhas apresentadas pela autora destaco a seguinte:

---

<sup>11</sup> Hélio Silva (2007) chama atenção para o fato de travestis sentirem-se velhas por volta dos 30 anos.

<sup>12</sup> Essa travesti foi uma das pessoas que posteriormente tentei entrar em contato para uma possível entrevista. Porém, não atendia minhas ligações. .

Quando a referência do pesquisador no tratamento de categorias como velhos, jovens, adolescentes e crianças é o número de anos vividos a partir da data de nascimento ou a aparência de cada um, acaba-se por perder a plasticidade das formas pelas quais o curso da vida é concebido em sociedades distintas, bem como o sentimento investido na relação entre grupos etários e a importância desses grupos e categorias na organização social. (DEBERT, 1998, p.14)

Ao pensar a dimensão biológica do tempo vivido pelo corpo, percebe-se que as informações que surgem pouco dizem sobre os sentidos dados a cada experiência. Assim, o estudo sobre a periodização da vida deve atentar para as múltiplas formas que cada período é experimentado, vivenciado, interpretado em cada sociedade. Nesta perspectiva, o processo de envelhecimento adquire especificidades dependendo do lugar e do grupo que está sendo pesquisado.

Diante então destas questões na relação entre travestidades e envelhecimento é que então me direcionei pela perspectiva de Carlos Eduardo Henning (2010). Para ele a percepção frente às categorias que demarcam momentos distintos da periodização da vida, deve ser colocada em suspensão. Dessa forma, essas categorias não teriam seus significados previamente estabelecidos e circunscritos em uma esfera biológica, cronológica ou natural. Para o autor,

As categorias que indicam e embasam as formas ocidentais de compreensão e criação de momentos distintos no curso da vida: “idade”, “infância”, “adolescência”, “juventude”, “vida adulta”, “meia-idade”, “terceira idade”, “velhice”, etc. segundo diversos autores, também se mostram como categorias com significados altamente móveis, e algumas como sendo construções bastante recentes (HENNING, 2010, p.5).

Assim, através das falas que tive acesso em campo, percebi que outras questões estavam associadas ao processo de envelhecimento e que delimitar as interlocutoras a um critério etário não seria uma prerrogativa para perceber questões circundam essa temática e contribuem para a percepção da velhice. Como destaca Cicourel (1980), o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. Neste sentido, abduzi do critério etário para buscar compreender como o envelhecimento aparece e é apreendido nas experiências travestis. Que elementos são percebidos como demarcadores da velhice? Que mudanças corporais eram atribuídas ao processo de envelhecimento? Que significados eram conferidos pelas travestis ao envelhecimento e ao corpo envelhecido? Estes foram alguns dos questionamentos que passaram a nortear esta pesquisa. A partir

desses questionamentos procurou-se fazer, dentro do universo complexo das travestilidades, uma incursão cautelosa sobre o processo de envelhecimento tomando como base as trajetórias de vida e as impressões dadas a esta temática.

Assim, a presente pesquisa não está associada à ideia de que travestis não envelhecem ou mostrar que elas envelhecem (ANTUNES, 2010; SIQUEIRA, 2004). A intenção é pontuar questões a respeito da periodização da vida, sobretudo no que se refere às novas discussões sobre o curso da vida, atentando para como estas questões afetam as travestilidades.

Nesta direção, buscou-se contextualizar as experiências de quatro travestis de diferentes faixas etárias e acessar através de seus discursos significados atribuídos ao processo de envelhecimento. Entendendo neste contexto a experiência não como algo que as pessoas têm, pois esse tipo de afirmação naturaliza categorias como homem/mulher, heterossexual/homossexual, preto/branco, ao tratá-las como características inerentes aos indivíduos, ao invés de questionar tais concepções. (SCOTT, 1999). Experiência aqui é compreendida como uma construção discursiva cotidiana das “teias de significados”. Isto é, a experiência é constituída tanto individual como coletivamente, onde alguns elementos se manifestam para interferir na elaboração de novas subjetividades<sup>13</sup>.

A experiência travesti pensada não como justificativa de uma origem identitária que precisa ser visibilizada. Mas, como algo que se busca explicar e sobre a qual se produz conhecimento. Assim as trajetórias de vidas das interlocutoras desta pesquisa revelam mais do que sucessivos acontecimentos individuais autoexplicativos para a compreensão de uma identidade fixa.

A experiência defendida aqui abre a possibilidade de refletir sobre a produção das categorias de travesti e velhice. A experiência considerada como efeito de um discurso permite perceber que compreensão das travestis sobre o processo de envelhecimento participa de uma apreensão discursiva sobre velhice. Neste sentido, associar experiência e linguagem é tomar a qualidade produtiva do discurso sem tratar os eventos discursivos através de um determinismo linguístico ou destituir os sujeitos de sua capacidade de agenciamento.

---

<sup>13</sup> Subjetividades é compreendida aqui como “estruturas complexas de pensamento, sentimento, reflexão, e similares, que fazem dos seres sociais sempre algo mais do que meros ocupantes de posições particulares e portadores de identidades particulares” (ORTNER, 2007, p.385).

Sujeitos são constituídos discursivamente, mas existem conflitos entre sistemas discursivos, contradições dentro de cada um deles, múltiplos sentidos possíveis para os conceitos que usam. E sujeitos têm agência. Eles não são indivíduos unificados autônomos, que exercem o livre arbítrio, mas, ao contrário, são sujeitos cujo agência é criada através de situações e posições que lhes são conferidas (SCOTT, 1999, p.42)

Discursos pertencentes a determinados contextos e que são atualizados em experiências presentes e futuras. Assim, uma reflexão sobre a experiência travesti pode problematizar como estas se posicionam frente ao processo de envelhecimento, além de propiciar a compreensão que tanto a categoria de gênero quanto de envelhecimento não são naturais. Trazer a percepção sobre o processo de envelhecimento através da experiência travesti é mais do que desvelar o que pode ser considerado invisível. A intenção é de tentar compreender a produção discursiva atravessada pelo contexto que auxilia a produção dos significados atribuídos ao próprio processo de envelhecimento.

### **Inserção no campo e o encontro com as interlocutoras**

Quando iniciei meu campo em 2011, na cidade do Recife, enveredava pelo desconhecido. Era a primeira vez que me envolvia com a temática da travestilidade como também ensaiava meus primeiros passos nas avenidas e ruas da cidade procurando espaços de sociabilidade LGBT<sup>14</sup>, onde pudesse encontrar minhas possíveis interlocutoras. Nesta perspectiva, seguindo orientações de conhecidos da universidade, cheguei ao bairro da Boa Vista, no centro comercial da cidade do Recife. O bairro, tendo como ponto de referência o Shopping Boa Vista<sup>15</sup>, incorpora nas proximidades do referido shopping vários bares, boates e esquinas que compõe o repertório LGBT da cidade. Além de abrigar residências de algumas travestis que conheci durante o campo.

Durante o dia, o cenário do bairro Boa Vista é marcado pela movimentação de pessoas indo e vindo de outros bairros do Recife, concentrando-se especialmente na avenida de mesmo nome. Um grande público de consumidores e vendedores vão se esbarrando e ocupando calçadas e lojas. Personagens diversificados que se relacionam com o espaço urbano de formas variadas, cada um inscrevendo-se de maneira única.

No cenário noturno do bairro, no espaço localizado atrás do Shopping Boa Vista, fui tentar encontrar meus primeiros contatos. O motivo da escolha está relacionado ao fato de que neste espaço há uma concentração maior de boates, saunas,

---

<sup>14</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais e Transgêneros.

<sup>15</sup> O Shopping Boa Vista é local de encontro, principalmente de jovens LGBT da cidade do Recife.

clubes, além de várias barraquinhas de bebidas e comidas. Essas barracas, espalhadas pelas calçadas, servem como aglutinadoras dos frequentadores e/ou visitantes vindos de diferentes bairros envolvidos em conversas, bebidas e/ou flertes. Muitos esperando o momento de entrarem nos espaços fechados. Esse cenário é geralmente entremeado por outras pessoas que utilizam o lugar como passagem.

As cidades grandes possuem muitos grupos e pessoas que com os mais diferentes objetivos, habitam o “mundo da noite”- uma dimensão espaço-temporal em que práticas sociais específicas são experimentadas, outros códigos e valores estão em jogo e têm lugar emoções e sentimentos específicos (BENEDETTI, 2005, p. 44).

Quando a noite cai, principalmente nos finais de semana, o cenário ganha outras nuances. Neste momento, o bairro começa a receber os primeiros frequentadores que chegam para imprimir um esboço diferente do quadro diurno que marca aquelas ruas. O movimento nas barraquinhas torna-se intenso, porém ainda é tímida a presença das travestis. Na medida em que as horas passam, demarcam o ritmo da chegada das travestis. Por volta da meia-noite elas começam a aparecer criando um colorido diferente. A maioria com roupas curtas e brilhantes, sapatos altos, “chapinha”, perfumes “fortes”, bolsas prateadas e rostos “pacientemente” maquiados. Ruas, calçadas e barraquinhas cada vez mais lotadas pareciam avisar que a vida noturna estava começando naquele instante.

Seguia à deriva noite adentro, trafegando entre travestis, observando gestos e tentando compreender um pouco da montagem de sons e imagens que me rodeavam com a perspectiva de conseguir dados preliminares para auxiliar na pesquisa. A primeira sensação não me permitia construir um quadro e tampouco um esboço do que eu estava experimentando. Era um misto de encanto e estranhamento, provocado pela diversidade de pessoas, formas e tons vibrantes que aquele cenário provocava em meus olhos. A cada retorno ao campo lembrava-me de algumas linhas de Aparecida Moraes, quando a autora dizia que esta dificuldade de apreensão ou formulação de uma imagem imediata, pré-fixada, ocorre principalmente pela quantidade de informações presentes ao mesmo tempo à nossa volta (MORAES, 1995). Tal sensação acompanhou-me por muito tempo.

Quando a escuridão da noite invadia a cidade, minha condição de pesquisadora, andando sozinha, utilizando preferencialmente transporte coletivo durante a madrugada de uma cidade que tateava aos poucos tentando sentir-me mais segura,

fazia com que eu reconhecesse minha vulnerabilidade<sup>16</sup>. Do mesmo modo que Benedetti (2005) sentia medo da violência, medo da polícia, medo de não ser aceita, medo de situações desconhecidas e medo de não conseguir realizar a etnografia.

A sensação de medo não dissipou no desenvolvimento da pesquisa, muitas vezes foi realçada, principalmente quando comecei a captar as imagens do programa *No Divã com a Diva*<sup>17</sup>, e ficava temerosa em ser abordada e levassem a filmadora que estava em minha responsabilidade. Assim, diferente de Larissa Pelúcio (2007b), quando fala a respeito de sua pesquisa sobre prostituição travesti, “o medo e o entusiasmo” me acompanharam não só nas primeiras incursões noturnas. Ele persistia muitas vezes silenciosamente ao lado da sensação de conforto que foi se estabelecendo durante o percurso da pesquisa de campo.

Durante as primeiras incursões no campo caminhava incerta, porém disposta a encontrar minhas possíveis interlocutoras. A cada entrada na cena noturna levava comigo a ansiedade de estabelecer o mínimo de contato com alguma travesti. Seguia principalmente observando, mensurava o momento adequado para realizar uma aproximação que não fosse precipitada. Nesta expectativa, passava a noite nos lugares onde se podia perceber a concentração de algumas travestis: bares, boates, barraquinhas ou nas ruas. Quando tinha oportunidade participava de reuniões ou eventos, como os encontros direcionados para articulação política de travestis e transexuais.

Em campo persistia a dificuldade em encontrar travestis que tivessem disponibilidade para participar da pesquisa. Diante dessa dificuldade, me redirecionei para outros espaços de sociabilidades do “universo trans”<sup>18</sup>. A intenção era acessar uma rede de travestis através da entidade que as representava em Pernambuco. Assim, entrei em contato com Chopelly, que naquele momento respondia pelo movimento, e foi marcado um encontro em sua casa, sede provisória da AMOTRANS.

---

<sup>16</sup> Essa vulnerabilidade me fez lembrar do texto de Aline Bonetti (2006) em que ela faz uma reflexão sobre o trabalho de campo na cidade do Recife. Para a autora existia uma pedagogia a ser aprendida relacionada a três questões: a primeira é que o medo, a violência e a segurança eram importantes temas locais, a segunda refere-se ao reconhecimento de uma potencial vulnerabilidade e por último, existia uma tendência para cultivar a sensibilidade do medo.

<sup>17</sup> Sobre esse programa volto a falar com mais detalhes posteriormente.

<sup>18</sup> Utilizo esse termo em concordância com Benedetti (2005). Sobre o termo o autor justifica: “Prefiro utilizar o termo universo *trans* em função de sua propriedade de ampliar o leque de definições possíveis no que se refere às possibilidades de ‘transformação de gênero’. Essa denominação pretende abranger todas as ‘personificações’ de gênero polivalente, modificado ou transformado, não somente aquelas das travestis” (p.17).

Em uma conversa informal e rápida, pois Chopelly se mostrou muito prática e objetiva, foi feito o convite para uma reunião na UFPE. Esta reunião tinha como finalidade apresentar detalhadamente a proposta do projeto *Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires*, dialogar como poderia ser a participação das travestis, além de conhecer a organização e demandas do movimento, na perspectiva de realizar ações conjuntas.

No dia da reunião a falta de energia elétrica tomou conta de alguns prédios da UFPE, afetando inclusive o que estava reservado para receber as travestis. Chopelly tinha pedido uma sala com computador, caixas de som e data show, pois havia preparado uma apresentação sobre a diferença existente entre travestis e transexuais, bem como mostrar o histórico e ações da AMOTRANS. Sem energia ficava inviabilizado o encontro neste formato, mesmo porque a reunião iria ocorrer no sétimo andar e a falta de elevadores prejudicava o deslocamento. Chopelly chegou com Vanessa e a apresentou como futura integrante da direção da AMOTRANS, informando que a entidade passaria por eleições em breve. Depois de um impasse e a proposta de desmarcar a reunião (algo que não estava previsto pelo grupo, visto a dificuldade em encontrar travestis dispostas a participar do projeto), a situação foi resolvida. A reunião passou para o primeiro andar e a apresentação trazida por Chopelly foi realizada sem muitos prejuízos no notebook em uma sala de aula.

No final da reunião tentei me aproximar de Vanessa e perguntei sobre a possibilidade de me recomendar a alguma travesti com idade por volta dos sessenta anos. Neste momento ainda estava usando o critério etário para encontrar minhas interlocutoras. Vanessa em tom enfático disse que seria difícil encontrar “*travestis velhas*”, pois muitas já tinham morrido vítimas de alguma doença ou de atos violentos e ela desconhecia alguma que pudesse me repassar o contato. Esse tipo de comentário feito por Vanessa também é trazido pelo autor Pedro Paulo Sammarco Antunes (2010) em sua pesquisa, *Travestis envelhecem?* “Muitas travestis me alertaram que seria difícil encontrar travestis idosas, ou por estarem ocultas, preferindo uma vida mais reclusa e discreta ou porque já haviam falecido devido a seu contexto existencial violento” (p.124).

Depois de certo período de idas e vindas fui pouco a pouco percebendo a dificuldade em me aproximar das travestis. Sentia-me uma estranha em uma terra desconhecida, sem saber como me comunicar com as “nativas”. Em casa, refletindo e

escrevendo o diário de campo, percebia o quanto se tornava necessária a presença de uma pessoa para mediar o contato com as travestis.

Aos poucos a névoa de dificuldades foi se dissipando. No dia do lançamento do livro *Viagem Solitária: Memórias de um transexual 30 anos depois*, de João W. Nery, primeiro homem transexual do Brasil<sup>19</sup>, conheci Luciano Palhano, que participava da organização do evento. Palhano se autodenomina como homem trans<sup>20</sup> e participa do movimento organizado de Pernambuco, reivindicando entre outras questões o reconhecimento e respeito aos direitos dos/as transexuais. Ao saber sobre minha pesquisa aceitou prontamente ajudar. Ele facilitou minha entrada, pois mantinha uma rede de relações que foi fundamental para o andamento da pesquisa. A partir dele fui conhecendo um número maior de travestis. Comecei também a ficar mais a vontade e ambientada dentro dos espaços que Luciano me inseria. Assim, aos poucos o campo se abria fazendo-me mais presente nos espaços de sociabilidade do “universo trans”.

Em abril de 2012 participei do III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco articulado pelo movimento AMOTRANS. Estava com Indira Corban representando o grupo *Crisálidas* e com a tarefa de documentar alguns momentos do evento<sup>21</sup>. No começo ficamos um pouco intimidadas diante de roupas, saltos, maquiagens, acessórios, gestos, altura e movimentos que compunham imagens diversas de travestis glamorosas. Destoávamos e não sabíamos como nos aproximar. Neste momento Chopelly surgiu no saguão do hotel, onde estava sendo realizado o evento, chamou atenção das travestis e transexuais presentes e fez questão de nos apresentar e dizer que estávamos filmando o Encontro e por esse motivo precisávamos da ajuda de todas que estavam no evento.

---

<sup>19</sup> Este lançamento foi organizado pelo Grupo de Homens Trans do Recife e a Associação Brasileira de Homens *Trans* – Núcleo Recife, acontecendo no dia 1º de março de 2012, no auditório da Livraria Cultura.

<sup>20</sup> Entendo que classificar as experiências relacionadas com a sexualidade é algo complicado, pois estas geralmente se complexificam e vão além dos discursos médicos e/ou acadêmicos. Entretanto para que leitores e leitoras tenham maior compreensão de alguns termos utilizo a definição de Almeida (2012) para “homens trans”: “os indivíduos com corpos que foram inicialmente designados como ‘femininos’, mas que em alguma medida (variável) se opõem a essa designação.[...] Os homens trans são diferentes entre si em função dos próprios marcadores sociais de diferenças, como a classe social, a raça/cor, a orientação sexual, a geração, a origem geográfica, entre outras. Eles, de modo geral, utilizam o termo ‘transexual’ ou ‘trans’ frequentemente tomando-o como adjetivo e, por isso, precedido pelo substantivo ‘homem’”( p. 515/517).

<sup>21</sup> O Encontro ocorreu entre os dias 26 a 30 de abril de 2012 no Hotel Canários, localizado no bairro de Boa Viagem, no Recife.

A atitude de Chopelly veio naquele momento como um “passe livre” para trafegarmos e conversamos com as travestis e transexuais. Assim, nos sentimos mais confortáveis depois da apresentação, pois até então o sentimento era de constrangimento por invadir o momento delas. Essa sensação foi dissipando à medida que éramos acolhidas. Durante os dias que decorreram o encontro colhemos algumas falas das participantes, na intenção de saber quais as impressões delas sobre o encontro e conhecer um pouco da experiência de vida de quem concordou em conceder entrevistas. Nesta atmosfera de acolhimento consegui o telefone de oito travestis que fiquei de contatar posteriormente. Dessas oito só duas concordaram em conceder entrevista.

Foi no segundo dia de encontro que conheci Bia. Ela concordou em falar sobre o evento, revelou que era a primeira vez que participava e que veio a convite de uma amiga também travesti. Bia logo estava falando sobre sua vida, especificamente a respeito do acidente que sofreu há um ano. Diz ela:

Eu ia trabalhar a domicílio. Eu ia de 8h da manhã. Tomei banho. Ainda olhei para o espelho para me pentear, aí não me deu vontade de sair. Aí, depois me deitei no sofá. Depois me levantei de novo, e aí disse eu acho que eu vou ganhar esse dinheiro. Aí fui, fui me bora! Peguei minha maleta, minha bolsa. Aí vou andando pela avenida quando de repente encontro três colegas mulher, aí eu disse vai pegar o metrô?... Vou borá!! Aí, a gente tudo conversando. Quando a gente chega na avenida, aí um rapaz, 16 anos, tava com mais quatro tudo de menor, ligando um carro. Aí, quando ele liga a Kombi, a Kombi não pega e a gente vai passando. A Kombi no meio fio. Quando a gente passa da Kombi, que a Kombi pega já foi em cima da gente. Aí eu empurrei as meninas pro lado. Por quê? Porque se elas viessem junto comigo, poderiam morrer alguma ali, debaixo daquele carro. Como eu empurrei as três, quer dizer que eu fiquei debaixo dele, né! E elas caíram, quebraram pernas e tudo e eu fiquei naquele acidente ali. Fiquei debaixo daquela Kombi, que na hora apareceram cinco rapazes, levantaram a Kombi pra poder me tirar de dentro, debaixo da Kombi. E o garoto que tava dirigindo fugiu correndo! (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2011)

Em sua fala havia uma necessidade em ser ouvida, em compartilhar suas experiências. Aliás, esta necessidade se repetia em outras travestis que participaram daquele encontro, mas em Bia era ressaltado por uma urgência relacionado às marcas que seu acidente tinha provocado<sup>22</sup>. Tal urgência foi recorrente em outros momentos que estive com ela.

---

<sup>22</sup> O acidente ocorreu no dia 27 de maio de 2010. Bia teve fraturas nos dois braços e em três costelas, além de um corte profundo na pálpebra direita que atrapalha a movimentação das sobrancelhas.

Depois de ouvir seu relato peguei seu contato e dias depois tentei marcar uma entrevista. Sua primeira reação foi saber o que seria perguntado, demonstrando pelo telefone um pouco de receio. Expliquei que estava fazendo uma pesquisa e que gostaria de saber sobre sua trajetória de vida<sup>23</sup>. Mesmo desconfiada ela concordou e combinamos de nos encontrarmos no dia 27 de maio, às 14 horas, em sua casa, localizada no bairro do Ibura<sup>24</sup>. Assim, Bia tornou-se minha primeira interlocutora.

Foi também no segundo dia que conheci Joelma. Envolvida pela dinâmica do evento e eufórica com os depoimentos, fui atraída pela desenvoltura, carisma e simpatia de Joelma. Sua receptividade logo me deixou à vontade. Durante todo o evento, autorizada pela intimidade forjada naquele instante, puxava brincadeiras e tirava fotos comigo e Indira. Espontânea e sempre com um sorriso largo no rosto compartilhou um pouco de sua história e ao saber sobre minha pesquisa concordou prontamente em me ajudar fornecendo telefone para contato posterior.

Como combinado entrei em contato por telefone, porém ela justificou que estava em processo de mudança de casa e ministrando um curso e por isso não poderia me receber. Insisti perguntando sobre um momento mais propício e ela indicou que eu a procurasse novamente no mês de agosto. Quando chegou agosto restabeleci contato, porém mais uma vez ela não me recebeu afirmando que estava vivendo um período de muitas atribuições e que seria inviável marcar uma entrevista. Depois desses desencontros resolvi não procurar mais Joelma. Entretanto, em março de 2013, envolta com o fechamento do grupo pesquisado, resolvi tentar pela última vez marcar um encontro. Assim, telefonei para ela. Recuperando sua memória me rerepresentei e falei novamente sobre a pesquisa. Joelma em tom afetuosa exclamou: *Você ainda está precisando de alguém para entrevistar!* Informei que estava e com isso ela concordou em me receber.

---

<sup>23</sup> Muitas das informações relatadas na entrevista desse primeiro encontro foram complementadas com informações fornecidas no segundo encontro.

<sup>24</sup>“O bairro do Ibura, localizado na zona Sul da cidade do Recife é conhecido pelo seu alto índice de violência, o que lhe garante constantes aparições nas páginas policiais dos jornais pernambucanos. Mas poucos sabem que o Ibura tem uma história bem diferente para contar. O bairro surgiu ainda no século XIX e, antes de ser o que é hoje, era um engenho de cana-de-açúcar, o qual se localizava na área que o bairro ocupa hoje. O nome Ibura é de origem Tupi e significa ‘água que arrebenta’ ou fonte”. Disponível em: <<http://cooperacaocomunitaria.blogspot.com.br/2010/06/ibura-um-bairro-com-historia.html>> Acesso em 05 nov. 2012.

Em uma noite do mês de março de 2012, sentada em uma das mesinhas improvisadas das barracas dispostas nas calçadas que circundam a boate MKB<sup>25</sup>, eu tomava uma cerveja acompanhada por Luciano Palhano. Era o primeiro momento que saía com ele na perspectiva de encontrar possíveis interlocutoras. Sentada, ouvindo as informações que ele fornecia e observando as pessoas que circulavam por aquele espaço, fui apresentada por Luciano a algumas travestis<sup>26</sup> e transexuais. Foi neste momento que tive o primeiro contato com Christiane Falcão. A cada passo seu era constantemente parada por admiradores e amigos. Luciano, que dava referência de quem passava e podia ser uma interlocutora, logo tratou de me informar que Christiane poderia ser uma interlocutora em potencial por sua experiência de vida. Ele a chamou para sentar e me apresentou a ela informando sobre a pesquisa. Christiane se prontificou em ajudar no que fosse necessário, porém estava com pressa, pois tinha que receber na boate um prêmio de melhor performance travesti e ainda precisava se preparar. Assim, em um encontro rápido, ela me deu seu número de telefone. Naquele momento ela foi apresentada por Luciano como *a travesti mais experiente e reconhecida na cidade*. Esses adjetivos ressaltados por Luciano levou-me a refletir sobre o próprio trajeto feito por Christiane. Tentava perceber de que forma a perda desse reconhecimento poderia estar relacionada à ideia de envelhecimento.

A agenda de Christiane Falcão e os percalços da pesquisa acabaram adiando um encontro mais longo. Fui revê-la em agosto na plenária temática do Orçamento Participativo voltada para o público LGBT<sup>27</sup>. Além das discussões, a plenária foi marcada por performances artísticas<sup>28</sup>, onde tive a oportunidade de conhecer Jéssyka Tylor, que viria a ser uma de minhas interlocutoras por intermédio de Christiane Falcão. Naquele dia elegeram-se 15 delegados do segmento LGBT, dentre esses Christiane e Jéssyka foram eleitas como representantes de travestis e transexuais. A plenária terminou tarde naquele dia e não foi possível marcar algo com Christiane Falcão, pois esta já tinha outro compromisso e precisou sair rapidamente. Os dias se passaram e

---

<sup>25</sup> Abreviação de “Meu Kaso Bar”. Esta boate faz parte do circuito de sociabilidade LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, da noite do Recife, localizada no bairro da Boa Vista.

<sup>26</sup> Peguei o telefone de cinco travestis que concordaram em colaborar com a pesquisa, mas acabaram desmarcando, não retornando as ligações ou não comparecendo aos encontros marcados.

<sup>27</sup> A plenária ocorreu em uma sexta-feira, dia 24 de agosto de 2012 às 19h no antigo Colégio Nóbrega, no bairro Boa Vista.

<sup>28</sup> Consta que “No evento haverá uma apresentação das divas da noite recifense: Andreia Vallois, Janaína Falcão, Raquel Simpson, Crhystiane Falcão e Jéssyka Taylor”. Disponível em <<http://www2.recife.pe.gov.br/op-tematico-vai-escolher-as-prioridades-para-o-segmento-lgbt/>> Acesso 26 ago. 2012

fiquei receosa em telefonar depois de tanto tempo, não sabia se ela iria lembrar de mim. E depois de tantas negativas que tinha recebido, pensei que seria melhor esperar uma nova oportunidade.

Em novembro de 2012 fui convidada por Luciano Palhano, através de um convite postado no *facebook*<sup>29</sup>, para participar da gravação na sauna Club 111<sup>30</sup>; Tratava-se de um programa piloto direcionado ao público LGBT, com o objetivo de promover a “cidadania e cultura desta comunidade”. O programa foi intitulado *No Divã com a Diva* e tinha como “apresentadora trans, Christiane Falcão, pernambucana com sucesso nacional e internacional”<sup>31</sup>.

No dia marcado estava ansiosa tanto para presenciar o desenvolvimento e formato do programa como para entrar pela primeira vez em uma sauna masculina<sup>32</sup>. Fiquei encantada com a dinâmica daquele lugar. Ao entrar você recebe uma chave de armário enumerada para se quiser guardar suas roupas e pegar a toalha. O número da chave também serve como referência para anotar sua consumação no bar. De posse de minha chave fui consumir uma bebida no bar. Pouco tempo depois encontrei com Luciano organizando os últimos ajustes do programa. Soube por ele que não tinham conseguido filmadora e estavam planejando filmar com uma câmera fotográfica. Neste instante me ofereci para captar as imagens com a filmadora que estava sob minha posse. De imediato ele concordou e a partir desse momento fiquei responsável em filmar *No Divã com a Diva* todas as sextas.

Quando assumi o registro das imagens do programa passei a ficar mais próxima de Christiane. E não só isso, a partir de então comecei a ter visibilidade para outras travestis<sup>33</sup>. As filmagens ocorreram todas as sextas de novembro e dezembro e, apesar de tentarmos marcar uma conversar antes ou depois do programa, geralmente algum empecilho acabava surgindo. O programa também proporcionou um reencontro rápido com Jéssyka Tylor.

---

<sup>29</sup> Rede social criada em 2004.

<sup>30</sup> A sauna faz parte da rede de espaços de sociabilidade LGBT localizada no bairro da Boa Vista, Recife-PE.

<sup>31</sup> Retirado do convite para participar da estreia do programa enviada via facebook feita por Luciano Palhano. Ver anexo A.

<sup>32</sup> Nas saunas masculinas não é permitido a entrada de mulheres. Segundo o dono da sauna Club 111, há frequentadores que não querem e/ou não podem ser identificados com esse lugar, pois tem uma vida heterossexual que desejam preservar.

<sup>33</sup> O processo no qual passei de observadora para a responsável pelo registro das imagens e a importância disso para pesquisa, relato posteriormente no capítulo intitulado “Trajeto etnográfico: Mosaico metodológico”.

Em meados de dezembro viajei à Fortaleza para reencontrar meus familiares e amigos. Neste período a descoberta de uma doença interferiu em minha volta ao Recife em janeiro de 2013 e no desenvolvimento da dissertação. Só em março consegui retornar e realizar a entrevista com Christiane Falcão. Depois de alguns encontros desmarcados fui convidada por ela a participar de uma oficina promovida pela Gestos<sup>34</sup> para lideranças trans<sup>35</sup>. A ideia proposta por ela era que eu conhecesse outras travestis e/ou transexuais e realizar as supostas entrevistas no mesmo dia. Diante desse ensejo chamei Marcelo Cavalcanti<sup>36</sup> para me ajudar a captar as imagens das entrevistas videogravadas. Comecei a tatear o auditório e as pessoas presentes na perspectiva de perceber quem teria disponibilidade de participar da pesquisa. Assim, circulando cautelosamente pelo espaço procurava conversar informalmente com as participantes. De repente Christiane já tinha intercedido justificando nossa presença para os coordenadores da oficina, intercedeu novamente no sentido de tornar Jéssyka uma de minhas “informantes”. Assim, fui apresentada “formalmente” e com a mediação de Chris consegui a disponibilidade de Jéssyka Tylor em conceder uma entrevista. A entrevista ficou inviável naquele dia, pois a oficina terminou tarde e não tinha iluminação para captar as imagens. Dessa forma, marcamos para quinta 21 de março e como sugerido por elas. As entrevistas seriam feitas com as duas no mesmo local, mas em momentos diferentes. No dia anterior liguei para confirmar o local e Jéssyka sugeriu que eu fosse a sua casa. Devo confessar que fiquei entusiasmada, pois uma das sugestões para realizarmos as entrevistas era em um parque público. Neste contexto a casa representava um encontro mais íntimo.

Como dito anteriormente, o trabalho de campo foi realizado na cidade do Recife, no período de agosto de 2011 até abril de 2013. As interlocutoras são três

---

<sup>34</sup> A Gestos - HIV e AIDS + Comunicação + Gênero é uma Organização não governamental “tem por objetivo defender os Direitos Humanos das pessoas soropositivas para o HIV e das populações vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis e ao vírus que provoca a AIDS. Para isso, são produzidos e utilizados conhecimentos de diversos campos, para que a instituição atue nas áreas de Educação, Comunicação e Políticas Públicas na perspectiva da Cidadania Sexual, Equidade de Gênero e Justiça Social”. Disponível em <<http://www.gestos.org/adm/>> Acesso em 21 mar. 2013.

<sup>35</sup> A oficina ocorreu na sede da entidade, localizada no bairro Boa Vista. “Aconteceu na segunda-feira, 18 de março, no auditório da Gestos, a primeira oficina sobre Liderança e Advocacy para o grupo de travestis e transexuais que participam do projeto Travestis, transexuais e práticas de saúde e direitos humanos no estado”. Disponível em <<http://www.gestos.org/adm/>> Acesso em 21 mar. 2013.

<sup>36</sup> Amigo e companheiro do grupo *Crisálida*, também participou do projeto *Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires*, mencionado anteriormente. Marcelo neste momento já tinha estreitado amizade com Christiane, fruto de um projeto que trabalharam juntos em uma ONG. Mesmo assim, nos momentos que esteve presente, inclusive nas entrevistas, auxiliando na composição de um clima mais informal, foi negociado com as interlocutoras e este só esteve presente com o consentimento delas.

travestis e uma transexual que disponibilizaram seu tempo e concordaram em compartilhar suas trajetórias de vida através das lembranças, dos vínculos afetivos, das atividades cotidianas, das sociabilidades e das práticas sexuais. Esclarecendo que a intenção não foi delinear um perfil de grupo, mas perceber nos relatos sentidos atribuídos à própria experiência. Assim, a partir de seus discursos faz-se uma inserção em suas trajetórias de vida percebendo similitudes e diferenças em cada experiência e nas impressões relatadas sobre processo de envelhecimento. Essas trajetórias são compreendidas com base no “paradigma do curso da vida”<sup>37</sup> que se coloca em contraposição à ideia cronológica que demarca a vida através estágios previsíveis. Através do “paradigma do curso da vida”, qualquer ponto da trajetória de vida pode ser analisado de uma perspectiva dinâmica como consequência de experiências passadas e expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente (SIMÕES, 2004).

Desse modo, o primeiro capítulo intitulado *Trajeto etnográfico: mosaico metodológico* aborda algumas das inquietações e dificuldades que apareceram durante o percurso de campo. Informações sobre a pesquisa apresentam-se como peças de um mosaico complicado, que gradativamente foram contribuindo, permeando, tanto a escolha da abordagem metodológica quanto a produção do presente texto. Este capítulo também apresenta o uso da imagem como instrumento importante onde tanto a fotografia quanto as imagens videogravadas foram acionadas para mediar o diálogo entre pesquisado e pesquisador quanto para suscitar um tipo de narração que não só informa, mas informa interpretando (MARTINS, 2011).

O segundo capítulo apresenta discussão preliminar sobre as peculiaridades que cercam o estudo referente às travestis. Questões relacionadas à definição de travestilidades, gênero e sexualidade, perpassando as discussões sobre corpo e periodização da vida serão pontuadas. Ainda neste capítulo apresenta-se o “paradigma do curso da vida”, como categoria relevante para se compreender as experiências relatadas pelas travestis. Este paradigma inscreve-se como alternativa aos modelos que tendem a seguir o processo de vida como estágios lineares e progressivos, em que a experiência se formula inserida na ideia de desenvolvimento e declínio. Neste sentido,

---

<sup>37</sup> Sobre o “paradigma do curso da vida” voltarei a falar mais detalhadamente em outro momento do texto.

alguns discursos elaborados por teóricos serão visitados a fim de auxiliar as reflexões sobre essas categorias.

Quanto ao terceiro capítulo, trata-se da apresentação das travestis como sujeitos dessa pesquisa. A partir de seus relatos acesso seus cotidianos, suas percepções sobre o envelhecimento e os significados dados às suas experiências. Neste capítulo, o leitor e a leitora serão convidados(as) a compartilhar as conversas, as entrevistas e as impressões que tive durante os encontros com cada interlocutora.

Finalmente são apresentadas as considerações finais buscando sintetizar as informações obtidas durante a pesquisa de campo e que estão diluídas dentro do texto, além de evidenciar questões que perpassam corpo, gênero, sexualidade e envelhecimento suscitados nos discursos elaborados a partir das experiências das interlocutoras dessa pesquisa.

## 1. TRAJETO ETNOGRÁFICO: MOSAICO METODOLÓGICO

O caminhante sabe a direção que quer tomar, conhece os mapas, os obstáculos, a direção dos ventos, ouviu falar de certos atalhos que pode usar alternadamente, mas é fundamentalmente no caminho que, obviamente, faz a sua própria trajetória. (DIÓGENES, 1998, p.61)

A pesquisa antropológica exige um cauteloso e constante exercício de artesanaria diante do leque de possibilidades que aparecem gradativamente durante o percurso da experiência em campo. Ao longo desta pesquisa fui entrecortada por situações adversas, inquietações, dúvidas, sobressaltos, encontros e desencontros que contribuíram, de uma forma ou de outra, para reflexões e um redirecionamento do olhar diante do que pesquisava. Neste capítulo busco apresentar alguns desses momentos que permearam a minha artesanaria metodológica. Pontos nas linhas aleatórias de minha experiência em campo, que convergiram para a experiência propulsora de produzir uma trama forjada por textos, contextos, impressões e intenções na tentativa de criar um mosaico coerente.

### 1.1 Incursões sobre o tema

Ao decidir enveredar pelo “universo trans” e refletir sobre a experiência travesti, um dos primeiros questionamentos que formei foi o de como definir travestis. O receio e incômodo<sup>38</sup> em classificar uma experiência tão complexa que envolve questões associadas à (auto)identificação se fez presente durante todo o percurso da pesquisa. Desta forma optei por trazer as definições dadas pelas interlocutoras dessa pesquisa, por compreender que as experiências de gênero não podem ser reduzidas a uma unidade (AMARAL, 2012). Portanto, para iniciar a discussão tomo emprestada a definição dada por Joelma<sup>39</sup>: *Ser travesti é olhar o mundo de forma feminina, além de olhar o mundo de forma feminina, é ser flexível feito bambu de chegar até lá embaixo e voltar e não quebrar[...]*.

Na trama das categorias utilizadas chamo atenção primeiramente para a escolha em trabalhar com o termo travestilidades. A autora Larissa Pelúcio (2007a), ressalta que o conceito de travestilidade alarga aspectos da categorização identitária do

<sup>38</sup> Este incômodo acerca da definição de travestis também pode ser visto nos trabalhos de Suzana Lopes (1995), Larissa Pelúcio (2007a), Marília dos Santos Amaral(2012).

<sup>39</sup> A definição de Joelma foi colhida em um depoimento concedido quando esta participava do III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco.

termo travesti, que para ela pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades de viver esta condição. Segundo Pelúcio,

A travestilidade aponta para a multiplicidade dessa experiência, ligada à construção e desconstrução dos corpos. Ainda que haja uma rigidez na gramática de gênero das travestis, há também uma patente fluidez na elaboração de categorias êmicas autotaxionômicas, uma vez que estas estão estreitamente ligadas a marcas identitárias que se associam ao trânsito dos corpos pelos territórios, o que se vincula, por sua vez, às transformações desses mesmos corpos (PELÚCIO, 2007a, p.18).

Concordo com a autora que o termo contribui para alargar a compreensão da gama de possibilidades de se viver a experiência travesti. Porém, diferente de Pelúcio preferi utilizar o termo no plural. Por entender, assim como a autora Marília Amaral (2012), que usar travestilidades amplia e faz perceber as múltiplas possibilidades existentes nas experiências das travestis.

O termo travestilidades também faz parte do quadro de reivindicações políticas da militância travesti com perspectiva de romper com o uso do “ismo” de “travestismo”, associado à doença e patologia. Como salienta Marília Amaral (2012), a mudança no sufixo “ismo” é uma das propostas que se formula na intenção de superar o modelo psiquiátrico que se pauta no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID) que faz uso do termo “travestismo” para diagnosticar as experiências das travestis como doença associada às descrições do Transtorno de Identidade de Gênero.

Quando cheguei ao campo, minha primeira intenção era realizar a pesquisa com quem se (auto) identificasse como travesti. Porém, mais uma vez o campo apresentou uma de suas armadilhas, fazendo modificar os contornos da pesquisa e aprender com os caminhos contornados.

Como relatei anteriormente, foi em uma noite de março de 2012 que estive a primeira vez com Christiane Falcão. Naquele momento ela foi apresentada como travesti e não contestou tal apresentação. Aliás, naquela mesma noite ela recebeu o prêmio de melhor performance travesti do ano.

Em novembro de 2012, em uma noite de gravação do programa, ouvi Christiane se identificar como *mulher trans*. Essa identidade móvel já tinha compartilhado não só com ela, mas com Bia e outras travestis que encontrei no campo e que infelizmente não fizeram parte da minha rede de interlocutoras. Testemunhei

discursos fluindo e deslizando entre uma identificação homossexual e uma identificação travesti. Percebi que a fala de Chris sobre transexualidade tinha se tornado mais elaborada sob a influência de Luciano Palhano, que como já havia dito é homem trans. Exemplo dessa influência foi a repetição, tanto no programa quanto na entrevista, do discurso feito por Luciano para explicar transexualidade no quadro *Sexo no Divã: Como ele na semana passada disse, ninguém nasce homem e ninguém nasce mulher, nasce macho ou fêmea*. Ela completa ressaltando: *Gente, olha, eu gostaria muito que vocês pudessem esclarecer as dúvidas de vocês, porque as minhas eu esclareço todos os dias em relação a Luciano*<sup>40</sup>.

Na pesquisa intitulada *Travestismo: mobilidade de identidades em Campina Grande*, a autora Cecília Patrício (2002) utiliza o conceito de “mobilidade de gênero” para explicitar que as travestis possuem identidades que são constantemente construídas. Para ela a mobilidade de gênero corresponde à identidade móvel. “Mobilidade significa a propriedade do que é móvel. Do que mobiliza, movimenta, muda, se transforma, perambula, flui” (PATRÍCIO, 2002, p.23). Entretanto, o caráter móvel acaba sendo delimitado pela autora que circunscreve essa mobilidade só a modelos de masculinidade ou de feminilidade. “O travesti que tenho conhecido, mais perambula pelo masculino e feminino do que se estabelece em uma destas categorias” (PATRÍCIO, 2002, p.28).

Acredito que o conceito de “mobilidade” defendido por Cecília pode ser ampliado para acessar outros modelos de identificação e não só o feminino ou masculino. Por exemplo, percebo em Bia os moldes de “mobilidade” expressos por Cecília Patrício quando em entrevista ela diz:

Tanto eu vou para minhas atividades de calça jeans de tênis, entendeu?! Nem toda hora, nem toda ocasião, alguns lugares eu tô transformado não! Tem lugares que eu gosto de entrar de tênis, de camisa, eu tenho até aí roupa de homem e roupa de mulher, mas gosto mais de me transformar a noite (Bia, entrevista realizada dia 27 de maio de 2011).

Pode-se perceber neste discurso que Bia performatiza o feminino ou masculino dependendo do contexto mais adequado para exercer cada performance. Como por exemplo, assinalou que quando trabalhava no Shopping Recife preferia usar roupas “normais” de homem. Esse retorno ao masculino, seja nos atos sexuais ou na

---

<sup>40</sup> Fala de Christiane Falcão no programa *No Divã com a Diva* chamando Luciano Palhano para apresentar o quadro *Sexo no Divã*.

posição que assume nas ruas, segundo Patrício, é um dos aspectos da “mobilidade” travesti caracterizada pela possibilidade do retorno, do reverso, do desfazer, do movimento no gênero e no corpo (PATRÍCIO, 2002).

Entretanto, no caso descrito acima sobre Christiane Falcão, também existe uma “mobilidade” operando em sua experiência quando ela se percebe vivenciando a transexualidade. Neste sentido, Benedetti (2005) chama atenção para o universo trans e as (auto)identificações enfatizando a “mobilidade” de definições distintas para tipologizar homens em (termos anatômicos e fisiológicos) que se constroem corporal, cultural e subjetivamente de forma feminina. Dessa forma, mantive Christiane Falcão como uma das interlocutoras desta pesquisa.

Tanto no trabalho de campo quanto durante o processo de escrita outra questão que apareceu foi referente à decisão de qual artigo seria utilizado para anteceder o termo travesti. Já tinha percebido que uns autores privilegiavam a utilização do artigo feminino “a” (PELÚCIO, 2004; 2005; 2007; SIQUEIRA, 2004; AMARAL, 2012) outros utilizavam o artigo masculino “o” (OLIVEIRA, 1994; SILVA, 2007), porém, foi no campo que esta questão suscitou maiores dúvidas.

O primeiro momento que provocou inquietações sobre o uso do artigo foi quando ao entrevistar uma de minhas interlocutoras, que atendia pelo nome feminino de Bia, constatei que esta narrava suas experiências empregando o artigo masculino ao se referir a si mesmo. Assim, diante dessa situação começaram a emergir dúvidas no modo de como citar Bia no texto. Inquieta, peguei o meu diário de campo e comecei a rever minhas observações no intuito de encontrar algo que auxiliasse na resolução desta questão. Relendo as experiências vivenciadas com as travestis encontrei um momento pontual que aconteceu no início da pesquisa.

No dia 6 de outubro de 2011 como parte da programação do XVIII Encontro Nacional de Travestis, Transexuais e Liberados na luta contra a AIDS - ENTLAIDS<sup>41</sup> houve uma audiência pública para discutir as conquistas e lutas desse movimento<sup>42</sup>. Na ocasião foi apresentado um documentário que continha depoimentos de travestis e

---

<sup>41</sup> Este encontro “reuni travestis, transexuais e liberados, ativistas, técnicos de todo o país, promove a troca de experiências e estabelece estratégias que objetivem a redução da transfobia na sociedade brasileira. O evento propõe debater questões ligadas a cidadania e direitos humanos, tendo como objetivo o fortalecimento da organização social e política das cidadãs travestis, transexuais” (LINO *et al*, 2011, p.7). O evento foi realizado na cidade do Recife nos dias 5 a 8 de outubro de 2011.

<sup>42</sup> A audiência pública aconteceu no Centro Cultural Rossine Alves Couto e teve como tema: XVIII anos de movimento de travestis e transexuais: conquistas e lutas.

transexuais falando sobre suas vidas, empregos, ocupações e dificuldades. No final o diretor foi convidado à mesa para falar sobre o processo de produção e finalização do vídeo. Em sua fala empregava os artigos masculinos “o” e “um” ao se referir as travestis e transexuais. Esta situação causou burburinhos na plateia e intervenções das participantes questionando a falta de cuidado e o desconhecimento de suas lutas. A respeito desta questão Benedetti atenta,

Além das razões que valorizam o próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis, que levam em conta a utilização êmica desse termo, usualmente empregado na flexão feminina, há uma justificativa política. O respeito e garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais (BENEDETTI, 2005, p.19).

Dessa forma, mesmo com uma entrevistada que se identifica com artigo masculino, preferi adotar “as travestis” ao invés de “os travestis” ao me referir as interlocutoras dessa pesquisa. Partilho da observação de Pelúcio (2004) que pontua: “Ao construir para si uma imagem feminina, adotando, inclusive, nome de mulher, me parece que preferem ser tratadas no feminino” (p.125). Também por reconhecer as reivindicações referentes ao uso do nome social<sup>43</sup>, empreendida pelos movimentos de travestis e transexuais e como parte da política de promoção e defesa dos direitos humanos.

Procurei em cada incursão no campo e/ou nos encontros com as travestis/transexuais acessar suas “teias de significado”, a fim de compreender os sentidos que elas atribuíam as suas experiências e ao significado de envelhecer. A descrição feita serviu para evidenciar particularidades no fluxo do discurso tentando perceber tanto o dito quanto o não dito. Para a realização desta pesquisa utilizei o método etnográfico na perspectiva de perceber e interpretar as “teias de significados” tecidas pelas travestis.

À medida que prosseguiam minhas observações, tentava desenvolver um olhar de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), exercitando uma etnografia<sup>44</sup>

<sup>43</sup> Entende-se por nome social aquele pelo qual as travestis e transexuais se identificam e são identificadas pela sociedade. Disponível em: <ftp://ftp.saude.sp.gov.br/ftpssesp/bibliote/informe\_eletronico/2010/iels.mai.10/tels94/U\_PT-MPOG-MG-233\_180510.pdf> Acesso em 10 ago. 2012

<sup>44</sup> Em artigo, José Guilherme Cantor Magnani reflete sobre o processo etnográfico na cidade escrevendo que “a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que

preocupada com questões ligadas às travestilidades. Os momentos nos espaços de sociabilidades foram marcados pela informalidade. Aqui a observação participante<sup>45</sup> foi utilizada como método, tanto para conduzir conversas informais na expectativa que estas revelassem informações para pesquisa quanto para perceber situações cotidianas e as interpretações dadas pelas travestis a estas situações. Por meio de anotações no diário de campo, ouvindo informações esparsas, ficando na periferia das conversas, observando gestos, enfim deixando-me “contaminar com o local”<sup>46</sup>, foi possível extrair alguns elementos que foram importante no decorrer da pesquisa.

As experiências das travestis foram acessadas a partir de elementos trazidos em seus discursos e da análise de fotografias (quando possível) e material audiovisual produzido em cada momento com elas. Foram realizadas entrevistas videogravadas com enfoque biográfico<sup>47</sup>, nas quais as interlocutoras tratariam de questões de suas trajetórias de vida; experiências passadas, relação com familiares, trajetória afetivo-sexual e perspectivas futuras, tendo como eixo central o curso da vida e a relação com o próprio corpo. Essas entrevistas partiram de um roteiro inicial, mas não ficaram presas a este, sendo diversas vezes redirecionadas a partir das falas e interesses das entrevistadas.

Além das entrevistas, eventos (como apresentações em boates ou a participação de Encontros articulados pelo movimento de travestis e transexuais) foram filmados e/ou fotografados. Desse modo, a imagem apareceu na pesquisa como um instrumento subsidiar o trabalho de campo, na perspectiva de compreender as travestilidades.

---

não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o pesquisador iniciou a pesquisa” (MAGNANI, 2002, p.17).

<sup>45</sup> Howard S.Becker em seu livro *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais* fala sobre a coleta de dados através da observação participante. Para ele “o observador coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou” (HOWARD, 1993, p.47)

<sup>46</sup> Termo utilizado por Carlos Brandão (2007) quando faz reflexões sobre a pesquisa de campo.

<sup>47</sup> “La expresión enfoque biográfico constituye una apuesta sobre el futuro. Expresa una hipótesis, a saber, que el investigador que empieza a recolectar relatos de vida creyendo quizás utilizar una nueva técnica de observación en el seno de marcos conceptuales y epistemológicas invariables, se verá poco a poco obligado a cuestionarse estos marcos uno tras otro. Lo que estaría en juego no sería sólo la adopción de una nueva técnica, sino también la construcción paulatina de un nuevo proceso sociológico, un nuevo enfoque que, entre otras características, permitiría conciliar la observación y la reflexión. De allí el término enfoque biográfico” (BERTAUX, 1999, p.3).

## 1.2 Notas sobre a imagem na pesquisa

A imagem está presente na sociedade contemporânea, se difundindo aceleradamente em inúmeros espaços, e por isso se torna referência na construção de significados para os sujeitos. Para Bachelard “estamos mais do que nunca sujeitos à ação da imagem” (1991, p.5), encontramos-a em bancas de revistas, jornais, em novelas, filmes, na internet, em esquinas, nas casas, enfim, em uma série de lugares, interferindo e formando a experiência cotidiana. A utilização e a inserção das imagens mostram a importância que as mesmas ocupam no espaço social.

[...] vivemos em uma “civilização da imagem”, e sua utilização se generaliza cada vez mais, a ponto de podermos tanto observar quanto produzir imagens. Elas invadem nosso cotidiano através de telas de cinema e televisão, da publicidade, de exposições de toda ordem mas, também, das “novas tecnologias virtuais”, levando-nos a decifrá-las ou, senão, mantendo-nos em contato sistemático com múltiplas interpretações que emanam. (MONTE-MÓR; PEIXOTO, 2000, p.13).

Essa invasão de imagens, através de diferentes meios e presentes em diversos espaços, criam possibilidades variadas para interpretar a sociedade. Neste sentido, o olhar do observador pode ser seduzido e ao mesmo tempo convidado a refletir sobre seu próprio cotidiano. Portanto, a linguagem visual tanto pode servir para divulgar a ideologia dominante quanto para expressar ideias de mudanças sociais.

Quando se pensa nas experiências travestis deve-se refletir sobre as formas que estas lidam e constituem suas próprias imagens. Elas empreendem diversas intervenções corporais: utilizando hormônios, colocando silicones, usando vestimentas e acessórios, além de se servirem de sistemas simbólicos compartilhados culturalmente por seu próprio grupo (LE BRETON, 2007) a fim de criar um tipo de feminino. Desse modo, elencam outros aspectos como nome, estilo, gestos, posturas, formas de andar e tom de voz para constituição de suas imagens. Toda essa constituição corporal incide diretamente na incorporação de ideia de feminino que vai ser adotada, ou melhor, consumido para posteriormente ser exibido, ou melhor, vendido. Dessa forma, cria-se um movimento onde o consumidor vira mercadoria. Assim, a imagem visual das travestis estabelece uma ruptura de padrões, no que se refere à ação das travestilidades, ao mesmo tempo em que o universo feminino estabelecido pela cultura ocidental servirá de repertório para construção da aparência feminina (LIMA, 2007).

A primeira vez que tive contato com travestis/transexuais na cidade do Recife ocorreu quando participei da abertura, no Centro de Convenções em Olinda, do XVIII Encontro Nacional de Travestis, Transexuais e Liberados na luta contra a AIDS – ENTLAIDS. Neste evento fiquei um pouco deslocada de início procurando uma maneira de me aproximar das presentes. Observando a dinâmica daquele momento fiquei admirada com a quantidade de *flashes* disparados de diversas câmeras antes, durante e após a abertura do evento. Parecia que todas naquele recinto possuíam algum dispositivo para captar suas próprias imagens. Percebi então que a imagem poderia ser utilizada como meio de aproximação e facilitadora de meu trânsito naquele espaço.

Naquele momento a fotografia mobilizava as pessoas. Assim, circulando pelo local pedia o consentimento de travestis e transexuais para fotografá-las. Elas consentiam e se preparavam fazendo poses, destacando penteados e roupas, trabalhando sorrisos e olhares, além de fazerem uso de algum objeto, como um leque, para produzirem suas próprias composições. Cada uma que entrava na sala desfilava olhando para os lados, tentando avaliar o impacto que sua entrada provocava em quem já estava dentro da sala. Assim, cada composição era ressaltada pela imagem corporal que queriam apresentar. Seus sapatos altos, maquiagens, acessórios e vestuários, principalmente vestidos longos com cores fortes, saltavam aos olhos de quem observava. Tudo se conjugava para o visível. Um visível limitado, pois era consentido e reconhecido através de específicos espaços. Fora das boates, saunas, casas de show, eventos, encontros ou reuniões esta visibilidade tangenciava a vulnerabilidade.

A imagem também aparece na pesquisa pela vinculação desta ao projeto<sup>48</sup> *Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires*. A proposta inicial era convidar travestis a produzirem suas próprias imagens, através do ato de fotografar/filmar. Câmeras digitais seriam entregues nas mãos das participantes, onde poderiam filmar a si mesmas, além de pessoas e locais que fizessem parte de seus cotidianos; seja no trabalho, no lazer, em casa etc. O propósito era estimular a produção de conteúdo mais próximo do vivido e experimentado pelas travestis. Porém, no decorrer do projeto esta abordagem sofreu modificações, levando cada universidade participante a desenvolver alternativas no intuito de amenizar ou solucionar as dificuldades encontradas em seu contexto.

---

<sup>48</sup> Projeto já citado anteriormente (vide nota de rodapé p. 9).

Neste sentido, quando estava na pesquisa de campo entrevistando Bia, minha primeira interlocutora, resolvi levar comigo uma câmera filmadora, na perspectiva de captar as imagens de nosso encontro. No decorrer da entrevista perguntei a Bia se possuía fotos e se poderia mostrar-me. Ela trouxe alguns álbuns e começou a retirar suas fotografias colocando-as em cima do sofá. Cada retrato apresentado era acompanhado por um relato de Bia, ora incitado por minhas perguntas, ora estimulado pelas lembranças de suas experiências. Dessa maneira, a fotografia permitiu subverter o tempo. Conforme, Carvalho (2011), “os registros temporais se seguem ou são simplesmente embaralhados de tal modo que, num piscar de olhos, de uma imagem à outra, pode-se passar de bebê a velho” (p.111).

Foi dessa forma que a imagem acabou inserindo-se na pesquisa e no projeto. Com a filmadora na mão, acompanhava cada imagem destacada pelas interlocutoras e junto com ela o dito e o não dito presente em suas trajetórias de vida. Entretanto, pela dinâmica inesperada do campo, só foi possível realizar esse exercício de observação e filmagem de seus álbuns com duas entrevistadas: Bia e Jéssyka Tylor. Com Christiane Falcão a impossibilidade ocorreu devido ao fato de não termos realizado a entrevista em sua casa. Desse jeito as fotografias que tive acesso dela foram retiradas do *facebook*. Quero destacar que o álbum de Jéssyka também foi complementado por imagens retiradas dessa rede social. Já com Joelma, mesmo me recebendo em sua casa e concordando em apresentar seus registros fotográficos, a impossibilidade desse exercício foi gerada por não ter encontrado seus álbuns. Fato que associou a mudança da casa da mãe, onde antes estava morando, deduzindo que suas fotografias ainda estariam na residência materna.

Vale ressaltar que antes do início de cada entrevista, depois de fornecer informações sobre a pesquisa, foi pedido o consentimento das participantes para a utilização de suas imagens esclarecendo as formas que estas seriam vinculadas. Neste sentido foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>49</sup> para que as interlocutoras assinassem, ratificando a participação e esclarecimento sobre uso de suas imagens nesta pesquisa. Nenhuma interlocutora se contrapôs ao registro videográfico nem ao uso das fotografias.

---

<sup>49</sup>“O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento que informa e esclarece o sujeito da pesquisa de maneira que ele possa tomar sua decisão de forma justa e sem constrangimentos sobre a sua participação em um projeto de pesquisa. É uma proteção legal e moral do pesquisador e do pesquisado, visto ambos estarem assumindo responsabilidades”. Disponível em: <<http://www.cep.ufam.edu.br/index.php/tcle>> Acesso em: 13 jun. 2012. Ver modelo Anexo B.

Além das entrevistas, eventos, como apresentações em boates ou a participação de Encontros articulados pelo movimento de travestis e transexuais, foram videogravados e/ou fotografados. Desse modo, tanto a fotografia quanto a imagem videogravada serviram durante a pesquisa de campo como instrumento importante contribuindo, em diferentes espaços, para a interação e diálogo com as interlocutoras. Gostaria de esclarecer que a qualidade técnica do material captado, principalmente o som, foi prejudicada tanto pelas limitações da câmera filmadora quanto pelas limitações da pesquisadora. Assim, existem registros em que as imagens, pelas circunstâncias, ficaram desfocadas ou tremidas e as vozes inaudíveis. Da mesma forma, é importante ressaltar que a maior parte das fotografias teve a qualidade de imagem comprometida por ter sido retirada a partir do material captado pela filmadora.

Dos momentos que a filmadora foi utilizada nesta pesquisa, gostaria de destacar a experiência que tive em registrar o programa *No Divã com a Diva*<sup>50</sup>. Como relatado anteriormente, em novembro de 2012 presenciei a gravação, na sauna Club 111, do programa piloto direcionado ao público LGBT. A convite de Luciano Palhano, então produtor e diretor do programa. Todavia, o inesperado pertinente ao trabalho de campo apresentou uma situação inusitada e importante para o andamento da pesquisa. Naquela noite, estar atenta a uma conversa da qual não participava e ter em minha posse uma câmera filmadora foram fatores primordiais que me colocaram como responsável pelo registro videográfico do programa *No Divã com a Diva*. Tal fato lembrou-me Geertz (1989), que pesquisando os balineses conseguiu ser visível a partir de uma batida policial em uma briga de galos. Comigo ocorria algo semelhante, pois minha visibilidade teria sido viabilizada por participar daquela situação inesperada. Minha presença auxiliando as filmagens deixou-me em uma situação mais confortável e comecei a ganhar visibilidade. Minha nova condição propiciava a maior aproximação com travestis e transexuais.

Exercitar o olhar, realizando uma descrição do que é visto, permite mostrar que a imagem vai além de simples amostras de gestos, ações, acontecimentos sem continuidade. Perceber que essa descrição possui uma amplitude, no tempo e no espaço, que tenta reconstituir a realidade (FRANCE, 2000), ou melhor, mediá-la. Essa descrição

---

<sup>50</sup>Foi idealizado pela produtora de evento Hienna produções em parceria com o Club 111. Tendo como produtor e diretor Luciano Palhano. Ver cartazes de divulgação em Anexo C.

possibilita acessar uma entre outras interpretações do cotidiano a partir dos elementos trazidos/subsidiados pelas imagens.

Para finalizar esse capítulo, apresento um quadro abaixo com informações preliminares das interlocutoras. O nome de cada uma aparece na sequência em que as entrevistas foram realizadas. Vale ressaltar que, percebendo os critérios etários como fluídos, as idades utilizadas para descrever as travestis tem como referência informações fornecidas no momento das entrevistas.

**Quadro 1. Informações preliminares sobre as interlocutoras da pesquisa**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Id. gênero</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Informações preliminares</b>
<b>Bia</b>	46 anos	Travesti	Cabeleireira Informou nunca ter se prostituído	5ª série	Viúva	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Receio da visibilidade.</li> <li>• Superando marcas de um acidente.</li> <li>• Profissão como foco.</li> <li>• Próteses de silicone nas pernas e nas nádegas, quando tiver uns 50 / 60 anos.</li> </ul>
<b>Jéssyka Tylor</b>	42 anos	Travesti	Cabeleireira Maquiadora espetáculo. Informou já ter se prostituído	Concluído <sup>51</sup>	Solteira	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diva. Mundo do espetáculo.</li> <li>• Temporada na Europa.</li> <li>• Delegada do Orçamento Participativo LGBT.</li> </ul>
<b>Christiane Falcão</b>	40 anos	Mulher trans	Cabeleireira maquiadora. Informou já ter se prostituído	2º grau completo	Casada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mundo do espetáculo.</li> <li>• Temporada na Europa.</li> <li>• Delegada do Orçamento Participativo LGBT.</li> <li>• Deseja a transgenitalização.</li> </ul>
<b>Joelma</b>	36 anos	travesti	Cabeleireira Informou nunca ter se prostituído	1º grau completo	Solteira	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discurso militante.</li> <li>• Associava travesti a prostituição.</li> <li>• Inserção na igreja do bairro.</li> <li>• Associa velhice a decadência.</li> </ul>

<sup>51</sup> Jéssyka se restringiu a repetir esta palavra como resposta a indagação sobre sua escolaridade, apesar da insistência em tentar compreender o significado da palavra “concluída” não teve sucesso.

## 2. CORPO EDITADO: GÊNERO E ENVELHECIMENTO

Cada sociedade, dentro de um determinado contexto, tem tecido elementos para esboçar quadros teóricos e articular normas e regras que afetam a vida social de seus indivíduos. Dessa forma, as reflexões acerca da experiência trans processam-se de forma conectada com os múltiplos discursos. A articulação das discussões relativas às travestilidades com a periodização da vida permeia as temáticas sobre sexualidade e gênero, remetendo às questões referentes ao corpo. O conjunto de imagens formadas a partir desses temas revela e ganha complexidade à medida que se intensifica seu debate.

Tomando por base estas considerações, este capítulo traz algumas discussões que apontam para o não esgotamento do corpo em uma compreensão biológica a partir de reflexões sobre apropriação discursiva de gênero, sexualidade e envelhecimento e como esses discursos contribuíram para desnaturalização dessas categorias.

### 2.1 (Des) montando corpos

Os discursos normativos assentados na relação natural entre sexo, gênero, sexualidade, corpo e desejo, passaram por questionamentos variados. Muitas “verdades” produzidas nos vários campos do conhecimento foram contestadas, principalmente pelos movimentos identitários, que perceberam a insuficiência presente nas teorias construídas. Muitos autores passaram a abordar essas temáticas como um processo construído culturalmente. A autora Carole Vance enfatiza como as feministas, ativistas e acadêmicas, se concentraram para revisar as teorias pontuadas na inevitabilidade e naturalidade da subordinação das mulheres. Segundo a autora Carole Vance,

O reexame teórico levou a uma crítica geral do determinismo biológico, em particular o conhecimento baseado na biologia das diferenças sexuais. A evidência histórica e do cruzamento de várias culturas minou a noção de que papéis das mulheres, que variavam tão amplamente, pudessem ser determinados por uma sexualidade e reprodução humana aparentemente tão uniformes (VANCE, 1995, p.10).

As interpretações emergentes visavam encontrar explicações diferentes das que corroboram com o binarismo sexual, baseado nas características físicas e

anatômicas de corpos masculinos e femininos e que dominou por muito tempo o cerne dessas discussões<sup>52</sup>.

Nessa problematização de arquétipos, Judith Butler (2010) apreende sexo, gênero, sexualidade e corpo por meio de descrições marcadas pelo contexto e pelas relações de poder. A autora introduz uma distinção entre sexo e gênero, separando o que parecia unido dentro de uma lógica natural. Para Butler, o sexo é pensado como uma categoria normativa e prática regulatória que possui o poder de produzir os corpos que controla. O sexo, portanto, não seria uma simples condição física do corpo, e sim, uma norma pela qual uma pessoa torna-se viável.

Dessa forma, há corpos que têm o consentimento social. Isto é, corpos que importam/pesam (BUTLER, 2010), que ganham materialidade e conseguem obter uma legitimidade social tornando-se gêneros inteligíveis<sup>53</sup>. Essa inteligibilidade dos gêneros estaria relacionada com uma sucessão coerente e coesa entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo. Ou seja, a presença de um pênis ou vagina determinaria uma vivência específica de gênero e de sexualidade. Essa suposta coerência sexo/gênero/desejo ratifica a ideia de existência de um tipo de naturalidade presente na matriz heterossexual.

Para Butler (2010), as normas regulatórias do sexo atuam por meio da performatividade com o intuito de construir a materialidade dos corpos e validar as diferenças sexuais. Assim, é por meio da materialização do corpo que os indivíduos tornam-se homens ou mulheres, porém essa construção não é fixa e nem totalmente completa, sendo necessária a reiteração das normas sobre o corpo através de discursos que visam à conformação do ideal heteronormativo. Portanto, a partir da exclusão imposta pela matriz heterossexual são produzidos corpos que não se enquadram ao binarismo homem/ mulher e na coerência sexo/gênero/desejo, sendo denominados pela autora como abjetos. Neste contexto, os corpos das travestis “novatas” ou “antigas” são

---

<sup>52</sup>Como lembra Laqueur, “A visão dominante desde século XVIII, embora de forma alguma universal, era que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis nos gêneros, são de certa forma baseados nesses ‘fatos’. A biologia - o corpo estável, não-histórico e sexuado - é compreendida como fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social” (LAQUEUR, 2001, p.18).

<sup>53</sup> É um discurso baseado na noção de “gêneros inteligíveis” que segundo Butler (2012), “são aqueles, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes em continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pela força das leis que buscam linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a ‘expressão’ ou ‘feito’ de ambos na manipulação do desejo sexual por meio da prática sexual” (p. 38).

circunscritos no espaço da abjeção, ou seja, perdem a “materialidade” tornando-se invisíveis por vivenciarem uma incoerência destoante da inteligibilidade esperada.

Com o processo de constituição corporal, a travesti se inscreve no espaço da abjeção, torna-se visível e faz-se reconhecida. Neste processo, há um tipo de ritual, no qual o corpo vai sendo (des) montado e adquire novos símbolos. Esse rito opera uma passagem em que atributos considerados femininos e masculinos se combinam. Sobre o processo de construção corporal Jéssyka Tylor relatou

É meio estranho quando você quer assumir um lado de uma coisa e tem outras coisas é meio complicado. Veja só, eu queria assumir o lado feminino, mas não tinha peito. Naquela época para se colocar uma prótese era muito caro. Então, eu tive que partir para o outro lado, os medicamentos, injetáveis, os comprimidos, essas coisas todas. [...] Aí foi crescendo, os seios já foram aparecendo, os pêlos foram diminuindo a pele já vai ficando melhor, tudo isso (Jéssyka Tylor, entrevista realizada em 25 de março de 2013).

Uma imagem que se reinventa no tempo e no espaço. Que constantemente é editada a partir de materiais diversos e onde travestis mais “experientes” tornam-se figuras importantes, contribuindo para o ritual onde o corpo adquire novos símbolos e significados. Elas atuam como pedagogas da plasticidade corporal das “novatas” orientando para uma “melhor” performance do “feminino”. A experiência aqui constitui certo nível de sabedoria que as coloca num dado lugar de referência e destaque. A pedagogia aplicada envolve um aprendizado diverso e constante referente à manipulação de técnicas, à utilização de artifícios, ao exercício gestual e ao uso do corpo.

A inversão de roupas, o uso de sapatos de salto alto, maquiagem, bolsa, entonação de voz, trejeitos, consumo de hormônios e injeções de silicone e aplicações de próteses constituem elementos pertencentes ao aparato necessário para auxiliar a montagem da aparência de um tipo de feminino, indo de encontro a sua constituição biológica estabelecendo uma descontinuidade na coerência de sexo/gênero/desejo. Essas entre outras intervenções corporais vivenciadas de diversas formas contribuem de maneira distinta para a feitura da experiência travesti.

Os avanços da ciência e da tecnologia ajudam não só a compor as travestilidades como também possibilitam a reconstrução do envelhecimento. As intervenções tecnológicas, ou melhor, biotecnológicas na construção do corpo repercutem em toda sociedade como parte atuante no cotidiano dos indivíduos impondo

um modelo que reafirma desejos de viver na juventude e afastar à degeneração física. Porém, a utilização dessa tecnologia não estar disponível para todos (as) fazendo, portanto, em uma sociedade altamente hierarquizada como a brasileira, a escolha em utilizar essas tecnologias não ser livre (DEBERT, 2004). No contexto travesti a responsabilidade pela produção de um corpo feminino e jovem torna-se uma conquista simbólica relacionada diretamente com sua condição social<sup>54</sup>.

A experiência travesti suscita diversas reflexões referente à dicotomia masculino/feminino, através da construção e reconstrução de uma imagem que ao mesmo tempo dialoga como pontua uma ruptura com a lógica dominante de gêneros. Esse mesmo corpo estabelece uma linguagem, que ganha significado a partir da cultura que está inserida sendo atualizada e alterada a partir dela. E nesse processo da cultura que se permeia pela atualização e alteração do ser travesti assenta-se o processo de deslocamento da experiência de quem se afasta do lugar de renome e reconhecimento, portanto, de retorno à invisibilidade.

Ainda é preciso pontuar que as experiências de muitas travestis apontam para uma vivência orientada por padrões heteronormativos, percebido principalmente em suas relações amorosas. Em suas falas podem ser encontradas referências às características masculinas e femininas que pertencem à lógica binária: homem/dominante e mulher/dominada.

Em uma das noites de pesquisa estava conversando informalmente com uma travesti que acabava de conhecer. Ela tinha chegado com seu namorado e enquanto estávamos sentadas conversando, ele circulava pelo lugar e não tirava os olhos da nossa mesa. Ela confidenciou que estavam juntos há alguns meses e que ele era muito ciumento. Orgulhosamente destacava este comportamento dizendo: *Também eu sou a mulher perfeita: lavo, passo, arrumo a casa, faço tudo para ele.*

É inegável que situações como esta colaboram com uma visão relacionada a uma reprodução das relações de poder e dominação do sistema sexo/gênero (VALE, 2006). Entretanto, é preciso ressaltar que se por um lado a experiência de travestilidades é influenciada pela matriz heterossexual, por outro lado opera na direção de uma desestabilização das normas regulatórias. Isto é, “a travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma

---

<sup>54</sup> A prostituição surge neste contexto como uma forma de conseguir essas conquistas (trataremos deste assunto mais adiante).

unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual” (BUTLER, 2012, p.196). Assim, o corpo das travestis “pode ser pensado duplamente às margens quando submetido a uma economia heterossexual: por negarem seu sexo masculino dominante e por desempenharem um papel político de subjugação dedicada à naturalização das mulheres” (AMARAL, 2012, p.41).

Desta forma, o processo constante vivenciado pelas travestis de transformação corporal para se assemelhar ao “feminino” traz à tona elementos para discutir sobre a (des) naturalização de gênero (PELÚCIO, 2004; BUTLER, 2010). Algumas pesquisas (SIQUEIRA, 2004; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2004; 2005; SILVA, 2007) têm ressaltado a preocupação das travestis em instituírem uma série de intervenções no corpo e apreenderem várias “técnicas corporais”<sup>55</sup> para se aproximarem ao que é associado à imagem feminina. O que parece um processo de mera reiteração tem um potencial crítico através do ato paródico. “Embora os significados de gênero assumidos nesses estilos parodísticos sejam claramente parte da cultura hegemônica misógina são, todavia, desnaturalizados e mobilizados por meio de sua recontextualização parodista” (BUTLER, 2012, p.197). Ou seja, as travestis ao parodiarem aspectos de um feminino considerado natural revelam processos de fabricação que questionam a própria ideia de natural e de uma identidade originária ou primária de gênero. Dessa forma, as travestilidades aparecem como experiências para compreender os limites da ideia essencialista, com crítica a uma verdade anatômica, onde o corpo então é percebido como um lugar onde as diferenças sexuais presentes na constituição anatômica serão burladas e este será editado com símbolos que interpelam a própria constituição corporal.

A experiência travesti possibilita mostrar a importância do corpo na formação das identidades, bem como desmistificar a noção de uma identidade primária através da “paródia” (VALE, 2006; BUTLER, 2012). “Além disso, ela nos dá uma indicação sobre a maneira como a relação entre a identificação primária - isto é, os significados originais atribuídos aos gêneros - e as experiências posteriores de gênero pode ser reformulada” (BUTLER, 2012, p.196).

Ao inscrever sua experiência no cotidiano, a travesti revela um corpo desviante, “incoerente” com o padrão biológico instituído. Através de diversas

---

<sup>55</sup> Mauss (2003) em sua discussão sobre técnicas corporais chamava atenção para o papel da cultura na conformação dos corpos. Dessa forma, o corpo não é um projeto inerte marcado por uma determinação físico-biológica. Este possui uma dimensão simbólica e sócio-cultural.

modificações e do aprendizado de “técnicas corporais” (MAUSS, 2003) vai se constituindo um tipo de feminino que é “negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado” (BENEDETTI, 2005, p.96).

Este corpo que foi, e continua sendo, esquadrinhado, reconstruído, estigmatizado e (des) montado por discursos plurais pode ser compreendido a partir do olhar e discurso produzido pelas travestis. Interpelando sobre seus corpos vividos é possível acessar diversas formas de travestilidades. É possível também problematizar a instauração de uma realidade corporal que extrapola os padrões conhecidos e traz à tona questões relativas às formas que o corpo pode ser articulado, para se adequar e/ou romper com o modelo heteronormativo.

A persistência desses personagens, que a partir de um corpo biologicamente masculino institui uma montagem do feminino instrumentalizado por diversos símbolos, torna-os o que Goffman (1980) define como “desviantes sociais”<sup>56</sup>, pois transgridem costumes e desobedecem as normas de condutas.

Para o autor Machado Pais (2001), as “normas” são passíveis de escapatórias a partir de determinadas “condutas”. O referido autor ainda lembra que a articulação destas “condutas” com as “normas” não precisa se constituir de forma subordinada<sup>57</sup>. Assim, pode-se pensar a experiência das travestis como uma escapatória da norma ao rejeitar uma suposta autenticidade biológica que atravessa tanto as discussões de gênero, como as discussões sobre envelhecimento. Um dado posicionamento da travesti no processo de construção de si como “conduta” fora da norma, como uma construção alternativa à norma, a coloca em evidência e em face de um acúmulo de experiência que possibilita sua referência diante da comunidade em que se insere. No entanto, o envelhecimento muitas vezes é significado como distanciamento deste lugar, como perda de certa referência diante de novas travestis que

---

<sup>56</sup> Segundo Goffman, “São essas pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade” (GOFFMAN, 1980, p.154-55).

<sup>57</sup> Para Machado Pais (2001) as normas podem ser compreendidas como “as diversas maneiras de agir consolidadas pelo uso, pelos costumes. Tomada como o tipo, uma norma não se reconhece pelo uso habitual, mas pelo seu uso quase ‘obrigatório’”. A respeito das condutas, o autor continua: “Por condutas podemos entender os comportamentos dos indivíduos em articulação com as normas (de conduta) atrás descritas. Nas condutas encontramos, deste modo, formas mais ou menos submissas de adesão às normas de conduta”.

se destacam. Significativo aqui é perceber que a perda deste lugar se vincula a uma leitura que fazem de seus corpos associada não à condição natural de que um corpo envelhecido sofre, mas à performance em seus trabalhos.

## **2.2 Reflexões sobre envelhecimento**

Assim como gênero o conceito velhice/envelhecimento também foi inscrito em discursos que ressaltaram o caráter natural dessas categorias. A natureza era fonte explicativa para uma suposta essência que se manifesta no corpo. Tanto questões referentes ao gênero, como questões relacionadas ao envelhecimento passaram por sensíveis rupturas e estabeleceram outras vertentes dissociadas das justificativas naturalizantes. Nesse contexto de quebra de paradigmas, diferentes formas de viver e interpretar o processo de envelhecimento tornaram-se mais visíveis. Atualmente existem diversos estudos que apresentam a velhice como objeto de investigação, focando desde as novas definições de velhice, como meia-idade e terceira idade (DEBERT, 2000), até as formas de significação e práticas acionadas pelos indivíduos neste período da vida.

A velhice, devido principalmente ao aumento demográfico, foi percebida como um problema social que exigia atenção pública. Tornou-se assim um tema privilegiado, um dos desafios que deveria ser enfrentado pela sociedade. (DEBERT, 2000).

Para a autora Guita Debert pensar na visibilidade e nos significados da velhice é atentar para o duplo movimento que acompanha sua transformação como preocupação social. Um destes movimentos está relacionado com a socialização da gestão da velhice, que antes era considerada pertencente à esfera privada e familiar e foi transformada em questão pública. É nesse momento que, através de diversos discursos, é instituída a categoria de idoso.

Nesse movimento que marca as sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XIX, a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. O avanço da idade como um processo contínuo de perdas e dependência- que daria uma identidade de condições aos idosos- é responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice, mas foi também um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria (DEBERT, 1999, p.14).

Neste movimento de socialização estaria presente o que Debert (1997; 1999; 2000) denominou processos de “reprivatização da velhice”, onde a velhice seria operacionalizada como responsabilidade individual, desaparecendo do campo das preocupações sociais. Nesta direção, pode-se perceber que ao longo do tempo foram criados termos para definir o processo de envelhecimento, como meia-idade e terceira idade, com a intenção de gerir a velhice. A esses novos termos foram produzidas imagens relacionadas à concepções autopreservacionista com a finalidade de encorajar os indivíduos a adotarem estilos de vida para evitar e combater a negligência corporal. A autora alerta para algumas questões entorno desse contexto, onde o envelhecimento está alocado, destacando que o discurso autopreservacionista se transforma em um novo mercado de consumo, onde o envelhecimento tende a ser visto como consequência do descuido pessoal. Ela menciona que

Disciplina e hedonismo se combinam na medida em que as qualidades do corpo são tidas como plásticas e, os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pela sua própria aparência. A publicidade, os manuais de auto-ajuda e as receitas, dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais e nem imutáveis e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada, as rugas ou a flacidez se transformam em indícios de lassitude de moral e devem ser tratadas com ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, e da indústria do lazer. Os indivíduos não são monitorados apenas para manter uma vigilância constante do corpo, mas são também responsabilizados pela sua própria saúde, através da ideia de doenças auto-infligidas resultantes de abusos corporais como a bebida, o fumo, a falta de exercícios físicos (DEBERT, 2000, p.149).

Neste contexto, a autora chama atenção para a necessidade de se reconhecer que colocar em prática as concepções autopreservacionista exige um alto investimento que a maior parte da população não possui. Assim, a cobrança pela responsabilidade corporal chega a todos, e é incentivada pelo Estado que ver a partir dessa ideia a possibilidade de reduzir custos, por exemplo, com a saúde. Porém os meios para agir de acordo com essa responsabilidade não o são (DEBERT, 1999). Desse modo, a falta de recursos para plasticidade corporal evidencia a desigualdades sociais e econômicas que marcam a sociedade brasileira.

As novas formas de gestão da velhice podem ser pensadas através das discussões referentes à concepção do próprio corpo. Guita Debert (2000) assinala que atualmente o modelo de envelhecimento é associado à ideia de vitalidade e juventude. Assim, a imagem inserida no cotidiano transforma-se em um espelho onde as pessoas

querem se refletir, onde a “exigência” é possuir um corpo plasticamente modelado e constantemente jovem. Os indivíduos passam a exercer uma vigilância de seus próprios corpos, adequá-los a um ideal de juventude, que agora é percebido como um valor a ser conquistado em qualquer idade dependendo da adoção de estilo de vida e formas de consumo adequadas (DEBERT, 2000). A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental para constituição de mercados de consumo, onde o corpo envelhecido aparece como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados (DEBERT, 2004). Neste sentido, Debert ressalta que

É preciso olhar, com mais atenção, para os limites que a nossa sociedade coloca à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza, particularmente quando a velhice está em questão. As imagens gratificantes das etapas do envelhecimento em que a vida adulta se desdobra não oferecem instrumentos capazes de enfrentar os problemas envolvidos na perda de habilidades cognitivas e de controles físicos e emocionais que estigmatizam o velho e que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania (DEBERT, 1999, p.21-22).

Por isso, compreender o corpo e o processo de envelhecimento a partir de sua constituição social não significa negar os limites e a constituição biológica. O intuito, sobretudo, é perceber além dessa constituição, onde o envelhecimento amplia seus significados e deixa de representar só uma fase biológica linear para ser compreendido como um evento constituído tanto biologicamente quanto socialmente. Tratar dessa questão requer outro olhar frente às ideias que inscrevem o curso da vida baseado em uma concepção de desenvolvimento e declínio. O autor Julio Simões (2004) pontua três representações associadas a essa concepção.

A idéia do ciclo de vida traduz uma concepção de fases de crescimento, maturação, reprodução, declínio e morte que se reproduzem sucessivamente através das gerações. A idéia da vida como progressão contínua linear é bastante característica da psicologia do desenvolvimento e traduz uma concepção de progresso constante, rumo a um objetivo estabelecido [...] Já a idéia romântica da queda traduz a concepção que valoriza a infância e a juventude como pontos altos da vida, ficando as demais etapas marcadas pela busca frustrada de recuperação desses valores (SIMÕES, 2004, p.422).

Nessa perspectiva, Simões (2004) chama atenção para o “paradigma do curso da vida”, esclarecendo que este não representa uma substituição às formas de pensar o processo da vida, mas se apresenta como uma alternativa de reflexão crítica

frente à abordagem que privilegia fases sucessivas, lineares e progressivas da experiência de vida<sup>58</sup>. Conforme Simões,

O paradigma do curso da vida se coloca como tendência alternativa voltada para o reconhecimento de que qualquer ponto da trajetória de vida precisa ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente (SIMÕES, 2004, p.423).

Deste modo, o processo de envelhecimento é percebido como uma experiência complexa que não se limita a uma condição biológica, perpassa por uma construção social que recebe diversas configurações ligadas à visão de mundo de grupos que compartilham práticas, crenças e valores e estão relacionadas às relações de poder, a sexualidade e a posição de gênero. Enfatizando que, o reconhecimento da pluralidade de experiências de envelhecimento não implica negar a condição natural dos que ficam velhos nem propor que não há limites ao investimento cultural e tecnológico nos processos biológicos (DEBERT, 1997). Assim, pensar o envelhecimento travesti é tentar perceber peculiaridades que tangenciam sua vivência perpassando a sua construção corporal. Diante disso, cabe repensar uma nova atitude frente ao envelhecimento, onde a idade não seja determinante, tampouco a ideia de desenvolvimento e declínio seja norteadora das reflexões em torno desse assunto. O desafio está em perceber outras possibilidades de interpretar o corpo e o envelhecimento questionando, por exemplo, a previsibilidade do processo de vida humana (SIMÕES, 2004).

Segundo este paradigma as etapas de desenvolvimento humano vivenciado pelo indivíduo cede espaço para as inter-relações entre trajetória pessoal e a estruturação histórica e cultural dessa experiência (SIMÕES, 2004). Trata-se de pensar os desejos, os desafios e interesses. No caso dessa pesquisa, da experiência travesti dentro do contexto de sua vida social presente.

---

<sup>58</sup>Como procedimento de investigação quatro elementos foram elencados como importantes para a definição do curso da vida: “a situação no tempo e no lugar, que remete à contextualização na história, na estrutura social e cultural; o entrelaçamento da vidas, que assinala a relevância das interações entre as pessoas que compartilham experiências semelhantes; a agência humana, que ressalta o modo como a movimentação dos indivíduos em busca da realização de suas metas pessoais influencia a configuração e direção dos seus percursos de vida; e a sincronização da vida, o modo como os eventos cronológicos da vida pessoal se combinam simultaneamente com eventos característicos do grupo de referência e que são peculiares ao momento histórico vivenciado” (SIMÕES *apud* GIELE & ELDER, 2004, p.423).

Neste sentido, torna-se pontual a partir do “paradigma do curso da vida”, estimular reflexões sobre as diferentes formas de percepção do próprio corpo, identificar como no percurso da vida esse corpo construído é vivenciado pelas travestis e perceber como o tempo vivido é significado pela experiência travesti. Ao lidar com as travestilidades há de se perceber que “o corpo da travesti é, sobretudo, uma linguagem” (BENEDETTI, 2005, p.55). “As transformações do corpo ao longo da vida ganham significados distintos nos diferentes contextos sociais” (BARROS, 2006, p.121) e são compartilhadas com outros indivíduos. Isto é, na experiência travesti marcadores de gênero e marcadores da imagem referente à periodização da vida, se entrecruzam e atuam através dos diversos recursos no corpo e ampliam o número de informações presente nele.

### **2.3 Peculiaridades do processo de envelhecimento e experiências travestis**

As discussões sobre o processo de envelhecimento e o universo das travestis ainda são pouco privilegiadas nos estudos antropológicos e cheias de meandros para serem explorados. Porém, existem alguns estudos, mesmo não tendo a velhice como foco, assinalam esta fase da vida na experiência da travestilidade e apontam questões sobre o assunto contribuindo para a reflexão dessa temática.

Neste sentido, Benedetti (2005), por exemplo, relata que as travestis ao envelhecerem deixam a prostituição e passam a atuarem como “bombadeiras”, ou seja, ajudam as travestis mais jovens na construção do corpo feminino através da aplicação de silicone. Já no ensaio denominado *Itinerários de vida ao envelhecer: experiências de travestis em Sergipe*, as pesquisadoras<sup>59</sup> fazem uma análise sobre as trajetórias, experiências e representações elaboradas por travestis sergipanas sobre o envelhecimento. As autoras destacam a interferência do processo de envelhecimento na elaboração de “projetos de vida” argumentando que a imagem da velhice é associada a uma fase de decadência, neste caso a corporal. Dessa forma, o envelhecimento comprometeria a “imagem ilusória do feminino” contribuindo para a perda de atratividade e poder sedutivo das travestis, na medida em que deixam de corresponder à

---

<sup>59</sup>Jesana Batista Pereira da Universidade Tiradentes/Se, Márcia Tavares da Universidade Católica do Salvador/Ba e Maura Lúcia de Olim da Secretaria de Estado da Saúde/Se realizaram uma pesquisa que resultou em um ensaio intitulado *Itinerários de vida ao envelhecer: experiências de travestis em Sergipe*.

imagem de glamour<sup>60</sup>, beleza e sedução propalada pela cultura do consumo (PEREIRA; OLIM; TAVARES, 2009). As autoras chegam a essa conclusão entrevistando três travestis entre 58 e 63 anos.

Como tema de sua pesquisa de mestrado em Gerontologia, Pedro Paulo Sammarco Antunes (2010) busca estabelecer um diálogo interdisciplinar entre as áreas de ciências sociais, biomédicas e filosofia para falar sobre como o processo de envelhecimento aparece na experiência travesti. A partir do critério etário, realizou entrevistas abertas focando a história de vida de três travestis com idade acima de sessenta anos. Depois de apresentar o processo de construção corporal o autor passa a analisar as falas de suas entrevistadas e enfatiza a discriminação que estas sofrem dentro do espaço familiar e escolar. Ele também aborda as dificuldades na entrada no mercado de trabalho e a inserção no mundo da prostituição. Neste sentido, considera as travestis “sobreviventes” de um processo de exclusão evidenciado em todas as “fases da vida”. Dessa forma, ressalta a ideia de que o avanço da idade é um processo contínuo de perdas e de dependência em que os indivíduos ficariam relegados a uma situação de abandono e de desprezo. Segundo o autor, conhecer a história de vida das travestis possibilitaria identificar quais são os pontos mais críticos onde não há qualquer amparo existencial. E conclui deixando claro que sua intenção com a pesquisa é realizar um levantamento de demandas para a elaboração de políticas públicas a fim de “amparar” as travestis em todas as suas faixas etárias. Com esse intuito, o autor termina por reduzir as experiências de suas interlocutoras como um contínuo de sofrimento, dor e discriminação.

Por sua vez Peres (2005), na tese em Saúde Coletiva, utiliza a trajetória de vida para acessar a infância, adolescência de travestis que tem uma história de militância no país. A intenção é perceber como nestas fases foram vivenciados os processos de estigmatização, pontuando principalmente as respostas de enfrentamento. O texto segue pontuando a organização social e política da comunidade “transgênero” como importância para o exercício da cidadania. Diferente de Antunes (2010), a

---

<sup>60</sup> “O glamour se coloca também no contraste entre a aceitação *versus* o escárnio; o palco *versus* a prostituição; ser uma diva *versus* ser um ‘viado de peito’. O seu oposto é, portanto, a abjeção. O glamour é uma categoria bastante acionada pelas travestis para expressar, ainda, o sucesso no processo de feminilização, o reconhecimento público de suas qualidades, sobretudo artísticas e criativas e a possibilidade de materializar isso em bens que remetem ao consumo de luxo. Ao mesmo tempo, o glamour tem sido um operador capaz de criar um contraponto entre as experiências de sucesso e aquelas da abjeção. Ou seja: àquelas de negação sistemática da legitimidade de suas vivências e escolhas, da desumanização de que são alvo e de justificar a violação de seus corpos que as leva, quase sempre, à pobreza e as mortes prematuras” (PELÚCIO, 2011, p.78).

pesquisa de Peres acentua o papel da ação coletiva e combativa das travestis para a conquista de políticas públicas.

Mônica Siqueira (2004) em sua dissertação *Sou Senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice* realiza um trabalho etnográfico com cinco travestis residentes na cidade do Rio de Janeiro. A autora articula o uso das fotografias e imagens videogravadas em sua abordagem metodológica, na perspectiva de auxiliar a análise das trajetórias de vida de suas interlocutoras. Em seu estudo destaca que as travestis vivenciam um duplo movimento. De um lado procuram construir uma imagem positiva da velhice, quando acentuam que esta é uma fase mais tranquila e de melhor qualidade de vida. Do outro, precisam conviver com as dificuldades em atingir uma idade avançada e manter o glamour, o que em geral não ocorre.

Ao colocar as temáticas de envelhecimento e travestilidades em pauta, esses autores estimulam o interesse, a análise e investigação de outros trabalhos voltados pra esses temas. Esses estudos auxiliaram muito a pensar sobre a realidade encontrada no trabalho de campo.

Uma questão a ser destacada é que em todas essas pesquisas a noção de envelhecimento aparece sublinhada pelas dificuldades de sua definição. Debert (1998) chama atenção para o fato de que existem algumas armadilhas no estudo sobre envelhecimento. A autora assinala que as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos, são questões que têm seus significados particulares atribuídos em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Portanto, as variações nas etapas em que um curso de vida é periodizado não são as mesmas sendo importante, refletir sobre especificidades da vivência desse curso da vida em diferentes grupos sociais.

Existe um conjunto diverso de pessoas em nossa sociedade que demonstram um senso de observação do próprio corpo e do impacto que o corpo tem na sociabilidade e nos encontros sociais em diversos planos (SIMÕES, 2011). Porém, quando se pensa na experiência travesti essa ação impactante do corpo em seus espaços de sociabilidade são acentuados. Particularmente na concorrência estabelecida no espaço da prostituição ou em exposições nas casas noturnas de espetáculos, o corpo transfigura-se em um campo de disputas que interfere e aponta para uma forma de

interpretar a periodização da vida diferente da visão biológica ou cronológica. Mas sem deixar de estar a ela associada.

Na pesquisa de campo encontrei exemplos disso. Pude observar que as idades assumidas pelas travestis que tive contato não são incorporadas em seu repertório como algo fixo e linear. Estas idades sofrem alterações conforme as circunstâncias. Um desses exemplos ocorreu quando estava colhendo depoimentos das participantes do III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco, tentava fazer incursões sobre o meu tema inserindo perguntas relacionadas ao processo de envelhecimento. A cada registro feito procurava saber a idade delas. Passado o evento pude reencontrar algumas das participantes em outros espaços e quando me informaram novamente suas idades estas tinham sofrido alterações. Essa situação aconteceu com uma de minhas interlocutoras. Esta, em nosso primeiro encontro, informou ter 35 anos. No dia da entrevista revelou ter 46 anos. Em outras ocasiões essa variação chegava até 10 anos de diferença de um encontro para outro.

Em outra situação estava registrando o programa *No Divã com a Diva*, quando uma das travestis que tinha entrado em contato anteriormente subiu ao palco para realizar uma performance. Ao terminar sua apresentação, ela começou a falar sobre sua carreira artística no mundo do espetáculo e fez referência a sua idade. Naquele instante presenciava mais uma vez a “mobilidade” atuando e deslocando a idade. Era uma especificidade que se apresentava aos meus olhos e ouvidos e precisava ser observada com atenção.

Com o tempo comecei a perceber que dependendo das circunstâncias, suas idades eram reelaboradas sofrendo variações diversas. Uma mesma pessoa podia possuir, em um curto espaço de tempo, três versões para sua idade. Assim, as marcas do tempo vivido tornam-se variáveis, circunstanciais e seu estabelecimento está associado a uma questão cultural, que envolve disputas, acordos, conflitos, alianças e certa referência no mundo e na cultura travestis (VEIGA-NETO, 2000).

O contexto demarcava particularmente a relação das travestis com a idade. Em conversas informais as idades eram maiores se comparadas às reveladas em entrevistas ou em suas apresentações no palco. O que se podia perceber é que tanto nas entrevistas videogravadas, como nos palcos, o que se destacava era a ressonância que a “revelação” de certa idade poderia atingir. Nesses dois espaços havia uma maior

visibilidade em que parecer “mais velha” interferia na imagem que naquele momento, por motivo às vezes de competição com outra travesti, elas queriam exhibir. Assim, a experiência em público contribuía para a posição delas num dado lugar de diva.

O cuidado com o corpo se estende à preocupação com a apresentação corporal. Como foi dito, a travesti vivencia um processo de transformação corporal para se tornar semelhante a um tipo de “feminino”. À medida que o tempo passa são atribuídos significados diferentes a esse corpo. Por exemplo, Bia em entrevista apontou a possibilidade de performatizar o “masculino” quando estivesse mais velha: *Se eu chegar a 60 anos, eu não quero chegar a 60 anos me vestindo... já mudei em algumas coisas, umas roupas*. Outro exemplo é Joelma que relacionou corpo e velhice como um período de decadência física. Envoltas com a imagem de seu corpo no futuro ela desabafou: *Misericórdia! Eu não quero ficar velha, não! [...] eu quero morrer esticadinha*. As palavras de Bia e Joelma evocam a valorização da juventude e de suas possibilidades como verdadeiros pontos altos da vida para viver sua experiência travesti. A juventude aparece como valor para ser conquistado e preservado.

Em outro momento pode ser percebido a preocupação de Christiane Falcão com o corpo quando esta faz a seguinte observação: *Depois dos trinta se a travesti não é bem cuidada, ela já começa a virar coroa*. Aqui é possível observar o discurso de cuidar de si, pertencente ao movimento que Debert (2000) denominou de “reprivatização” da velhice. Segundo a autora, o discurso em torno deste conceito colabora para o desaparecimento da velhice como preocupação social, transformando o processo de envelhecimento uma responsabilidade individual e não do Estado.

A concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência (aplaudida pela burocracia estatal, que procura reduzir os custos com a saúde educando o público para evitar a negligência corporal) e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo do prazer e da auto-expressão (FEATHERSTONE *apud* DEBERT, 1997).

Essa concepção autopreservacionista busca atingir todos os indivíduos. Mas, para aqueles grupos que vivem da imagem, a exigência com a aparência e com o corpo torna-se mais intensa. O que se verifica é uma preocupação com a autoimagem levando a uma busca desenfreada por diversos especialistas. A finalidade é evitar os efeitos da idade além de produzir e/ou manter uma imagem para ser vinculada publicamente.

Mesmo a ideia do cuidar de si sendo ampliada para outros grupos nas travestis, essa ideia tem implicações distintas devido a sua experiência de vida. Suas vivências geralmente marcadas pelo cenário de prostituição, pelas apresentações artísticas que realizam ou pelo tipo de feminino que encarnam, são pautadas em uma ênfase na estética corporal. Sobre esta questão Christiane Falcão destacou.

Porque sempre eles [“homens”] procuram a aparência. Eles nunca procuram o interior. Porque a travesti é sempre o objeto de desejo. Se você vai entrar numa rede social, se você coloca que é mulher todo mundo conversa com você normal. Se você coloca que é travesti a primeira coisa que lhe pergunta: Se você faz programa? Qual é o tamanho do teu pênis? Eles nunca conversam com você como pessoas normais, com coisas cotidianas. É sempre ligada ao sexo ou a prostituição. (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

Esta situação apresentada por Christiane Falcão evidencia a existência de um contexto, aparentemente marcado pelo hedonismo complacente e pela obsessão com atributos físicos capazes de suscitar atração e desejo, em que tudo parece girar em torno de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude e beleza (SIMÕES, 2004, p.418). E é neste contexto que um tipo de disciplina e hedonismo se combinam, desde o momento que as travestis começam seu processo de “montagem”<sup>61</sup> para construir plasticamente seu corpo e assumirem unicamente a responsabilidade por sua aparência.

Assim, com disciplinamento e o uso das biotecnologias, pode-se conquistar a aparência desejada. Derbet (1999) ressalta que as novas formas de alocações da velhice refletem um discurso intervencionista promovendo a gerência do envelhecimento através de um modelo corporal. Nesta perspectiva, os indivíduos são monitorados para manterem uma vigilância constante no corpo. Segundo a autora, há um convencimento sobre a responsabilidade que deve ter cada indivíduo sobre sua aparência. Sendo assim, o principal requisito para o sucesso desse projeto corporal seria manter comportamentos adequados.

Neste sentido, o corpo travesti surge como desviante quando adotam práticas tidas como inadequadas através de abusos corporais. Na prostituição ou no

---

<sup>61</sup> Segundo Juliana Frota da Justa Coelho, “‘se montar’ é uma expressão comumente utilizada pelas travestis quando fazem referência ao processo de construção da corporeidade almejada. Entre as intervenções realizadas, é possível destacar a injeção de hormônios e a aplicação de silicone industrial – geralmente injetado nos seios, bochechas, nádegas e coxas através de seringas veterinárias. O corpo, dessa forma, começa a delinear contornos atribuídos ao feminino e uma intensa e constante luta para ocultar caracteres considerados masculino, como o tom de voz mais grosso, e pêlos que nascem em locais onde não “deveriam” (rosto, por exemplo) torna-se parte do cotidiano” (2009, p.16)

mundo do espetáculo encontramos exemplos de travestis que não dormem “direito”, bebem, fumam e/ou são viciadas em outras drogas. Tais comportamentos seriam impróprios para a manutenção corporal pontuada por Debert (1999).

Tomando como base a responsabilidade individual e a ausência do Estado, o conceito de “reprivatização” pode ser relocado, ou melhor, ampliado a outras etapas do curso da vida das travestis. Dito de outra maneira, pode-se observar que a “reprivatização” não se restringe à velhice. Ela invade outras etapas da experiência travesti, onde uma parafernália de receitas, envolvendo técnicas e medicamentos para construção e/ou manutenção corporal, são apreendidas e engendradas sem nenhuma participação do Estado.

Joelma ao falar sobre seu processo de “transformação” pontuou a insegurança que a acompanhou durante um longo período relacionado à decisão de tomar hormônios: *As pessoas falaram horrores dos hormônios. Apreensiva foi ao posto de saúde pedir orientação*<sup>62</sup>. Sua intenção era encontrar um especialista que acompanhasse seu processo. Ao chegar ao posto, a médica responsável foi logo descartando a utilização do hormônio e enfatizando as contraindicações provocadas pelo seu uso. Decepcionada, Joelma começou a ingerir hormônios por conta própria. *Comecei a tomar sozinha porque ela não me indicou um especialista. Eu queria realmente fazer tudo certinho, mas infelizmente na saúde a gente não tem essa abertura.* A fala de Joelma evidencia uma situação recorrente que compõe a trajetória de vida de várias travestis e transexuais. Assim, circunscritas no espaço da abjeção, assumem a responsabilidade de sua construção corporal. Porém, é importante lembrar que esse “empreendimento” requer recursos financeiros geralmente conseguidos através da inserção no mundo da prostituição.

A manipulação de elementos para a construção do “feminino” é importante para quem está iniciando o processo de travestilidade e se preocupa com o *passing*, ou seja, passar por mulher, com o objetivo de se mostrar mais atraente e desejável. Do mesmo modo para as “monas”<sup>63</sup>, que estão a mais tempo vivenciando esse processo, existe uma preocupação em manter a imagem corporal de atratividade. Tanto o *passing*

---

<sup>62</sup> Nos espaços de discussão em que estive presente o acesso à orientação médica para o uso hormonal apareceu como uma das reivindicações pautadas pelo movimento travesti e transexual. A proposta é que através do Sistema único de Saúde - SUS seja garantido o direito de um acompanhamento médico especializado que entre outras coisas minimizaria efeitos indesejados no processo de harmonização. (Esses efeitos posteriormente serão abordados)

<sup>63</sup> Segundo Benedetti (2005) “monas” é desinência êmica empregada para se referir às próprias travestis.

das “novatas” quanto a manutenção do corpo das “monas” são constituídos em função dos investimentos aprovados ou não no convívio social. Benedetti (2005) afirma que as travestis precisam e esperam um *feedback* das colegas, dos clientes, dos transeuntes e de outras pessoas e é principalmente no espaço da prostituição que ocorrem as aprovações e reprovações que confirmam, negam ou questionam os investimentos no processo de transformação corporal e do gênero. Assim, a percepção de estar envelhecendo acaba por vezes sendo instituída a partir desse olhar reprovador frente à composição corporal apresentada nos espaços de sociabilidade.

Uma de minhas interlocutoras relatou entusiasmada: *Às vezes eu tô na rua o pessoal olha e às vezes eles imaginam assim nossa, essa coroa, nessa idade com o peito tão pequenininho tão durinho!* Ao assinalar os olhares e comentários que provocam, Jéssyka se autoreconhece como “coroa”. Com uma corporalidade desejável, “apesar da idade”. O autor Julio Simões (2004), ao estudar homossexualidade masculina e envelhecimento, destaca que o termo “coroa” parece ser deslocado das visões “negativas” associadas à solidão, isolamento, decadência corporal, a perda de atratividade física, para ser relocado em representações “positivas” do processo envelhecimento. Assim, o termo “coroa” parece apontar para “as possibilidades de reinterpretar e reconstruir o corpo e o envelhecimento, considerados não mais apenas como realidades biologicamente determinadas, mas abertas a interpretações divergentes e em constante mudança” (SIMÕES, 2004, p.421).

“Afirmar, contudo, que as categorias de idade são construções culturais e que mudam historicamente não significa dizer que elas não tenham efetividade” (DEBERT, 1998, p.11). No discurso da sociedade Ocidental, os recortes etários servem de marcos para a constituição de direitos e deveres, tais como, a fixação da maioridade civil, do início da vida escolar, da entrada no mercado de trabalho. Tais recortes dependendo do contexto podem ser redefinidos.

Na sociedade ocidental contemporânea, o Estado é o grande regulador do curso da vida, do nascimento à morte, passando pelas fases de escolarização, de atividade no mercado de trabalho e de aposentadoria. Por causa disso, a idade cronológica é um princípio cultural de extrema relevância no moderno aparato jurídico-político, que concentra no indivíduo a atribuição de direitos e deveres; e no mercado de trabalho, a base da economia (MINAYO; COIMBRA, 2002, p.18)

Entretanto, é preciso salientar que tanto na experiência travesti o enquadramento a específicos recortes etários não produz os mesmos efeitos se

comparado a outras vivências. Essas experiências são situadas no campo da abjeção, portanto, não são consideradas vivências inteligíveis e legitimadas por meio da norma. Suas vidas são constituídas fora da institucionalidade. Dessa forma, se na nossa sociedade os marcos etários são fundamentais para a organização do sistema de ensino, da política e na organização dos mercados de trabalho (DEBERT, 1998), determinando, por exemplo, início da vida escolar e da entrada no mercado de trabalho, no que diz respeito às travestis e transexuais essa organização sofre um desarranjo e não atingem efetivamente suas experiências. Para ilustrar essa afirmação recorro ao relato de Jéssyka Tylor sobre a “saga” de uma amiga à procura de trabalho,

Um exemplo maravilhoso vem da minha amiga, que eu assisti um vídeo, da Marilac que eu assisti um vídeo dela, ela rasgando a carteira profissional porque ela disse que deixou vários currículos, distribuiu em lojas, e que graças a deus ligaram para ele e disseram: olha o seu currículo foi aceito e o emprego é seu e você pode vir aqui, você vai fazer dois dias de teste, mas não tem problema por que você tem todas as indicações que a gente ta procurando. Ela ficou contentíssima maravilhosamente foi! Chegou na loja aí ela deu os documentos a menina olhou pra ela e disse: olha desculpe mas, a gente não vai poder dar o emprego a você porque a sua foto não bate com o que está no currículo. Aqui tem uma pessoa e na foto tem outra. Então, ela disse só porque eu sou travesti você não vai me dar o emprego? . (Jéssyka Tylor, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

O ato da amiga de Jéssyka, ao rasgar a carteira profissional, representa a constatação dessas vidas menos institucionalizadas devido à falta de inteligibilidade. O que inviabilizou sua contratação não foi ter uma “idade” ou qualificação inadequada foi não possuir um corpo inteligível. Assim, corpos que não mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo são confinados a alguns espaços e profissões. Como reclama Joelma fazendo uma análise sobre como a sociedade limita o mercado de trabalho das travestis: *Ela [sociedade] limita isso, principalmente no trabalho, eu particularmente trabalho pra mim e as que não trabalham pra elas, e as que não são cabeleireiras, e as querem ser recepcionista, e as que querem ter qualquer outra profissão e ela é limitada a isso.*

Segundo os marcos regentes<sup>64</sup> do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a educação é um direito fundamental<sup>65</sup> que entre outras atribuições, na

<sup>64</sup> Conforme o ECA “Art. 2- Considera-se criança, para efeito dessa Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 2012, p.24).

<sup>65</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA foi criado em 1990, pela Lei n 8.069 tornado-se referência quando se fala de direitos de crianças e adolescentes no Brasil. Sobre o direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, ler-se “Art. 53- A criança e adolescente tem direito à educação, visando o

“adolescência”, auxilia na escolha e qualificação da profissão futura. Porém, a escola se constitui como um ambiente inóspito para qualquer orientação sexual destoante da heteronormia<sup>66</sup>. Guacira Louro (2010) chama atenção para como a família, escola, igreja, mídia, lei, enquanto instâncias de vigilâncias reiteram a heteronormatividade como prática hegemônica. Apesar da relação entre o espaço escolar e sexualidade a autora enfatiza que,

Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam “marcados” como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com espaço escolar. [...] As coisas se complicam mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses e desejos distintos da norma heterossexual. A estes restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. (LOURO, 2010, p.26, 27)

Neste sentido, Marília Amaral (2012) evidencia que há uma naturalização dentro do espaço escolar como uma forma de punição aos desviados das normas, seja através de xingamentos, ofensas morais, agressões físicas e apelidos. Todavia, as adversidades dentro do ambiente escolar ampliam-se na experiência transexual ou travesti. Basta a essas pessoas evidenciarem sua orientação sexual através do vestuário, reivindicarem o respeito ao nome social e/ou requererem uso do banheiro que consideram mais adequados para suas vivências, logo se tornam alvo de transfobia.

Quando estive com Joelma, em abril de 2012, no III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais, registrei pela primeira vez seu relato sobre como a escola tinha interferido em sua travestilidade. Seu gestual, sua voz, suas atitudes desviavam da condição hegemônica esperada. O deslocamento dessa condição gerou atitudes de discriminação que, segundo ela, prejudicou o “desenvolvimento” de sua aprendizagem. Sentadas do lado de fora do hotel, onde estava acontecendo o Encontro, Joelma relatou.

Tinha uma dificuldade grande de ler, de aprender. Daí, minha mãe conseguiu uma psicóloga pra mim e aí eu fui descobrindo que eu tinha esta dificuldade devido a preconceito que eu tinha no colégio dos meus amigos, da minha diferença [...] De tanto preconceito, de tanta descarga negativa que isso me atrapalhava viver. Eu não queria ir para o colégio e muitas vezes eu não sabia o porquê que eu não queria ir (Joelma, entrevista realizada no dia 27 de abril de 2012).

---

pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola...”(Ibid, 2012, p.51)

<sup>66</sup>Segundo a pesquisa “Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar” realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – INEP (2009) em uma amostra nacional de 18,5 mil alunos, pais e mães, diretores, professores e funcionários de escolas, foram revelados que 87,3% dos entrevistados têm preconceito com relação à orientação sexual. Dados como estes ilustram os motivos que levam tão poucas travestis a acessarem e principalmente se manterem nas escolas brasileiras. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade\\_apresentacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf)> Acesso em 13 mar. 2012.

Envolta com a reiteração de identidades e práticas hegemônicas articulada no espaço escolar, Joelma através do contato/discriminação/estigmatização de seus colegas percebia seu deslocamento frente à “pedagogia da sexualidade” ensinada. A negação de sua experiência nesse espaço tanto gerou a necessidade de escapar da escola, na perspectiva de não continuar sendo negada, como produziu a vontade de compreender o porquê dessa negação<sup>67</sup>.

Segundo Peres, “a intensidade da discriminação e da intolerância nas quais são expostas as travestis nas escolas que desejam estudar levam na maioria das vezes a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos e conseqüentemente à marginalização” (2005, p.57). Conforme o ECA, toda criança e adolescente tem direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa e qualificação para o trabalho. Como também tem assegurada igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Entretanto, os “marcos etários”, fundamentais para “organização social” (DEBERT, 1998), se perdem nas especificidades vivenciada por travestis. Assim, geralmente, a permanência na escola na maioria das vezes torna-se efêmera e inviável marcada por discriminação e violências de toda ordem, pela qual esse segmento é acometido em sua trajetória de vida.

Nesse período de transformações e hostilizações, não só na escola como também em casa, as travestis “iniciantes”<sup>68</sup> geralmente entram no mercado de trabalho tendo como referência a prostituição. Por mais que outras profissões, como cabeleireira e maquiadora, estejam no quadro de funções experienciadas por travestis ainda é a prostituição que se sobressai.

Se não tive meios para a travesti sair da prostituição ela sempre vai está ali dentro. Não tem para onde ela sair! [...] Por isso eu digo, se não começar a providenciar cursos, recursos para o travesti saia da prostituição e comece a entrar “dentro” da sociedade, dentro deste mundo que a ente não tem acesso, sempre vai ter prostituição e elas sempre vão está ali dentro (Jéssyka Tylor, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

A prostituição acaba se configurando no principal espaço onde as travestis são aceitas. Como pontua Benedetti (2005), “os territórios de prostituição constituem um importantíssimo espaço de socialização, aprendizado e troca entre travestis. Mesmo

---

<sup>67</sup> Retomo essa questão no encontro com Joelma relatado no capítulo seguinte.

<sup>68</sup>Na pesquisa que Marília Amaral (2012) realizou os termos “novatas”, “iniciantes”, “ninfetas” e “novinhas” são nomeações específicas entre travestis para se referirem as que estão iniciando e ainda não se autodenominavam travestis mas em processo de tornar-se independentemente de suas idades.

aquelas que exercem a prostituição, esporadicamente frequentam esses lugares” (p.115). É o espaço onde o desvio de heteronormatividade e a transgressão das normas de gênero encontram espaço e aceitação (BENEDETTI, 2005; DUQUE, 2009; AMARAL; 2012).

Questões como a baixa escolaridade, a maior abertura do mercado de trabalho e o atendimento médico condizente às especificidades de travestis e transexuais, têm sido debatidas e consideradas como as principais reivindicações dentro dos espaços de discussão do movimento<sup>69</sup>. Concordo com Amaral (2012) sobre a importância das lutas políticas da militância de travestis e transexuais, que têm trazido à frente de suas discussões a necessidade de projetos de combate à violência e à discriminação dentro dos espaços escolares, como também favorecido através de ações pontuais outras formas de sustento além da prostituição. Porém, é importante ressaltar que os efeitos dessas reivindicações ainda são reduzidos. Torna-se evidente durante toda trajetória de vida de travestis e transexuais a falta da elaboração de políticas públicas mais contundentes e específicas.

No III Encontro Estadual de travestis e transexuais de Pernambuco, uma das participantes chamava atenção para a falta de alternativas, ou melhor, a lacuna existente a respeito de uma segurança financeira quando não pudessem trabalhar. Bem humorada e de forma contestadora, falou que a melhor forma de ter assegurada uma “boa velhice” seria ir à Europa<sup>70</sup> ganhar um dinheiro e quando retornar investir pelo menos em uma moradia, pois não acreditava ser respeitada ou ter algum direito advindo do Estado. Ironicamente dizia que acreditava na “INSSuíça”, fazendo referência ao período que ficou na Suíça e que rendeu dinheiro suficiente para garantir, como ela mesma enfatizou, pelo menos uma casa própria. A Europa aparece, no contexto levantado por essa participante, como o espaço privilegiado para se conquistar capitais econômicos e posteriormente retornar ao país um pouco mais “segura” financeiramente<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup> Tive oportunidade de participar de três momentos na cidade do Recife, onde escola, mercado de trabalho e saúde foram pautas recorrentes de suas reivindicações. O primeiro momento foi no XVIII Encontro Nacional de Travestis e Transexuais – ENTLAIDS, o segundo foi o III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco e o último foi no Orçamento Participativo LGBT de Pernambuco.

<sup>70</sup> Para a autora Larissa Pelúcio “a prostituição travesti na, e para a, Europa não é alimentada por tráfico de seres humanos, mas pela opressão material e simbólica que circunscreve as travestis em guetos, dificultando o acesso à escolaridade, ao mercado de trabalho e comprometendo seus projetos de transformação e inserção social fora da prostituição” (PELÚCIO, 2005, p.243).

<sup>71</sup> Percebo que a migração para Europa perpassa por uma discussão sobre o tráfico de seres humanos, porém não tenho a intenção de abordar esse assunto, pois, além de não possuir dados suficientes para isso, o foco da pesquisa é outro.

Além do capital econômico, existe o capital corporal conseguido na passagem da Europa e refletido na plasticidade e transgressão do corpo e gênero. Algo que Fleming (2005) denominou como o “voo da beleza”, que antes de tudo é a busca de um lugar “contra a injúria e a violência implícita nas normas de gênero, uma reivindicação de inserção para além do carnaval” (p.170). Dessa forma, se de um lado “a Europa se apresenta como um ‘sonho dourado’ de pessoas que cedo conheceram a injúria, a violência doméstica e encontraram na venda de serviços sexuais uma fonte de renda”(FLEMING, 2005, p.20). Por outro lado o “voo da beleza” atualiza algumas injúrias, pois obter inserção econômica favorável não isenta travestis do fato de que estão em terra estrangeira. A ida para Europa, “mesmo que acarrete extraordinárias limitações para muitas, para outras oferece oportunidades que podem redundar na acumulação de uma diversidade de capitais (cultural, social e econômico)” (PATRÍCIO, 2008, p.18). A acumulação desses capitais gera “poder simbólico”. Sobre isso Antunes ressalta que,

A passagem pela Europa significa ascensão social no meio travesti em geral. Além de possibilitar ganhos financeiros, pois muitas acabam vivendo da prostituição, ainda transformam partes de seus ganhos em capital corporal como próteses de silicone cirúrgicos para os seios, intervenções plásticas nos corpos, principalmente no nariz, roupas de grifes importadas, perfumes caros e outros bens simbólicos (ANTUNES, 2010, p.107).

De acordo com esses autores e autoras, a Europa apresenta-se no mundo compartilhado por travestis como um espaço para pleitear distinção e reconhecimento<sup>72</sup>. Tal distinção e reconhecimento foram ilustrados por Christiane Falcão quando perguntei se considerava uma “europeia”<sup>73</sup>. Ela com um sorriso e balançando sutilmente a cabeça de forma negativa declarou:

Trabalhar na Europa não que dizer ser europeia. Eu acho que as pessoas colocam esse título, por besteira sei lá, querem se diferenciar. É como eu falo, às vezes as transexuais são tão ofendidas e marginalizadas que elas se autopromovem para poder, não ser tão tituladas e ser vistas diferentes (Entrevista realizada em 21 de março de 2013).

<sup>72</sup> “Só se pode ser reconhecido por algo realizado, seja a voz, o corpo, as atitudes, os investimentos ou alguma coisa que caracterize a pessoa. Ser reconhecido quer dizer ser identificado, admitido, considerado e, mais que isso, aceito por uma determinada coletividade. Esta coletividade pode ser o núcleo familiar e os pares, também travestis” (PATRÍCIO, 2008, p.34). Lembrar que nem todas travestis e/ou transexuais conseguem obter tal distinção e reconhecimento

<sup>73</sup> Segundo Pelúcio (2005), “Para ser europeia tem que ter vivido uma temporada atuando como prostituta fora do Brasil. Esse fluxo migratório se acentuou nos anos de 1980 [...]” (p.227).

Ainda sobre esse assunto Christiane completou seu pensamento lembrando de algumas travestis que conviveu. *Muitas não tinham nem casa própria, mas tinham um carro importado do ano. Elas viviam para mostrar para sociedade que tinham.*

A fala de Christiane sugere que a inserção no movimento entre nações, viajando para Europa e retornando ao Brasil, traduz-se na busca de um reconhecimento específico de si, enquanto travestis e/ou transexuais e enquanto seres humanos. Essa busca acaba motivando uma série de ações que tem como preocupação a manutenção da imagem e do “status” conquistado. Tais ações terminam por reduzir os ganhos acumulados no exterior. Dessa forma, diferente do que sugeriu a participante do Encontro Estadual de travestis e transexuais, citada anteriormente, os ganhos europeus estariam atrelados as necessidades mais imediatas em detrimento da possibilidade de ser uma forma para se ter assegurada uma “boa velhice” no futuro.

De outro modo, pode-se perceber também que essa busca urgente por autopromoção e reconhecimento salienta a corda bamba da vulnerabilidade que travestis vivenciam em suas trajetórias de vida. Devido ao contexto vinculado principalmente a violência sofrida, suas perspectivas são reduzidas fazendo a maior parte delas não fazer projeções para o futuro e apostarem tudo no presente. A própria Christiane refletindo sobre sua história declarou

Eu sempre vivi minha vida como se o dia de hoje fosse o último. Eu sempre vivi intensamente. Como tudo na minha vida foi muito rápido. Então, assim: Eu virei travesti. Com dezessete anos eu fui para Europa. Com dezoito eu já tinha prótese, já tinha carro, já tinha casa, já tinha marido. Saí em todas as revistas, em todos os jornais como a segunda Roberta Close brasileira. Então eu dizia assim eu não vou viver muito não isso é uma dádiva de Deus. Ele ta me dando tudo agora. Porque eu não vou viver muito. Eu achava que eu sempre ia morrer muito jovem (Entrevista realizada em 21 de março de 2013).

A experiência travesti é marcada em todas as etapas da vida por uma vulnerabilidade específica ligada à vivência de uma sexualidade desviante. Com efeito, essa vulnerabilidade implica na existência das travestis e descaso e banalização da violência a estes corpos invisíveis perante a lei e o judiciário (AMARAL, 2012), contribuem efetivamente para essa situação. Neste contexto envelhecer acaba sendo percebido como algo para ser conquistado. Para ilustrar essa afirmação destaco o desabafo de Jéssyka Tylor: *O envelhecimento pra mim eu acho que seria uma conquista*

*de realmente ter vivido e ter alcançado a glória de realmente envelhecer [...] Só o fato da travesti chegar a uma certa idade já é uma glória. Porque tem muitas que não chegam.*

Se as etapas da vida determinam uma série de comportamentos padrões esperados para cada segmento específico da população (ANTUNES, 2010, p.35) e se os recortes de idade são manipulados, gerando um espaço de luta que definem práticas legítimas associadas a cada etapa da vida, cabe refletir, diante do que foi exposto, sobre as particularidades que circundam a vivência travesti e como suas experiências afetam o curso de vida. Pensar nos hiatos e nas possibilidades de reinterpretar o corpo e reelaborar normas de periodização da vida. Neste sentido, o texto procura apontar que tanto o gênero como o processo de envelhecimento, entrecortados pelo discurso naturalizador, aparecem na experiência travesti através improvisações e invenções, enfatizadas por uma performance corporal que singularizam esta mesma experiência.

### **3. COMPONDO IMAGENS: EXPERIÊNCIAS EM FOCO**

O texto aqui desenvolvido revela um pouco do meu encontro com as interlocutoras que participaram dessa pesquisa. Encadeia momentos associados às experiências das travestis, traçando uma breve descrição da trajetória de cada uma, ilustrando seu cotidiano e imergindo em suas falas e imagens, no intuito de apresentar uma das leituras possíveis dessa imersão. Através dos relatos videogravados, procurei trazer na descrição de seu “curso da vida” elementos na perspectiva de dialogar com questões de gênero, corpo e envelhecimento.

#### **3.1 Encontro com Bia: notas sobre o receio da visibilidade**

No dia marcado da entrevista com Bia, seguindo suas orientações, peguei o ônibus indicado e segui ao encontro dela. Chegar ao bairro foi um pouco complicado, pelas voltas que o ônibus faz demorei um bom tempo. O bairro era bem diferente do que estava acostumada no Recife, fiquei encantada com os morros e a vista propiciada. Foi um misto de encantamento e admiração, talvez em saber como aquelas ruas tão estreitas e íngremes alojavam diversas casinhas que se perdiam quando vistas da parte de cima do morro.

Quando cheguei já eram quase 16 horas. Caía uma chuva fina. Pedi informações sobre a rua indicada e descobri que até pouco tempo as ruas, que anteriormente eram conhecidas por números, passaram a utilizar diferentes nomes o mesmo prefixo “Ibu” ou “Ibi”. Levada por um morador até a mercearia fui apresentada a uma lista fixada na parede que continha a relação de como as ruas eram definidas antes e depois da mudança. Desta forma consegui chegar ao endereço fornecido por Bia.

Descendo uma rua íngreme cheguei a um duplex simples. Diante de um portão preto comecei a bater palmas esperando ser atendida. A vizinha sugeriu que batesse forte no portão, porém preferi continuar nas palmas. Bia apareceu na janela da parte superior da casa e logo veio abrir o portão, me cumprimentou e ressaltou admirada que as pessoas sempre chegavam lá batendo forte no portão, fazendo um barulho muito alto.

Bia vestia uma camiseta cinza, calça jeans, óculos de grau, nenhuma maquiagem no rosto e estava descalça. Subimos a escada e logo estávamos na sala de estar que dividia espaço com seu salão de cabeleireira.

Bia (vide figura 1) nasceu no Recife e se identifica como travesti, 46 anos de idade, cabelos ondulados até a nuca, estatura alta, magra e apresenta um pouco de seios, vestígio da época em que tomava hormônios.



Fig. 1: Bia posando para fotografia em nosso segundo encontro de entrevista.

Sua casa dividia-se em quatro cômodos: um quarto que ficava na parte da frente da casa, onde para chegar ou sair dele exista um corredor largo em L, que foi transformado em sala e salão respectivamente. Na mesma parede, que separava o corredor e o quarto, ficava uma pequena janela que iluminava a sala. Na sala ficava um conjunto de sofá cor vinho de três e dois lugares, um voltado para o outro. Perto da porta da cozinha ficava um *rack*, com uma televisão de 21 polegadas ligada na novela “Chocolate com pimenta”, a qual Bia acompanhava atentamente. Situação que me levou a iniciar a entrevista após o término da novela. No salão existia um grande espelho fixado na parede, uma penteadeira, cadeira giratória, quatro cadeiras de espera, um lavatório e um carrinho auxiliar para organizar os produtos do salão. No lado esquerdo do espelho ficava uma janela com cortina vinho e do lado direito a sala. Na cozinha, que dividia espaço com o banheiro, terminava a casa. Neste cômodo continha uma mesa

quadrada de madeira com quatro cadeiras, armários na parede, pia, geladeira, fogão e um micro-ondas que Bia informou ter comprado com o dinheiro recebido depois do acidente. Do lado esquerdo, para quem entra na cozinha, uma janela lateral e uma abertura quadrada no teto onde Bia, em nosso segundo encontro, convidou para subir uma escada de madeira e conhecer a laje que futuramente, segundo ela, seria reformada.<sup>74</sup>

Antes de começarmos a entrevista pedi o consentimento de Bia para registrar aquele momento com o gravador e uma câmera de vídeo. Ela concordou, só pediu um minuto para trocar de blusa. Voltou do quarto com uma camisa de cor flamingo de mangas curtas e os cabelos penteados<sup>75</sup>.

Ao iniciarmos a filmagem fomos interrompidas por uma batida forte no portão, era um cliente que ela estava esperando para cortar os cabelos. Explicou a ele que estava em uma entrevista e pediu que a esperasse.

Recomeçamos. Iniciei perguntando sobre dados de identificação. Ao ser indagada sobre seu nome considerou primeiro o nome masculino, Ubirajara, e classificou Bia como um apelido<sup>76</sup>. Gostaria de abrir neste momento um parêntese, em toda a entrevista Bia refere-se a si mesma utilizando o artigo masculino, porém continuarei a utilizar o artigo feminino por observar em reuniões, encontros e conversas informais que tive durante o campo, a utilização recorrente do artigo feminino e por compreender a luta pelo reconhecimento do nome social<sup>77</sup>.

Bia enfatizava que nunca se prostituiu, estudou até a 5ª série, desenvolveu durante sua vida várias funções, mas tem como profissão cortar cabelos. Atividade que afirma orgulhosa ter aprendido sozinha em uma brincadeira de criança, quando um menino teve um chiclete preso aos cabelos. *Na hora que ele pediu para tirar aquele chiclete foi que surgiu minha profissão de cabeleireiro, ali!*

---

<sup>74</sup> No segundo encontro constatei mudanças em sua casa. Bia tinha modificado a posição dos móveis e agora o espaço onde tínhamos feito a primeira entrevista era o salão de cabeleireira trocando de lugar com a sala de visitas. Disse que tinha gostado da modificação e ela começou a falar dos planos futuros: cores para pintar a casa, colocação de um toldo na frente da casa com o nome de seu salão, promoções diversas para cabelos e cursos que vai oferecer a comunidade para retomar seu lugar de destaque como cabeleireira. (Entrevista realizada em 13 de junho de 2011).

<sup>75</sup> Apesar da troca de blusa e dos cabelos penteados em toda entrevista Bia se comportou como se não estivesse sendo filmada. Era como se a filmadora fosse um dos objetos que enfeitavam a sua sala.

<sup>76</sup> No depoimento concedido no III Encontro de travestis e transexuais de Pernambuco Bia se apresenta diferente: *Meu nome de homem é Ubirajara de travesti é Bia...* (depoimento concedido dia 28 de abril de 2011)

<sup>77</sup> Essa questão já foi pontuada nas considerações iniciais.

A saída de casa também está de certa forma relacionada com a prática de cortar cabelos. A partir do dinheiro que ganhou com cortes esporádicos de cabelos alugou, com uma amiga travesti que vivia da prostituição, um espaço para ficar e aos poucos foi levando suas coisas até definitivamente sair da casa dos pais. Saiu quando tinha 15 anos. Revelou que não suportava ser o motivo das discussões constantes entre a mãe e o padrasto. Discussões estas motivadas desde o momento em que os pais a encontraram com roupas e acessórios femininos em um clube do bairro.

Existiam muitas fotografias junto com familiares, principalmente em companhia da mãe (vide figura 2). Bia a todo instante enfatizava o relacionamento e a importância da mãe na sua vida. Fato que foi ratificado quando perguntei se tinha alguma foto que mais gostava e ela revelou com o semblante sereno: *As fotos que mais gosto é a que estou com minha mãe.*



Fig.2. Bia mostrando sua mãe. (imagem retirada de videogravação)

Diversos momentos da vida familiar eram apresentados por Bia, seja ao lado dos irmãos e irmãs, brincando com sobrinhos/as, carregada pelos primos, sorrindo com a prima, comemorando aniversário com seus parentes. Momentos que ficaram retidos, delimitados, guardados nas bordas 15x20 cm daquelas imagens coloridas. Transcrevendo o vídeo revia as expressões de Bia ao falar sobre esses momentos. O olhar parecia entristecido revisitando aquelas imagens. Cabisbaixa, narrando cada cena, sua voz se perdia em alguns instantes e era por ela recuperada a fim de exibir outra foto.

Essas fotos demarcavam uma relação que Bia, em tom de reivindicação e saudosismo, revelava não existir mais. Bia pertence a uma família de quatro irmãos e duas irmãs, sendo que o irmão que a protegia, ficando nos bares até ela ir embora e saindo com ela de moto, fora assassinado. Foi criada pela mãe e o padrasto, nunca conheceu o pai, fato que a entristece até hoje. Desde criança vestia roupas de sua mãe e a vontade de possuir cabelos compridos a fazia usar um lençol ou toalha na cabeça. Quando a mãe não estava em casa passeava pelos cômodos se divertindo com esses acessórios.

Por volta dos 15 anos de idade, com o dinheiro dos cortes de cabelos, Bia comprava suas próprias roupas. Nesta época começou a usar maquiagem e furou a orelha para colocar brincos, também deixou os cabelos crescerem e logo que pôde colocou *aplique*<sup>78</sup> para deixá-los maior, o que veio ocorrer depois de seus 20 anos. Começou a utilizar hormônios (vide figura 3) por incentivo e orientação de amigos que já tomavam. Bia revelou que ao perceber os seios dos amigos crescendo desejava aquilo para ela. Porém, parou de tomar hormônios após dois anos por receio de complicações a sua saúde física.



Fig. 3. Bia e os primeiros efeitos nos seios depois do uso de hormônios (imagem retirada de videogravação).

---

<sup>78</sup> É uma técnica, atualmente mais conhecida como *mega hair*, que alonga os cabelos naturais unindo-os a uma extensão de cabelos artificiais.

Muitas pesquisas ressaltam a importância dos hormônios na constituição das travestis (JAYME, 2001; PELÚCIO, 2004; BENEDETTI, 2005; AMARAL, 2012). Dentre os artifícios elencados para construir um corpo mais próximo de um tipo de imagem feminina, os hormônios destacam-se como marcador importante na constituição da travestilidade), “Há um tempo associado ao SER travesti, um estado mais definitivo, que se estabelece com a decisão de ingerir hormônios e aplicar silicone e não mais só ‘se montar’, momento de um ESTAR transitório” (PELÚCIO, 2004, p.142). Como a própria Bia assinalou: *Depois que botar o seio você virou travesti, já é um travesti, não tem como mudar mais aquilo ali!*

Entretanto, seria certo afirmar que ao interromper a ingestão de hormônios Bia interrompeu a “construção da Pessoa travesti” (JAYME, 2001)? E se essa construção foi interrompida, então Bia estaria presa em um ESTAR transitório? Ou melhor, seria possível afirmar que a experiência de travestilidade imprimiria um tipo ideal de travesti para ser seguido?

Concordo com Marília Amaral (2012) quando assinala que “o corpo é um dos principais lócus de convergência nos quais os processos se produzem e legitimam a travestilidade” (p.81). Compreendo a relevância dos hormônios nos corpos e na vida cotidiana de diversas travestis. Porém, quero chamar atenção aqui para o cuidado em tornar fixos processos que são dinâmicos, fluídos, móveis. A experiência de Bia é um exemplo de que o processo de travestilidade é constituído por um vasto repertório de composições corporais possíveis.

Quando Bia falava de suas roupas, sapatos, enfeites, maquiagem e mesmo quando exprimia desejo em colocar próteses de silicone no bumbum e nas pernas, a expressão “nada de exagerado” aparecia no final da sentença. A discrição era salientada por ela em diversos momentos, revelando certo receio em atrair os olhares das pessoas ao seu redor. Seus cabelos longos eram amarrados quando ia ao trabalho. *É assim que eu gosto de trabalhar*, dizia Bia apontando para um retrato da época que trabalhava em um salão no Shopping Recife (vide figura 4). Na imagem ela sem maquiagem ou acessórios, usando apenas calça comprida de cor branca, tênis e camisa social frouxa para disfarçar os seios pequenos. Como ressaltou andava “normal”.



Fig. 4. Fotografia que Bia apresentou pra exemplificar como gostava de se vestir para ir trabalhar. (imagem retirada de videogravação).

Tanto eu vou para minhas atividades de calça jeans de tênis, entendeu?! Nem toda hora, nem toda ocasião, alguns lugares eu tô transformado não! Tem lugares que eu gosto de entrar de tênis, de camisa, eu tenho até aí roupa de homem e roupa de mulher, mas gosto mais de me transformar a noite. A noite eu gosto de colocar fazer tudo aquilo que eu quero, mas durante o dia eu gosto de colocar minha camisa, minhas calças jeans, meus tênis minha bolsa normal de trabalho e vou embora a luta. (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2012)

A partir dessa fala pode-se estabelecer uma relação entre o receio de ser visível e a cena noturna. Na noite, as luzes da cidade projetadas nos corpos das travestis explicitam uma aparência desconexa com o modelo físico-biológico. Entretanto, essa aparência ganha ressonância na claridade do dia causando admiração, risos, estranhamentos, incômodo, descontentamento e reações de violência psicológica e/ou física.

O receio da visibilidade persiste em suas expectativas futuras. *Se eu chegar a 60 anos, eu não quero chegar a 60 anos me vestindo, pronto já mudei em algumas coisas, umas roupas... Eu não uso muito roupa depravada.* A percepção de Bia sobre seu corpo daqui a alguns anos revelou-se de uma forma indefinida, flexível, variável e por vezes contraditória. Em certo momento, Bia enfatizou o mal-estar frente à imagem do corpo travesti envelhecendo ao dizer

Eu penso no futuro usar meu cabelinho normal. Porque depois quando a gente passa a envelhecer... Eu não concordo, não! Eu acho que fica muito... Eu acho feio! Um travesti, uma pessoa que se transforma mais tarde quer se transformar depois de velho (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2012).

Bia ao falar sobre *cabelinho normal* aponta para sua nuca sinalizando um corte curto, ou seja, sem *mega hair*. O que a deixaria mais próxima da imagem masculina vista nas fotografias antes da transformação. Porém, por instantes, Bia percebe uma incoerência em sua fala e se retifica.

Eu não sei isso aí é muito relativo quando eu colocar os seios, entendeu ? Por que eu falei ainda agora que tenha vontade de colocar uma prótese, né?! Então isso é relativo. Eu posso mais tarde também usar mesmo eu tando com 60, 50 anos usar meu cabelinho e ser uma cidadã... (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2012).

Apesar das várias discussões que cruzaram o século XX e são pautadas no século XXI, referente ao reconhecimento e direitos civis, é inegável o número de diversas rejeições e reações presentes no cotidiano direcionadas para aqueles que exercitam sua sexualidade de forma diferente. Parker (2000) fala sobre a “sinergia de vulnerabilidades”, ou seja, a concentração de diversas formas de opressão, marginalização e violência pelas quais muitas pessoas estão expostas e que promovem os mais diversos modos de estigmatização. Não é difícil encontrar depoimentos de pessoas consternadas ao se defrontarem com a imagem de um homem travestido com acessórios e formas femininas. Nessa perspectiva, a força dessa representação visual pode ser observada levando em consideração as dificuldades de uma experiência pública de travestilidade, uma vez que a visibilidade não significa somente ratificar a própria vivência, ela resvala numa vulnerabilidade provocada pela exposição, desencadeando atitudes moralizantes e, muitas vezes, agressivas na perspectiva de reconduzir a sociedade para sua “normalidade”.

Qualquer vivência que destoe da heteronormalidade, instituindo um tipo de visibilidade, torna-se vulnerável, vigiada e na maioria das vezes reprimida. Desse modo, a contradição na fala de Bia pode ser percebida como um esforço para romper com a “sinergia de vulnerabilidades” pautado no discurso heteronormativo.

Prosseguindo em sua trajetória, Bia informou que estava viúva há quatro anos, o companheiro morreu vítima das complicações da diabetes. Viveram juntos por 28 anos naquela casa que conseguiram em parceria. Quando se conheceram, Bia namorava um soldado. Segundo ela uma relação complicada, já que este era casado.

Então terminou com essa relação. *Era mais futuro ficar com ele* (referindo-se ao companheiro que viveu por 28 anos) *do que com o soldado.*”

Um certo dia que ele disse: Vamos morar comigo. Aí eu falei assim eu não quero morar com ninguém, eu disse. Mas eu garanto que você vai gostar de ficar comigo. Aí eu disse: Mas pra isso eu vou ter que acabar o namoro com uma pessoa que eu tenho. Aí quando foi a noite chegou o rapaz me procurando, aí falei para rapaz que não dava mais, que eu tava vivendo ao lado de uma pessoa maravilhosa que queria me ajudar (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2012)

Quando teve que cuidar do companheiro, depois que este ficou cego, Bia se afastou de suas atividades de cabeleireira e isso afetou sua “clientela”, fato este agravado mais tarde por seu afastamento para se recuperar do acidente com o carro, anteriormente citado.

A importância dada por Bia a sua profissão era peculiar, pois estava ligada a uma visibilidade associada ao reconhecimento que propiciava a ela certo status. A posição social conseguida tinha se perdido e Bia tentava recuperar nostalgicamente. Seu glamour estava relacionado a um passado recente quando era convidada a ministrar curso de formação para as novas cabeleireiras do bairro (vide figura 5) ou quando teve envolvimento, para aperfeiçoar sua técnica, com “os melhores cabeleireiros do Recife e do Rio de Janeiro”, ou mesmo quando saiu no jornal, em revista e até participou de propaganda de televisão “ligada à política”.



Fig.5. Recorte de jornal comunitário. Bia ministrando um curso para formar as novas cabeleireiras do bairro. (imagem retirada de videogravação).

Ela guardou uma espécie de dossiê (que fez questão em mostrar) dessa época composto por documentos, fotos de seus cursos, comentários de jornais locais, além de fotos com pessoas envolvidas com a cena pública da cidade. Bia revelou que foi nesta época (*Depois que comecei ter nome, depois que eu vim fazer sucesso no cabelo*) que estabeleceu uma relação de amizade com seu padrasto. Segundo Bia, a perda da posição que tinha conquistado no bairro estava interligada ao acidente que sofrera. Em seu relato dizia que o acidente tinha transformado sua vida, afetado seu trabalho, pois as pessoas questionavam sobre a capacidade motora dela devido ao golpe que levou na cabeça. Chorou em minha frente, relatando as dificuldades que tinha passado e as poucas expectativas no futuro. Naquele momento tinha uma necessidade de se justificar, enfatizando que teve que abandonar sua profissão para cuidar do companheiro doente e posteriormente teve que se afastar para se recuperar das sequelas do acidente. Em sua fala tornava-se perceptível que a justificativa que buscava tinha como foco não os outros, mas a si mesma.

Quando Bia falou sobre o processo de envelhecimento, essa situação de perda da posição profissional tomou um tom mais preocupante em suas impressões, pois associou a condição de velhice com improdutividade. Da mesma forma que enfatizou indignada o fato de algumas pessoas duvidarem de sua capacidade motora para exercer sua profissão destacou orgulhosamente: *Enquanto deus me der forças nas mãos estarei trabalhando*, não importando a idade que possuísse. Ao mesmo tempo em que a fala de Bia traz elementos para pensar uma resistência à lógica capitalista como corpo não descartado da força de trabalho, que teima em continuar ativo, essa fala também expõe que os corpos de quem tem mais idade estão ainda mais diretamente manipulados pelas estranhas estruturas da reprodução capitalista (BRITO DA MOTTA, 2002).

Quando pedi que me mostrasse algumas fotos, a primeira imagem que se formou nas lentes da filmadora foi de Bia atuando em sua profissão. Isto é, a maior parte das fotografias apresentadas relacionava se à sua vida e “reconhecimento” (pontuado várias vezes por minha interlocutora) como profissional. Diversas imagens eram exibidas mostrando Bia em seu salão (vide figura 6), cortando cabelos, ministrando cursos em eventos da área e ao lado de alunos/as ou de outros/as que atuavam na mesma profissão. Essas fotos retratavam como as relações sociais de Bia foram formadas a partir de sua inserção nos espaços como cabeleireira.



Fig.6. Bia no salão de beleza onde trabalhava (imagem retirada de videogravação).

No entanto, se de um lado uma ampla rede de amigos e amigas era apresentada, do outro havia a constatação atual da ausência daquela sociabilidade, pois as diversas pessoas que compunham aquelas imagens estavam mortas, incluindo seu companheiro. Outras tinham se afastado e saído do circuito de amizade. Naquele momento Bia vivenciava um reencontro visual “diante dos ausentes, dos banidos da história pessoal, dos mortos reais e simbólicos” (MARTINS, 2011, p.45). O tempo tinha afrouxado sua rede de relações.

Ao finalizar esse encontro com Bia, gostaria de enfatizar o momento que em frente às fotografias, distribuídas aleatoriamente no sofá, via surgir sua história visual. Conseguia ali acessar o não dito nas entrevistas ou conversas informais. Desvelava momentos que não tinha sido citado, como o fato de Bia já ter feito *shows* como transformista<sup>79</sup>. As fotografias isoladas mostravam fragmentos de sua história pessoal. Espalhados no sofá, os fragmentos demarcavam espaços e tipos de relações sociais diferentes: a relação de proximidade com os familiares, os encontros com amigos, a atuação como cabeleireira, as festas, o momento com o companheiro e a constituição de

<sup>79</sup>As transformistas “Feminizam seus corpos utilizando, além de roupas e maquiagem femininas, acessórios ‘postigos’ (enchimentos, peruca etc) em dias de espetáculos e festas, nas quais o nome de batismo transformista (feminino) supera o nome de batismo na certidão de nascimento (masculino)” (COELHO, 2009, p.21). Ainda sobre este assunto Benedetti (2005) ressalta que as transformistas “promovem intervenções leves – que podem ser rapidamente suprimidas ou revestidas - sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e identidade femininas somente e ocasiões específicas. Não faz parte dos valores e práticas associadas às transformistas, por exemplo, circular durante o dia *montada*, isto é, com roupas e aparência femininas” (p.18).

sua travestilidade. Tudo era narrado visualmente e enfatizado pela fala de Bia. Imagens que suscitavam uma reação nostálgica. Retratos que se proponham a ser “como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória das perdas. Memória desejada e indesejada” (MARTINS, 2011, p.45).

A trajetória de Bia é intensa. Começa a trabalhar muito cedo, isto impõe uma imediata entrada na vida adulta. O auge da trajetória relatada por Bia se vincula aos processos que a puseram em destaque, em evidência, como uma referência: cursos, o salão, casamento. A perda desse reconhecimento aparece como início de um envelhecimento traduzido como isolamento. Dentro desse quadro de perdas e isolamento, Bia acaba incorporando um discurso onde a velhice é percebida em termos negativos associada à ideia de dependência, desamparo, deterioração da saúde, carência afetiva e econômica.

Contudo, a percepção assumida por Bia sobre processo de envelhecimento relaciona-se principalmente a aparência física. Esta situação ficava nítida em todos os momentos que estive com ela. Nestes momentos Bia demonstrava e ressaltava o incômodo com o corpo depois do acidente que sofrera. Assim, emergia em nossas conversas a necessidade em realizar algumas modificações para atenuar os efeitos do acidente, principalmente quando fazia referência aos cabelos que tiveram que ser cortados para pontuar a cabeça. Desse modo, modificações como, por exemplo, repor o *mega hair* perdido representavam na fala de Bia uma ânsia para recuperar um pouco de sua autoestima.

*A idade que vai chegando e a beleza é a gente que vai fazendo ela. Vai se cuidando, né!* Nesta fala de Bia a boa aparência corporal aparece como um requisito para vivenciar o processo de envelhecimento. Esta boa aparência surge como algo que deve ser conquistado a partir de um esforço pessoal, isto é, sob a lógica da “reprivatização da velhice” (DEBERT, 2000). Assim, o corpo torna-se preocupação e investimento e dentro deste contexto Bia completou enfatizando que

É um pouco difícil pra gente aceitar a velhice por que [...] Quando é uma mulher mesmo ela envelhece naturalmente e ninguém diz nada, mas um homossexual, um travesti a gente envelhecendo a gente vai escutar alguma coisa. Porque tá velha, ela tá coroa! E vão querer o quê? As novinhas! (Entrevista realizada dia 27 de maio de 2012).

A preocupação em perder espaço para as travestis “novinhas” faz com que se institua varias técnicas para se mantenha o corpo jovem. Pode-se dizer que “o corpo torna-se facilmente lugar de concretização do bem-estar e do parecer bem através da forma e da manutenção da juventude” (DANTAS, 2011, p.907). Desse modo, a perda dessa referência corporal, aliada às outras perdas já citadas na trajetória de Bia, contribui para em algumas vezes ela pontuar a ideia de voltar a ser “normal”, ou seja, deixar de ser travesti.

### 3.2 As Divas

Antes de narrar o encontro com as divas Jéssyka Tylor e Christiane Falcão, gostaria de relatar a experiência e fazer algumas reflexões referentes ao período que acompanhei o programa *No Divã com a Diva*. Momento este essencial para uma maior inserção no campo e no contato com as duas interlocutoras acima citadas. Durante as noites das sextas-feiras fui encarregada de documentar o programa e dessa forma tive a oportunidade de observar, acompanhar através das lentes da filmadora, a dinâmica presente na autorrepresentação<sup>80</sup> evocada através do *No Divã com a Diva*.

A inserção no programa foi importante para perceber a construção da linguagem que determinava uma das maneiras pela qual o público LGBT poderia ser visualizado e visibilizado. O intuito era a partir do compartilhamento de vídeos através da internet, reproduzir as imagens encenadas no *No Divã com a Diva* na perspectiva de entrar na grade de alguma rede televisiva.

Nesta perspectiva, a cada sexta, por volta das 21 horas, o Club 111 começava a receber o público que vinha participar do programa *No Divã com a Diva*. Passando pela recepção e cruzando o espaço onde ficam os armários ainda tinham duas salas de convivência, com televisores e ar condicionados, até chegar ao espaço reservado ao programa. Chegando a este espaço podia perceber que era a área onde ficava a sauna e o bar. À frente uma piscina de tamanho pequeno tendo no final de sua extensão um palco suspenso. À esquerda do palco um divã, à direita um espaço

---

<sup>80</sup> “A autorrepresentação se refere aqui, precisamente, a um modo particular de construção de uma autoimagem para dar-se a ver [...] por meio de artifícios simbólicos e performáticos, considerando-se uma determinada intencionalidade presente nesse processo de se autorrepresentar. Pensando então nas autorrepresentações como construções baseadas em determinados fatores que, de alguma forma, fazem sentido para quem transmite tal expressão de si, poder-se-ia compreender que os indivíduos e grupos sociais as formulam espontaneamente a partir de aspectos materiais e subjetivos capazes de identificá-los, inclusive visualmente, determinando em certa medida o modo como querem ser visualizados e visibilizados” (LIMA, 2009, p.118).

reservado à banda Moderna Art, composta por três garotas. Ao fundo uma cortina branca com detalhes em preto, tendo no seu centro o *banner* com o nome do programa e a imagem da apresentadora Christiane Falcão. Logo abaixo do *banner* uma mesinha com um grande globo iluminado que de longe lembrava a lua. (vide figura 7).



Fig.7. Christiane entrevistando artista local sentada no divã. Ao fundo a banda Moderna Art (imagem retirada de videogravação).

Antes e depois do programa o ambiente era iluminado por um *laser* holográfico que projetava no chão, parede e teto, luzes coloridas e intermitentes que pareciam acompanhar o ritmo das músicas escolhidas pelo *DJ* da sauna. Todo o espaço construído era extensão do espetáculo encenado no palco com o intuito de ser consumido. Como disse Debord (1997), “O mundo do presente e do ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido” ( p.28). É sobre a égide de mercado de consumo que a própria imagem da diva foi projetada. E como o ato de produção de imagem marca as vivências das travestis. Geralmente a imagem invocada é associada a estereótipos glamorosos principalmente nas que atuam no mundo do espetáculo e anseiam pelo status de diva.

Diante da câmera eram articulados figurino, iluminação, músicas, ritmo e cores que permitiam o reconhecimento de quem conhecia os espaços de sociabilidade LGBT. Um repertório de gestualidades era composto por quem passava pelo palco mantendo vínculo de comunicação com o público através principalmente das performances corporais apresentadas. O roteiro do programa assemelhava-se a um

programa de auditório<sup>81</sup> com entrevistas (vide figura 8), apresentações artísticas de convidados/as, exibição de calouros, um corpo de jurados para analisar as performances dos calouros e um público assistindo o desenrolar do programa.



Fig.8. Entrevista com os convidados/as do programa

Os programas de auditórios, que tiveram seu ápice no Brasil nos anos de 1980 e 1990, continuam no século XXI como produto de consumo vinculado principalmente pela televisão. A autora Aline Soares Lima destaca que

Os programas de auditório da década de 80 e 90 deram inédita visibilidade às travestilidades, espetacularizando as transformações corporais e seus complexos processos, tornando as travestis conhecidas e reconhecidas na cultura de massas brasileira, e intensificando o exotismo que já parecia inerente à condição de ser travesti. Nesse contexto, o universo das travestis é popularizado e aparece associado ao glamour e à diversão que servem a um tipo de entretenimento burlesco (LIMA, 2009, p.59)

<sup>81</sup>“A partir dos anos de 1980, os shows de transformismo foram para a televisão, sendo exibidos em programas populares de grande audiência em rede nacional. O ‘Clube do Bolinha’, programa de auditório apresentado nas tardes de sábado na rede Bandeirantes durante a década de 80 até 1994, lançou o antológico quadro ‘Eles e Elas’, onde travestis e transformistas dublavam com muito glamour divas do rádio, cantoras nacionais e internacionais que faziam sucesso na época, desenvolvendo performances irrepreensíveis, com figurinos ricamente elaborados com plumas e paetês. [...] Sílvio Santos, em seu ‘Show de Calouros’ apresentado aos domingos no SBT no mesmo período, também levava ao palco, no quadro “Os transformistas”, travestis e transformistas em concursos nos quais se disputava o prêmio pela melhor dublagem” (LIMA, 2009, p.56-57).

Diferente da imagem de entretenimento burlesco, o intuito era tornar visíveis os espaços e vivências do mundo LGBT, através de um programa feito para ser vinculado pela internet ou mídia televisiva. A primeira parte do programa era dedicada às entrevistas, onde os convidados sentados no divã respondiam as perguntas da “diva”. Christiane Falcão. Em seguida o quadro “Sexo no divã”, que tinha a frente Luciano Palhano, cuja função era tirar dúvidas referentes às questões ligadas ao sexo e sexualidade. Neste momento, então, as pessoas que assistiam poderiam participar fazendo perguntas. As perguntas revelavam geralmente um discurso baseado na visão determinista da orientação sexual. Tomada como condição humana irrevogável era recorrente a ênfase no discurso: eu não pedi pra ser gay, lésbica, travesti ou transexual, eu nasci assim.

Durante todo o programa pequenas pausas eram feitas para que se pudesse ouvir músicas tocadas pela banda Moderna Art. O momento mais esperado do programa era o “Concurso Drag Star”(vide figura 9) composto pelas categorias bate cabelo, transformistas caricata e performática. Em cada semana era apresentada uma categoria diferente que seria avaliada por um corpo de jurados. O júri era formado por três convidados que estavam há tempos na cena noturna do Recife.



Fig.9. Concorrentes do “Concurso Drag Star”

Neste sentido as performances construídas pelas concorrentes eram examinadas. Ficando a cargo dessa tarefa as *performers* mais antigas. Assim, o júri

criticava e/ou elogiava vestuários, maquiagens, adereços e principalmente a desenvoltura da performance apresentada<sup>82</sup>. O corpo de jurados também auxiliava as participantes repassando dicas e/ou orientações sobre como melhorar o ato artístico que tinha sido analisado. Lembro-me de em uma noite dessas, depois das observações feitas pelos jurados Christiane Falcão não se conteve em sua função de apresentadora e começou a comentar sobre performance

Quero ressaltar por que até então estão começando agora. Então tudo em relação a isso é viável. Pelas condições que as pessoas têm e até então realmente eu sou uma pessoa muito crítica em relação a isso. Porque como eu visualizo muito dublagem, eu sou de boca, pra mim toda transformista toda *drag queen* teria que saber o que estava dublando e a interpretação daquilo que tá fazendo. Porque até então dizer Sky, que é céu, e você tá apontando pra piscina (Christiane Falcão no Programa *No Divã com a Diva* em 16 nov. 2012).

Envolvida nesta situação, lembrava-me do papel que exerce travestis mais “antigas” em relação às mais novas. Naquele instante, Christiane Falcão tornou-se a orientadora compartilhando seu aprendizado no palco. Este aprendizado reúne várias orientações que abrangem também gestualidade, vestimentas, uso de saltos altos, utilização de maquiagem, postura, modificações no corpo, enfim, uma série de técnicas corporais que ajudarão as “novatas” a adquirir atributos “femininos”. Dessa forma, há uma pedagogia corporal que performatiza a travestilidade (LIMA, 2009) e é repassada por quem é mais “antiga”, quem tem mais experiência. No mundo do espetáculo estas travestis mais “velhas” representam glamour e beleza conquistados depois de percorrer um longo percurso. Andar por este caminho e conseguir ser considerada uma “diva” é um privilégio que muitas tentam alcançar.

A figura da estrela de cinema e da diva configurou-se dentro de um projeto que teve seu momento áureo no século XX foi produzida para ser consumida pelos expectadores que se viam ou almejavam alcançar a fama, dinheiro e glamour presente naquele produto e tão bem explorada pela lógica do mercado. “A diva identifica-se com

---

<sup>82</sup>Em seu trabalho realizado na cidade de Fortaleza, a pesquisadora Juliana Justa Coelho (2009) elenca diversos recursos utilizados por quem vai realizar o ato performático: “Perucas, vestidos, brincos, pulseiras, silicone, saltos, maquiagem, perfumes, meias-calças, adereços flúor, cílios postiços, pedrarias, lentes de contato das mais variadas cores (inclusive brancas, vermelhas e roxas), *megahair*, botas, grampos, cola *superbonder*, coreografias, depilação (ou não), fazer uma cintura com o auxílio de durepox, seios de enchimento, seios hormonizados, esconder a sobrancelha ‘natural’ para redesenhá-la em outro canto. Recursos como os elencados acima e muitos outros são associados à montagem de transformistas, travestis, drag queens, sejam às que fazem shows nas boates ou às que querem dar “close” nas ruas, festas e outros tipos de eventos” (p.48)

a *star* ao tornar-se igualmente um objeto da indústria do entretenimento<sup>83</sup> e ser projetada pelo *mass media* ao modo de um produto de consumo subversivamente religioso” (MARKENDORF, 2010, p. 326). Assim, corpos eram compostos. Gestos, posturas, vestuários, acessórios foram acionados com a intenção de compor mimeticamente a diva. Imagem que ganha o mundo e torna-se um produto lucrativo.

Principalmente no mundo dos espetáculos o universo *trans* incorporar esse modelo para realizar suas performances. Com o desejo em conquistar o status de diva. Nesta direção, nomes estrangeiros são adotados relacionados geralmente as celebridades da música e/ou do cinema. Estes nomes fazem parte de uma ideia publicitária que tem como base o repertório de consumo star/diva.

De origem italiana, a palavra “diva” evocava menos uma qualidade do que uma condição, pois, além de um excepcional talento artístico, era indispensável uma magnética personalidade [...] É difícil datar com exatidão quando o termo entrou para a ordem do dia, mas seu emprego não renega os respingos de deificação da indústria cultural que estavam em voga na década de 1960. Por meio da glamourização da ópera, essa voz feminina adquiriu a mesma aura publicitária e consumista da *star*. (MARKENDORF, 2010, p.335-326)

Deve-se levar em consideração que o campo de oportunidades para travestis é reduzido. Consideradas como abjetas acabam vivenciando uma espécie de trégua nesta abjeção quando sua materialidade é restrita a específicas profissões. Assim, performatizam a cabeleireira, a maquiadora, a costureira, a prostituta e a diva. Dentre estas performances, a aura que circunda o imaginário sobre a diva seduz e é consumido pelas travestis. Dessa forma, o consumidor vira mercadoria.

Ao contrário da imagem projetada pela indústria cultural onde a ubiquidade e imortalidade configuram-se como características de diva (MARKENDORF, 2010), nas experiências de travestis, mesmo conseguindo incorporar o status e o reconhecimento enquanto divas, o ubíquo é um adjetivo destoante de suas vivências. Sua visibilidade tem locação específica e limitada. Fora desse local, as divas travestis vivenciam um contexto onde uma maior visibilidade representa vulnerabilidade e pode interferir em suas existências.

---

<sup>83</sup> Destaque à influência do cinema na indústria do entretenimento. “O cinema é, sim, produto das formas pelas quais uma sociedade constrói suas representações. Um filme opera códigos culturais da sociedade da qual ele é originário. Ele faz parte de um contexto. Mas esse mesmo filme, por suas características de interação com o indivíduo por meio de sua linguagem, possibilita um retorno, de forma “digerida” ou “ressignificada”, dessas representações para a sociedade. O cinema faz parte da realidade social contemporânea e, como parte irreduzível do social, constitui uma dimensão pela qual os homens constroem a percepção de si mesmos e do mundo” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 56).

Interessante notar que para algumas travestis “novatas” o reconhecimento das divas travestis está associado a uma ideia de que estas, que geralmente são travestis que estão na “batalha”<sup>84</sup> há muito tempo, “venceram” a vulnerabilidade e conseguiram conquistar o lugar de visibilidade no mundo do espetáculo.

O processo de construção da diva é constante e está relacionado à discussão sobre o “culto ao corpo”, compreendido aqui “como modo de relação dos indivíduos com seus corpos, baseada numa preocupação exacerbada em modelar e aproximar este corpo do ideal de beleza estabelecido” (DANTAS, 2011, p.901). Esta relação com o corpo tem levado a uma valorização da juventude. Assim, toda uma lógica gerenciada pela sociedade de consumo, através principalmente da mídia, atribui aos indivíduos uma responsabilidade pelo cuidado e plasticidade do corpo. Este corpo consumo/mercadoria encontra no mercado diversas técnicas para esculpir a forma ideal. Este sentido Dantas expõe que

O século XX parece ter sido marcado pela valorização da aparência e cuidar do corpo desde então passou a ser uma necessidade. Uma necessidade alimentada diariamente com o surgimento sofisticado dos produtos light, das mais modernas intervenções cirúrgicas ou as gloriosas e diversificadas atividades físicas. Podemos ainda mencionar a microbiologia, a robótica, a farmacologia e a genética como férteis promessas de um corpo perfeito (DANTAS, 2011, p.902).

Este contexto foi enfatizado e ampliado no século XXI com os avanços da ciência e o desenvolvimento das tecnologias. Em uma sociedade globalmente desigual quem vai ter mais sucesso com no projeto “culto ao corpo” é quem possui um maior poder aquisitivo. Mesmo assim o projeto do corpo esbelto e jovem aglutina pessoas de diversas classes sociais e atravessa gênero e orientação sexual diferentes, tornando-se quase uma preocupação geral.

A promessa de juventude eterna, que transforma o corpo em um objeto de desejo, investimento e mercadoria, se contrapõe a ideia de velhice. Neste sentido, o processo de envelhecimento é ocultado por uma serei de discursos e uma parafernália de técnicas que retardam as marcas do tempo.

Retomando as especificidades da vivência travesti o culto ao corpo e ao retardamento das marcas do tempo são quesitos indispensáveis, principalmente quando vinculados à prostituição e ao mundo do espetáculo. Sobretudo nestes espaços, a “boa”

---

<sup>84</sup> Conforme Benedetti (2005) “batalha” é a forma êmica utilizada para denominar a atividade da prostituição.

aparência é traduzida através de uma imagem que não denuncie o processo de envelhecimento. A diva travesti perde seu reconhecimento quando o poder atrativo declina com a exposição de uma imagem corporal que não pode driblar as marcas deixadas pelo envelhecimento, quando o corpo tanto fisicamente quanto financeiramente não consegue mais acompanhar o projeto esbelto e jovem. Dessa forma, ocorre o inevitável crepúsculo dos deuses<sup>85</sup> e a diva travesti é substituída por outro produto.

Para finalizar, gostaria de salientar que a câmera na mão permitiu captar dúvidas, afirmações, gestos, sorrisos, olhares, decepções e encontros. Depois de sete sextas-feiras seguidas, a noite recifense se despedia do programa *No Divã com a Diva*. A falta de patrocinadores, a ausência de um maior público assistindo e o envolvimento de quem estava à frente em outros projetos foram pontuais para motivar o término do programa. Neste contexto, as imagens registradas tornaram-se testemunho privilegiado dessa experiência pernambucana.

### 3.2.1 Jéssyka Tylor: A diva “camaleoa”

Minha mãe dizia que eu tinha os olhos muito claros na época e como eu era loira me achava muito parecida com Elizabeth Tylor. Então foi ligando uma coisa pra outra aí surgiu o Tylor e uma amiga minha chamada Franciskely de Campina Grande foi quem me deu Jéssyka. A gente fez a junção! (Jéssyka Tylor, entrevista realizada dia 21 de março de 2013).

Depois de muitos desencontros com Christiane Falcão consegui marcar um novo encontro, mas dessa vez teria a presença de Jéssyka Tylor (vide figura 10) que concordou em conversar comigo no mesmo dia da entrevista com Christiane<sup>86</sup>. O local do encontro por sugestão delas seria na casa de Jéssyka, no bairro de Afogados. Seguindo as orientações de Jéssyka Tylor cheguei ao bairro acompanhada de Marcelo Cavalcanti. Diferente do Ibura, situado em cima de morros, Afogados<sup>87</sup> é localizado em

<sup>85</sup> Referência ao filme estadunidense *Crepúsculo dos Deuses* de 1950 (título original é *Sunset Boulevard*), dirigido por Billy Wilder. O filme é estrelado por William Holden como o roteirista azarado Joe Gillis, e Gloria Swanson como Norma Desmond, uma decadente atriz da era do cinema mudo que atrai Gillis para seu mundo fantasioso no qual ela sonha em fazer um triunfante retorno às telas e a sua posição de diva.

<sup>86</sup> Interessante destacar a amizade existente entre Christiane Falcão e Jéssyka Tylor. Através da rede social *facebook* foi possível acompanhar visualmente a relação das duas em momentos diversos. Misturadas, imagens antigas e recentes evidenciaram cumplicidade e uma trajetória de vida compartilhada.

<sup>87</sup> Sobre o bairro de Afogados, “Cabe explicar que a razão desse nome, segundo o escritor Diogo Lopes de Santiago, do século XVII, advém do fato de muitos indivíduos, principalmente os escravos negros, se afogarem ao tentar passar pelo rio Cedros - um braço do rio Capibaribeque, partindo do lado da Madalena, saía pela Ilha do Retiro, beirava o subúrbio da localidade e alcançava o coração do Recife.

uma área mais plana da cidade do Recife e as casas parecem ser mais estruturadas e amplas. Outro aspecto que vem aos olhos de quem visita o bairro é número de casas comerciais. Neste sentido, pude observar naquela quinta-feira uma dinâmica diferente, onde fluxo de pessoas era maior se comparado quando estive no Ibura.



Fig.10. Jéssyka Tylor no dia da entrevista (imagem retirada de videogravação).

Por volta das 10 horas chegamos. Jéssyka, de toalha, nos recebeu no portão com um sorriso acolhedor e nos convidou para entrar abrindo um pouco mais o portão. Entre o muro e a fachada da casa tinha um terreno coberto por uma grama baixa que servia para guardar o carro. Nos primeiros passos dados em direção à entrada da casa comentávamos sobre nossa desorientação para encontrar a residência. Outro portão delimitava a varanda aberta para o terreno. Passamos por ela e fomos para a sala de estar, onde ficamos até o final das entrevistas. Apesar disso, quando fui ao banheiro pude perceber que a extensão da casa era maior se comparada a das outras interlocutoras que visitei. Dos cômodos que tivemos acesso, a cor branca era a que definia a tonalidade das paredes. Assim que entramos em sua sala fomos recepcionados por um cachorro de porte médio, com pelagem preta e branca, que simpaticamente pedia carinho. Depois de chamar atenção de seu cachorro, Jéssyka pediu licença para vestir

---

Durante a maré cheia, esse rio se tornava muito arrebatado e furioso. Daí, muitos indivíduos que desconheciam o perigo, ou que não tinham paciência para aguardar a maré baixar, terminavam morrendo afogados durante a travessia”. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=363&Itemid=180](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=363&Itemid=180)> Acesso em 03 mai. 2013.

uma roupa. Assim, sentados no sofá marrom de três lugares, esperando-a voltar, comecei a observar alguns detalhes dos cômodos que tínhamos acesso.

A varanda fazia ligação com a sala através de uma porta de madeira “trabalhada”, onde da sala dava para ver uma mesinha e quatro cadeiras que a decoravam. Entrando na sala a direita ficava o sofá com um quadro médio pendurado logo acima na parede. No canto uma mesinha com uns artigos decorativos e o telefone fixo. À frente uma mesinha de centro e logo após o sofá de dois lugares. Do lado esquerdo um *rack* com um televisor em cima e alguns DVDs de *shows* e filmes, com destaque para diversos títulos estrelados pela diva Dalida<sup>88</sup>. A televisão estava ligada no programa Encontro com Fátima Bernardes, onde o tema em debate era sobre a homossexualidade.

Quando Jéssyka retornou usava uma camiseta branca e um *short jeans* curto. Propus iniciarmos com ela, enquanto esperávamos por Christiane, e também para não atrapalharmos seus planos, pois logo depois das entrevistas elas iriam ensaiar para uma apresentação que fariam à noite. Antes de começarmos perguntei se poderíamos filmar a entrevista. Ela concordou, mas pediu um momento para trocar de roupa. Enquanto isso, ficamos montando na sala o material para gravação.

Jéssyka regressou vestindo uma saia curta *jeans* e camisa com estampa em preto e branco, de mangas longas e tecido leve, deixando aparecer os ombros. No rosto uma maquiagem sutil delineava suas expressões. Nos pés uma sandália simples e rasteira. As unhas pintadas com esmalte vermelho e a orelha enfeitada com brinco longo e dourado. Os cabelos na tonalidade loura chegavam até o pescoço, porém naquela situação estava amarrado. No primeiro momento da entrevista, o tom de voz quase não dava para ser captado pelo microfone interno da filmadora, só em alguns momentos sua voz conseguia ser ouvida com maior nitidez. A sensação era de que estava um pouco sem jeito com a presença da câmera filmadora. Ao longo de nossa conversa, foi ficando a vontade e soltou-se mais. Porém, em alguns momentos tornava a utilizar o tom de voz mais baixo e suave elaborando uma performance que refletia o tipo de entonação que queria expressar naquela manhã para a entrevista.

---

<sup>88</sup>Dalida é nome artístico de Iolanda Christina Gigliotti. Ela foi cantora e atriz de origem egípcia que fez carreira na França alcançando sucesso internacional. Nasceu no Cairo em 17 de janeiro de 1933 e morreu em Paris no dia 3 de maio de 1987. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dalida>> Acesso em 4 abr. 2013.

Jéssyka se considera travesti e informou ter 42 anos de idade. Natural da Bahia nasceu rodeada pela atmosfera circense, pois tanto sua mãe quanto seu pai eram trapezistas de um circo. Diante das luzes, do brilho e da magia sua infância foi marcada pela dinâmica dos espetáculos que, segundo ela, despertou desde cedo seu interesse pelo palco. E foi no palco, através de apresentações e performances artísticas, que ela se tornou uma Diva.

O circo sempre teve aquele lado do mundo do show, do espetáculo, dos paetês dos brilhos, essas coisas. Então quando fui crescendo, crescendo e alcancei meus seis sete anos minha mãe dizia que algo estranho tinha comigo e não sabia o que era. Porque assim, toda vez que ela ia se apresentar o espetáculo no circo eu taria atrás das coxias olhando e não era normal para um menino tá sempre ali atrás das coxias olhando esse vai e vem de mulheres, de espetáculo de tudo essas coisas todas, ficar se preocupando procurando ver as roupas e eu estava sempre ali do lado. Então minha mãe disse, não é normal eu vejo os outros meninos daqui tão tudo jogando bola e só Jéssyka está aqui?! (Jéssyka Tylor, entrevista realizada dia 21 de março de 2013).

Segundo a interpretação de Jéssyka sobre suas experiências passadas, o interesse pelo mundo do espetáculo foi um demarcador para entender que vivenciava um comportamento distinto do que se convencionou como normal para um menino. Essa distinção vem ancorada nas pedagogias do corpo (LOURO, 2010) que postulam regras de comportamentos pertinentes ao corpo masculino e ao corpo feminino. Neste sentido, Cuschnir observa que

Crianças do sexo masculino e feminino podem estar frequentando as mesmas classes, brincando com os mesmos brinquedos. No entanto, de alguma forma, o menino receberá informações do mundo a sua volta e começará a entender que é diferente da menina, que há coisas que elas podem fazer mas eles não (CUSCHNIR, 2001, p. 31).

Desse jeito, toda iniciativa diferente do que foi delimitado enquanto comportamento próprio da esfera feminina e/ou masculina é considerado como “anormal”. Apesar dos inúmeros procedimentos existentes na sociedade que irão servir para a interiorização de proibições, regras, normas que visam o disciplinamento dos corpos através da sexualidade (FOUCAULT, 2002), existem as linhas de fuga que fazem resistência aos padrões normativos.

Aos doze anos Jéssyka foi morar com os avós, enquanto os seus pais prosseguiram com o circo. Ela destaca que nesse momento já tinha “tendência” à travestilidade, que foi ratificado com a presença de uma tia que não podia ter filhos e, portanto, queria agradá-la cedendo as suas vontades como, por exemplo, deixando

Jéssyka usar e dormir de camisola. O reencontro com os pais ocorreu por volta dos quinze anos. Nesta época Jéssyka volta a viver com os pais que abandonaram o circo e fixaram residência em Campina Grande. *Quando eu voltei para morar com a minha família, minha mãe já tinha concluído já a história, né? Porque me deixou de um jeito daquele quando voltei já estava um pouco moldada tudo, aí pronto!* Esse período foi também marcado por seu interesse e dedicação em dominar a técnica de cortes de cabelos, com o objetivo de se estabelecer profissionalmente. Por volta dos dezesseis anos a mãe lhe pagou um curso de cabeleireira e posteriormente montou um salão, depois de Jéssyka ter adquirido experiência em cortes de cabelos. Toda essa situação, Jéssyka ressaltou, que aconteceu sem o consentimento do pai que desaprovava o comportamento da filha.

Segundo Jéssyka, a sua transformação ocorreu na mesma época que iniciou a atividade profissional, por volta dos dezessete e dezoito anos. Foi neste momento que começou a tomar hormônios, modificou a tonalidade dos cabelos, que eram castanho-claros e passou a ser louro. *E assim fui pegando os trejeitos da coisa, era unha pintada, unha feita, todo esse circo todo que mulher gosta. Então, foi quando realmente minha mãe descobriu que era isso aí o caminho que queria seguir. Sem ordem do meu pai sempre!* Percebe-se que mais uma vez Jéssyka enfatiza a desaprovação do pai, fato este que contribuiu para que ela só viesse a utilizar vestido quando a mãe e o pai faleceram.

Esse lado realmente feminino da história eu só vim mesmo usar quando minha mãe faleceu... por que assim, acho que por respeito ééé...eu usava muito roupa feminina tipo shortinho, sandalhinha de dedinho, ééé calça comprida, mas feminina, camisetinha, ééé mas assim vestido e saia na época de meu pai e minha mãe não! [...] Escondido já usei pra ir para festa essas coisas com minhas amigas. Mas eu levava dentro de uma bolsinha e trocava de roupa na casa delas (Entrevista realizada dia 21 de março de 2013).

Aqui vale ressaltar que apesar do surgimento da moda *unissex* o vestuário é ainda utilizado para demarcar diferenças entre homens e mulheres (LIMA, 2007), auxiliando dessa maneira à composição de gêneros inteligíveis. Na sociedade Ocidental há um peso simbólico de algumas vestimentas como, por exemplo, o vestido e a saia na performance feminina. Assim, quando Jéssyka (vide figura 11) cita a palavra “respeito” para justificar o motivo de não usar vestido na frente do pai e da mãe, ela acaba revelando um contexto em que todo um arquétipo de vestuário masculino e feminino é criado e delimitado. Sendo que a inversão do uso desse vestuário, principalmente quando se refere aos homens, é concedida em momentos específicos como no carnaval.

Fora desses contextos específicos, tanto homens como mulheres podem sofrer violência simbólica e/ou física por interferir, através de seus trajés, no processo de inteligibilidade.



Fig.11. Jéssyka Tylor trajando vestido (imagem retirada de videogravação).

Ainda sobre a relação com o pai, Jéssyka salientou várias vezes a desaprovação dele e a dificuldade de uma convivência harmoniosa. Esse problema de relacionamento, estabelecido a partir da decisão de Jéssyka em vivenciar sua travestilidade, acabou interferindo na relação do pai com sua mãe, fazendo com que Jéssyka se sentisse culpada e responsável por esse desentendimento ocorrido quando ela tinha mais de vinte anos.

Teve um problema com meu pai muito grande que eu não esqueço até hoje. A gente tava tudo jantando numa mesa minha família, a mãe da minha mãe, todo mundo, minha mãe, minha irmã, também tenho irmão. Já tava todo mundo jantando e eu me sentei pra jantar e eu falei não sei o quê com minha mãe. Acho que foi um negócio de mulher, alguma coisa de mulher, alguma coisa assim. Aí meu pai não gostou pegou o café quente e jogou na minha cara e disse que eu tinha que sair da mesa que ele ia jantar porque se eu não saísse ele não jantaria comigo ali na mesa presente. Aí o que aconteceu. Aí beleza. Aí minha mãe se levantou da mesa... aí eu me retirei, mas minha mãe se levantou da mesa foi no quarto deles dois fez toda a maleta do meu pai, botou todas as coisas em uma bolsa aí disse o seguinte: A Jéssyka não vai sair de casa não e nem sair da mesa não, se você tiver incomodado você vem embora, mas eu prefiro ficar com minha filha/meu filho porque eu sei que é meu filho não tem problema nenhum. Aí o que foi que aconteceu, aí pronto meu pai foi tiveram uma discussão eles dois depois e ele depois foi embora. (Entrevista realizada dia 21 de março de 2013).

Mesmo diante da postura transfóbica do pai, Jéssyka revelou ter ficado com um sentimento de culpa, pois sabia que eles se gostavam. Dessa forma, ela tentou articular um plano para juntá-los novamente. Eufórica e com um largo sorriso na face relatou: *Eu tentei fazer todo um circo todo um arroteio para juntar eles dois de novo, aí eu consegui!* O empenho de Jéssyka foi justificado pela relação de respeito e admiração que tinha pela figura materna (já falecida). A mãe surgia como referência de mulher e de “coroa”. Como lembra Carvalho (2011) “Os mortos, nas fotos, estão bidimensionalmente vivos” (p.111). Assim, enquanto mostrava suas antigas fotografias, Jéssyka subitamente interrompeu o mergulho por suas imagens pontuando: *Isso aqui é meu Xodó! Pronto, se tem uma foto que eu não posso perder é essa daqui [mostrando retrato de sua mãe] tá vendo. Isso aí me acompanha por todos os cantos que eu vou* (vide figura 12).



Fig. 12. Fotografia da mãe de Jéssyka Tylor

O relacionamento tenso com o pai marcou a experiência de Jéssyka, ao ponto de enfatizar que a principal dificuldade que teve durante sua experiência de vida

está relacionada com a relação paterna. Porém, segundo ela, esse conflito foi resolvido antes dele falecer. Com o olhar procurando o chão e usando palavras resumidas disse rapidamente como resolveu a questão com o pai. *Ele adoeceu, ele me chamou no hospital, me pediu desculpas, ahhh ...* Com um sorriso meio desconcertado concluiu: *eu não gosto muito de fala neste assunto não!* Em seguida deu uma pausa e ficou olhando para baixo, dando a impressão de que estava refletindo e revivendo mentalmente uma situação desagradável que ela nitidamente preferia não reviver.

A relação com o pai não foi a única complicada na família. A irmã mais velha também não aceitava, nem concordava com a transformação pela qual seu irmão estava vivenciando. *Ela nunca foi de acordo, mas ela lá e eu cá. A gente nunca teve estranhamento, nunca teve problema não. Mas eu via que ela não gostava.* Jéssyka resume a relação tensa com a irmã pontuando. *Eu sempre tive meu trabalho, sempre trabalhei, sempre fui independente e ela também sempre teve o trabalho dela é o 'exemplo', por que assim na minha família ela é um exemplo de inteligência, e graças a deus até hoje é uma desembargadora.* É interessante perceber que Jéssyka utiliza um discurso onde a condição de ter um trabalho e independência financeira, mais do que garantir uma possível amenização nos atritos familiares torna-se também um espaço de disputa de poder atribuído. Neste caso específico, a quem tem mais status e representa o “exemplo” da família. Essa mesma independência financeira tornou-se também uma prerrogativa importante para financiar a “produção” de seu corpo dissidente.

Sobre a experiência como delegada do Orçamento Participativo, Jéssyka destacou a novidade que aquela experiência estava significando em sua vida, principalmente por não ter vivenciado nenhum envolvimento anterior com movimentos sociais ou algum tipo de ativismo.

É novo, mas tá sendo bonito! Porque assim é uma maneira de você poder vivenciar certas coisas poder ajudar [...] Há poucos meses atrás a gente fez uma visita (presídio Aníbal Bruno), eu, Christiane, Vicente Neto e Rivânia pra vivenciar um pouco as coisas lá dentro como é o mundo da travesti, como são tratadas e assim eu e Christiane saímos chocadas lá de dentro porque realmente é um mundo absurdo! (Entrevista realizada dia 21 de março de 2013).

Neste aprendizado, onde sublinhou estar tateando, reitera o discurso presente no movimento LGBT sobre a prostituição. Baseada em sua própria experiência Jéssyka enfatizou que a permanência das travestis nas ruas se prostituindo não mudará.

Enquanto as autoridades não começarem a mudar, a ver as coisas, a providenciar cursos, recursos para que o travesti saia da prostituição e comece a entrar DENTRO da sociedade, dentro desse mundo que a gente não tem acesso, sempre vai ter prostituição (Entrevista realizada dia 21 de março de 2013).

Existe neste discurso uma exigência de direitos e garantias no mundo do trabalho diferenciado da prostituição. Em sua fala, Jéssyka põe em evidência um “mundo” no qual travestis não fazem parte, não têm acesso e cuja entrada é comprometida pelo fato de não serem visíveis enquanto “sujeitos de direito” aos olhos do “Estado”. Assim, ela situa a travestilidade a uma margem provocada pela própria experiência em “ser” travesti e pela prática da prostituição.

No entanto, a experiência da margem também se constitui como espaço de aprendizado para as “novatas”. “É nos diferentes espaços de batalha que muitas travestis tem seu primeiro contato com outras ‘monas’ e que veem concretizados seus desejos de transformação” (BENEDETTI, 2005, p.114). Assim, as novatas aqui têm conotação com juventude na relação com o inexperiente e as “monas” como as figuras maduras, detentoras de um conhecimento específico que só foi possível mediante experiências também específicas. Portanto, passar por toda uma trajetória à margem e estar com o nome firmado no universo *trans* significa um status específico. O auge da maturidade (vide figura 13).

Eu tenho o currículo muito grande. Uma carreira, uma história muito grande. Já venho trazendo desde Campina grande passado por aqui, pela Europa, tudo isso! Então assim, é como minha prima Christiane Falcão. Todo mundo conhece, famosíssima passou pela rede globo, fez ratinho, SBT. Então, tudo isso gera uma história de sonho, de glamour. Então, Ai você conhece Jéssyka Tylor? Você conhece Christiane Falcão? Você conhece Janaína Falcão? Então, ah eu conheço. Ah! É um luxo será que eu posso colocar o sobrenome? Será que elas vão deixar? [...] Tem umas que aparecem quando eu menos espero eu tô lá em alguma boate, a fulana de tal Tylor. Aí eu digo: Ôxente! Eu nem sabia que existia outra Tylor. Às vezes ela colocar por gostar por querer fazer parte da história da Tylor, da Falcão (Entrevista realizada dia 21 de março de 2013).



Fig.13. Jéssyka no programa *No Divã com a Diva*

É a partir de sua vivência e de suas experiências acumuladas, que Jéssyka assinala a ascensão de travesti à diva e como esta se torna inspiração para outras travestis que buscam o mesmo reconhecimento e glamour. Envolta com essas percepções, tendo como referência sua trajetória de vida, ela assume estar vivenciando sua fase “coroa”. O que o termo “coroa” parece sinalizar neste contexto é uma concepção diferente da que considera o envelhecimento como processo melancólico decadente (SIMÕES, 2004). Indagada sobre suas perspectivas futuras, Jéssyka respondeu enfaticamente: *Quero viver melhor. Quero viver uma coroa enxuta melhor ainda. Como eu sempre sou de bem com a vida, alegre, adoro meu mundo casa fechada, adoro meus cachorros, adoro passear seis cinco da manhã com meus cachorros.*

A imagem da “coroa enxuta”, embora não seja uma personagem absolutamente inédita, parece se associar as representações recentes e mais “positivas” do envelhecimento, marcando uma vivência que procura enfatizar as vantagens e enriquecimentos que a maturidade traz (SIMÕES, 2004). A “coroa enxuta” seria então a pessoa que se cuida e procura conservar uma aparência jovial, contrariando os estereótipos “negativos” e produzindo experiências de envelhecimento bem sucedidas. Debert (1997) salienta que as representações associadas às imagens positivadas, que circunscrevem o processo de envelhecimento, fazem parte de uma exigência da sociedade contemporânea.

Assim, os indivíduos acabam sendo convencidos a assumir a responsabilidade pela sua própria aparência. Esse tipo de pensamento pode ser ilustrado com sentenças similares a que Jéssyka fez em relação ao seu corpo: *Se depender de mim ele vai tá fixozinho vai caminhar muito ainda!* Desse modo, sob a lógica da “reprivatização da velhice” o culto ao corpo é exercido geralmente influenciado e aprisionado pela exigência de eterna juventude.

O caminho percorrido por esse corpo foi apresentado por ela através de fotografias. Mostrando seu álbum, o presente e o passado iam se misturando em cada foto exibida. Imagens lembravam as viagens pela Europa (vide figura 14), reviviam os encontros com amigos e amigas e narraram a produção e transformação de seu corpo com o passar do tempo. Enfim, apresentava se um resumo da trajetória de Jéssyka até conquistar o glamour de ser uma diva.

Porém, a única foto que não estava exposta no álbum era a que representava a época anterior a sua travestilidade. Jéssyka informou que só possuía uma fotografia que estava postada em seu *facebook*, na qual fez questão em demarcar a passagem de tempo através de uma simples montagem de imagens e palavras que representavam momentos diferentes de sua vida. Sobre isso Jéssyka explicou com uma expressão sorridente no rosto:



Fig.14. Foto de Jéssyka (retirada do *facebook*)

*Eu peguei a minha foto quando comecei e a minha hoje e coloquei as duas [...] Como eu tenho muitas amigas francesas no meu face eu coloquei o texto em francês: Un jour e Un plus. Coloquei um dia eu de menina e a outra um dia depois eu de Jéssyka (vide figura 15).*



Fig.15. Foto citada por Jéssyka representando antes e depois de sua “transição” (retirada do *facebook*)

Folheando o álbum, partes do corpo desnudo de Jéssyka eram desveladas através de retratos que enfatizavam seios, pernas ou bumbum como pré-requisito para o trabalho na Europa (vide figura 16). Situação que não difere das mulheres que também vão se prostituir fora do país. A ida de qualquer travesti a Europa torna-se algo valorizado e cobiçado. Para travestis mais velhas, a vivência europeia representa prestígio, status reconhecimento em relação a quem está iniciando sua travestilidade. Porém, toda a aura de glamour que circunda essa experiência termina por invisibilizar e/ou minimizar as dificuldades e violências sofridas durante a estada neste continente.



Fig.16. Fotografias para trabalho na Europa (imagem retirada de videogravação).

Em sua performance fotográfica, a sensualidade era o mais reiterado. O olhar, a postura, as roupas e os cabelos eram enquadrados para uma composição sensual. Essa composição perpassava desde as apresentações, *shows*, espetáculos, dentro e fora do país, até *books fotográficos* a fim de promover sua própria publicidade. Com cabelos longos ou curtos, pretos, castanhos ou loiros o fascínio pela “camaleoa”, como Jéssyka mesmo se autodenomina, ampliava-se a cada registro apresentado (vide figura 17). Trajando roupas íntimas ou vestidos clássicos, com ou sem brilho, curtos ou cumpridos, em um cabaré na Europa ou em uma escola de samba em Recife o corpo, submetido a diversas intervenções, tornava-se vitrine.



Fig.17. Fotografias do período que trabalhava na Europa (imagem retirada de videogravação).

Jéssyka evidenciou em seu relato fotográfico, simples e objetivo, a história de quem construiu uma trajetória para se constituir enquanto uma Diva e que tem perspectiva de continuar como tal. Mantendo, como ela mesma sublinhou, um corpo fixo por muito tempo. A perda desse corpo fixo associa-se a perda do reconhecimento como Diva e, portanto a percepção de envelhecimento. Na intenção de protelar as marcas biológicas do tempo são realizadas intervenções corporais e assim manter a posição de Diva. Neste sentido, o corpo é o próprio espetáculo.

### 3.2.2 Christiane Falcão: o glamour de uma diva

Meu primeiro nome foi Chris Kelly quando eu era transformista ainda. Então eu fui fazer uma peça de teatro, no Teatro Santa Isabel chamada “Salve-se quem puder, é luxo só”, onde meu primo[...]por que tu não usa o sobrenome da família da gente? Aí, Chris Kelly Falcão não ficava legal. E uma vez eu conversando com minha mãe ela falou assim, que se eu fosse mulher meu nome seria Ane Christiane, aí foi eu levei o Christiane e o Falcão do meu sobrenome. (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

Quando Christiane Falcão chegou eu estava no meio da entrevista com Jéssyka. Ela discretamente entrou, nos cumprimentou e partiu para o interior da casa. Retornou à sala por duas vezes. A primeira quando foi chamada por Jéssyka que não lembrava o nome do presídio que tinha sido visitado pelas duas. A segunda quando começamos sua entrevista. Naquele dia Chris vestia uma blusa preta com decote em “V” deixando os braços descobertos, uma saia *jeans* curta bem acima dos joelhos e uma

sandália rasteira. Usava brincos pequenos e uma gargantilha dourada no pescoço. No rosto a única maquiagem que se via era um batom claro na boca. Seus cabelos escuros estavam amarrados. Em todos os momentos que tive oportunidade de estar com ela, só por uma vez vi seu cabelos soltos na altura do ombro. Os movimentos das mãos denotavam que o esmalte das unhas tinha sido retirado há poucos minutos.

Christiane Falcão, com 40 anos de idade, tem uma estatura mediana e possui uma voz grave e forte. Conserva em seu poder uma presença marcante, independente de onde esteja. Seja vestida para uma apresentação no palco ou descontraída na casa de uma amiga, ela se sobressai e acolhe ao mesmo tempo (vide figura 18). Demonstra em qualquer ocasião uma personalidade forte. Nasceu no Recife e já morou em vários lugares do Brasil e da Europa. Tem como profissão cabeleireira e maquiadora. Chris se autodenomina como “mulher trans” definindo: *é ser mulher diferente. É ser uma mulher que não é biológica. É uma mulher que nasceu mulher, mas por dentro, não no seu corpo.*



Fig.18. Christiane Falcão no dia da entrevista (imagem retirada de videogravação)

A definição de Chris revela uma ideia ainda recorrente no discurso de alguns trabalhos teóricos, principalmente voltados às ciências médicas e psicológicas, onde a existência de uma alma/mente feminina no corpo masculino e/ou o contrário, é evocada para justificar a incoerência sexo/gênero/desejo. Essa situação fica mais nítida quando Christiane, ao falar sobre suas expectativas futuras, revela que a velhice não seria empecilho para oferecer inteligibilidade a sua trajetória de vida. *Se um dia eu puder ser contemplada [Com a cirurgia de transgenitalização]. Se um dia deus quiser*

*com que eu possa realizar esse sonho pra mim vai ser perfeito. [...] Pra você se sentir realizada não tem idade, não tem tempo. Eu acho que até um dia antes de morrer e passar a mão e dizer assim: Hoje eu sou uma mulher completa.*

O “sexo” aparece neste contexto como uma das “normas pelas quais ‘alguém’ simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2010, p. 155). Nesta perspectiva, seguindo a lógica de inteligibilidade, a incoerência entre sexo/gênero/desejo “diagnosticada” nas/os transexuais poderia ser “corrigida” através da intervenção de transgenitalização<sup>89</sup>. Isto é, a cirurgia funcionaria como uma espécie de instrumento de “readequação” ao modelo normativo, onde a construção de “homens” aplica-se exclusivamente a corpos masculinos e a construção de “mulher” a corpos femininos.

Ainda sobre suas expectativas, Christiane falou sobre um desejo: “*poder envelhecer ao lado do meu marido*”. Chris convive há vinte e quatro anos com seu companheiro. No início da entrevista, quando foi indagada sobre seu estado civil, orgulhosamente destacou: *Casada. Casada não, né? Convivo com alguém há vinte e quatro anos, não é no papel, mas é!* Na relação que estabeleceu com seu marido, termo este destacado em vários momentos por ela, é possível observar contornos semelhantes aos percebidos em um relacionamento heterossexual. Neste sentido, Larissa Pelúcio ao falar sobre as relações amorosas entre travestis e seus “maridos” afirma que

O tempo de consolidação dos laços, e dos compromissos, é distinto daquele que envolve relacionamentos de contornos heterossexuais e de classe média. Nada de encontros cercados de amigos, flertes em barzinhos, passeios de mãos dadas em shoppings, saídas para jantares ou reuniões em casas de parentes (PELÚCIO, 2005, p.235).

Ao contrário do que a autora sugere, Christiane fez questão de salientar que viveu uma história de amor que nem muitos casais heterossexuais tiveram a oportunidade de viver. Seu relato é facilmente constatado pelo registro de diversos momentos da história do casal, presentes em fotografias postadas em seu *facebook* (vide figura 19).

---

<sup>89</sup> “A cirurgia de transgenitalização pode ser tanto a transformação do fenótipo masculino em feminino (neocolpovulvoplastia), como do fenótipofeminino em masculino (neofaloplastia), tendo a referida resolução autorizado ambas, sendo que esta última ainda a título experimental, em virtude de maiores dificuldades técnicas para a obtenção de um resultado satisfatório nos aspectos funcionais e estéticos” (FRANCO, 2012, p.55).



Fig.19. Imagem de Christiane Falcão com o marido (retirada do *facebook*)

Eu andava [mãos dadas] na Conde da Boa Vista, shopping, Treze de maio cinema. Vivi realmente uma história de amor que eu acho que nem muitos heteros tiveram essa oportunidade de receber flores na porta do colégio, tá lá aquele homem enorme esperando você com o buquê de flores todo mundo sabendo (Entrevista realizada em 21 de março de 2013).

Ao falar sobre seu relacionamento de vinte e quatro anos, Christiane revelou estar naquele momento exercitando o modelo de esposa. *Estou naquela história de fazer a esposa. Lavar a roupa as coisas normais.* A construção discursiva presente em sua afirmação parece ser baseada na crença de que existem padrões de comportamentos e espaços específicos para homens e mulheres. Visão esta que é ainda muito forte no senso comum. Ainda sobre sua relação com o marido Chris pontuou:

Como toda relação a gente viveu o nosso período maravilhoso de paixão, de início, de tudo, de glórias como a gente diz. Depois houve minhas viagens pra a Europa. Então, querendo ou não né, dá uma certa separação. Foi o que deu tempo dele conhecer também uma amante e ter um filho fora do casamento. Que eu fui descobri faz cinco anos, seis anos. E deu uma balançada sim no relacionamento. Lógico claro! Mas que é assim eu não posso nem me culpar nem achar porque isso acontece em toda relação. O bicho homem é isso mesmo né?! (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

A lógica dicotômica expressa em seu discurso aponta para uma vivência orientada a partir de alguns códigos conjugais heteronormativos em que a lógica binária,

homem/dominante e mulher/dominada se reproduz. A afirmação *O bicho homem é isso mesmo* ou *Estou naquela história de fazer a esposa*, sugere um modelo de homem e mulher que estaria sustentado em uma visão naturalizada de gênero e que são reiterados socialmente através de diversos atos. Neste sentido, Berenice Bento baseada nas ideias da autora Judith Butler destaca que

O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo, que é basicamente instável, flexível e plástico. Essas infindáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza (BENTO, 2006, p.132).

A crença que existe uma origem uma essência que determina “o jeito de SER e ESTAR no mundo”, é algo recorrente nas falas de travestis. Nesse ponto, poder-se-ia refletir sobre a especificidade desses discursos geralmente associados à culpa, ao pecado e/ou a patologia. Muitas vezes parecem denotar um pedido de aceitação, baseado na justificativa do tipo “eu não pedi para nascer desse jeito eu simplesmente nasci”. Compartilho da ideia de Benedetti (2005) de que ao produzirem esse tipo de discurso que identifica suas experiências como qualidade natural, portanto não sendo resultado de uma deliberação do sujeito, travestis/transsexuais acionam lógicas criativas de enfrentamento do estigma que cerca sua condição<sup>90</sup>.

Comigo foi tudo muito natural. Porque desde pequenininho sempre brinquei de boneca, vestia roupa da minha irmã. Eu sempre fui muito afeminada. Então foi gradativamente. Assim, eu vim descobrir que eu era diferente, assim, eu acho que com onze de idade foi que realmente eu vim a começar a ver que a sociedade não me aceitava daquela forma assim que eu não era nem uma coisa nem outra. Era estranho porque eu parecia uma menina lésbica. Porque era uma menina que se vestia com roupas de menino. Então, eu acho que desde de pequena eu tive a cabeça feminina. Sempre gostei de usar roupas de mulher. Achava ruim ter que vestir roupas de menino ou brincar com meninos. (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013).

Para Butler é falacioso pensar gênero como algo essencializado. A autora argumenta que “os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão

---

<sup>90</sup>“Contrariando a alegação de que o processo de transformação do gênero vivido pelas travestis tem um fundo moral (argumentos como pecado, ‘pouca-vergonha’ etc.), o que significaria concordar com uma deliberação racional e de vontade própria para tal transformação (argumentos muitas vezes acionados pela ciência e, em consequência, pelo Estado e suas instituições, bem como pela igreja), as *monas* sustentam que o seu processo de construção e transformação já estava marcado, traçado e decidido” (BENEDETTI, 2005, p.100-101)

de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora” (BUTLER, 2012, p.195). “Ao formular ‘gênero’ como uma repetição estilizada de atos, Butler abriu espaço para a inclusão de experiências de gênero que estão além de um referente biológico” (BENTO, 2006, p.133). Portanto, deve-se levar em consideração que a experiência travesti/transsexual evidencia uma imitação de gênero e assim fazendo “revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero” (BUTLER, 2012, p.196), ou seja, “revela o modo de produção do gênero, que é também aquele da feminilidade heterossexual” (VALE, 2006, p.79). Neste contexto, é possível pensar que a necessidade da reiteração de atos citacionais sobre uma suposta origem, revela, a partir da “paródia de gênero”, que a ideia de um original sobre a qual se molda o gênero é uma imitação sem origem (BUTLER, 2012). Assim, é preciso ressaltar que mesmo concebendo que muitas das experiências de travesti estejam voltadas a uma reprodução das relações de poder e dominação do sistema sexo/gênero, no momento que Christiane Falcão performativa a esposa interpela “a ilusão de uma identidade primária do gênero, possibilitando enxergar tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade como ‘comédias inevitáveis’” (VALE, 2006, p.69).

A imersão em valores relacionados à heterossexualidade normalizadora acaba sendo entrecortado por concepções ancoradas em visões pessimistas da velhice. Exemplo disso pode ser percebido na fala de Chris: *Tô tentando continuar meu relacionamento porque eu sei que uma das piores coisas na velhice é a solidão. Então a gente enfrenta aos trancos e barrancos, para manter a nossa relação. A solidão que atravessa diferentes momentos do curso da vida aparece nesta fala como algo próprio/obrigatório do envelhecimento. O autor Norbert Elias (2001) ao falar sobre solidão destaca, primeiramente, que por se tratar de um conceito amplo são atribuídos diversos significados. Dessa maneira, o medo da solidão explicitado por Christiane pode ser associado a uma forma de solidão que Elias define como,*

...social no sentido mais estrito, ocorre quando as pessoas vivem num lugar ou têm uma posição que não lhes permitem encontrar pessoas que sentem precisar. Neste, e em outros casos afins, o conceito de solidão refere-se a uma pessoa que por essa ou aquela razão é deixada só (ELIAS, 2001, p.75).

Para evitar essa situação Christiane elabora uma performance de sujeição frente ao seu marido, a fim de manter o relacionamento. O receio em perder o marido e ficar só representa, de certa maneira, a perda de uma autoestima conquistada a partir de uma imagem corporal aprovada no relacionamento social em específicos espaços. Como destaquei em outro capítulo, para muitas travestis, independente de faixa etária, a perda ou afastamento do reconhecimento e da visibilidade conquistada é traduzido como entrada no envelhecimento.

Norbert Elias (2001) também chama atenção para uma forma de solidão que pode ser alocada junto à experiência da travestilidade/transsexualidade levando em consideração o diálogo com o conceito de abjeção. É a solidão dos “seres invisíveis”, isto é, pessoas cujas existências são tomadas socialmente sem significado e por isso tornam-se vulnerabilizadas. “Tais pessoas podem viver entre outras, mas não têm significado afetivo para elas” (ELIAS, 2001, p.75). Essa solidão dialoga com abjeção tornando-se sinônimo de invisibilidade produzida por uma existência ilegítima.

Christiane também revela o medo de viver solitariamente com a ausência da figura materna. Exemplo disso veio de um desabafo emocionado que fez questão em compartilhar: *Meu maior sonho é que deus pudesse nunca levar minha mãe*. Neste instante silenciou, respirou profundamente e, enxugando os olhos cheiros de lágrimas, completou com a voz ainda engasgada: *Que ela pudesse ser eterna*.

Em toda a entrevista, a mãe é destacada, principalmente quando relembrou eventos do passado relacionados à família e a sua sexualidade. *Minha mãe foi sempre muito boa, meu pai foi sempre muito ausente. Mas minha mãe sempre foi uma mulher forte de fibra, sempre foi dona da situação*. Christiane enfatizou que a mãe tinha uma cabeça adiantada para seu tempo, se referindo ao modo como ela tinha lidado com sua transexualidade. Segundo ela, a mãe soube de sua orientação sexual por intermédio de uma *pseudo amiga* que mostrou uma imagem de Christiane ganhando um concurso de *miss*. Chegando em casa, a reação da mãe foi a seguinte:

Vai ali na barraca comprar uma cerveja. Quando ela dizia isso a gente já sabia que aí vinha bomba. Então, eu abri a cerveja pra ela, aí ela... Eu já sabia que era alguma coisa, né? Aí ela disse: É então quer dizer que você é *miss*. Eu disse pronto, a casa caiu! Como a gente nunca mentiu pra minha mãe, eu disse: Não realmente é isso, é verdade, é isso mesmo, é isso que eu quero, é isso que eu gosto. Ela disse: Sabe que vai ser discriminado, sabe que você vai levar pedrada, sabe que pessoas da família vai virar a cara pra você, sabe de tudo isso não sabe? Eu disse: Sei. Mas é isso que você quer? Eu disse: É. Então tá bom porque a minha vida eu construí como eu quis. Casei com vinte

cinco anos, casei virgem, casei na igreja de véu e grinalda com seu pai, aguentei ele até a morte. Então se e isso que você quer a partir de hoje não saia mais da casa de ninguém vestida de mulher, não, saia da sua própria casa! (Entrevista realizada em 21 de março de 2013)

Já sobre o relacionamento com a única irmã revelou ter sido bastante difícil no começo, pois esta não admitia a transformação que Chris estava passando. Christiane justificou a atitude da irmã sublinhando:

Pra minha época eu fui uma revolução. Porque as travestis que existiam na época eram travestis realmente. E eu acho de minha época eu fui a única transgênero, assim, a única que realmente queria ser mulher, viver como mulher, se comportar como mulher, então assim, não tinha aberração de silicone, não tinha aquele vínculo de tá na marginalidade. Entendeu? Tinha uma vida normal, social, eu trabalhava, eu estudava, eu namorava. Então foi um *boom* para aquela época! [...] Pra ela era meio difícil aquilo, um irmão *miss*, né. Como todo mundo diz assim, até mais bonito do que ela. Então tinha essa coisa. Hoje em dia não, a gente já se entende perfeitamente, mas na época foi meio barra. (Entrevista realizada em 21 de março de 2013)

A expressão “na minha época” usada repetidamente por Christiane participa geralmente do repertório discursivo de quem tem uma vivência mais antiga e utiliza momentos importantes de suas experiências passadas como parâmetro das experiências presentes. Porém, gostaria de chamar atenção para o fato que o discurso de Chris é voltado para evidenciar um suposto espaço no qual a vivência da travestilidade estaria predestinada à “marginalidade”. Na época sublinhada por ela seria menos aceitável a imagem travesti ligada a uma experiência “normal”, que para Chris significa trabalhar, frequentar a escola e/ou namorar. Dessa forma, comportamentos fora do estigma<sup>91</sup> reservado às travestis causavam maior estranhamento, por isso ela enfatizou: *Foi um boom para aquela época. Pra minha época eu fui uma revolução!* Referindo-se a sua própria experiência, que ia na contramão dos valores e das imagens destinadas às travestis.

Gostaria de destacar que seu relato não sugere que hoje a estigmatização tenha cessado. Ela, como delegada do Orçamento Participativo LGBT, sabe que apesar de exemplos de travestis em escolas, universidades e em outros trabalhos que não seja a prostituição, ainda são acontecimentos isolados. Porém, como assinala Córdova, “vivemos num tempo onde estamos aprendendo a conviver com atitudes menos

---

<sup>91</sup>A respeito do estigma Goffman fala que, “Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável... Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem” (GOFFMAN, 1980, p.12).

repressivas, ao mesmo tempo em que se observa um aumento das denúncias contra qualquer tipo de abuso” (2002, p.267). Através de suas lembranças, Christiane simplesmente compartilhou sensações e significados que marcaram sua trajetória no momento em que experimentava uma transição pontual em sua vida.

Da época da infância, Christiane também lembrou as dificuldades que teve para efetuar brincadeiras, como por exemplo, quando queria brincar de boneca e não podia. Uma vigilância acompanhava seus passos e desejos. Na época conhecendo o que era “adequado” para um menino e para uma menina se viu regulada e salientou que carregava um sentimento de opressão por ter que se esconder para fazer o que gostava.

Toda vez que minha mãe saía ou que minha irmã saía eu estava no quarto dela, vestia as roupas dela, usava o sapato alto de minha mãe, me maquiava na frente do espelho. Sempre fazia essas coisas porque era escondido. Sempre tinha aquele meu dia de princesa, minha hora de princesa, eu esperava sempre que todo mundo sáisse para eu poder me realizar fazer tudo aquilo que eu tinha vontade de fazer[...]Eu lembro que uma vez, minha mãe chegou antes do horário do meu momento de princesa e eu tirei toda roupa e esqueci de tirar a maquiagem. Aí, abro a porta achando que tava tudo certo, mas é aquela historia, “gato escondido fica com o rabo de fora” né. Quando eu vejo, tufit! A mão em mim. E eu: por que eu tô apanhando? Por que eu tô apanhando? Ela vá lavar sua cara rapaz! Aí foi quando eu vim me lembrar que tava todo maquiado. (Entrevista realizada em 21 de março de 2013)

De suas experiências presentes, a relação com a família foi mencionada pontuando o respeito e principalmente o reconhecimento de seu nome social. *Minha mãe me chama pelo nome social, minha irmã me chama pelo nome social, tenho dois sobrinhos que já são homens que me chamam de tia Chris, tenho três sobrinhas pequenas também me chamam como Chris, meus vizinhos me chamam como Chris.* Esta situação deixa clara que a importância para travestis serem chamadas por seu nome social refere-se ao reconhecimento de sua travestilidade. É um tipo de legitimação social que embora já seja reconhecida em algumas instituições do país, por meio de decretos, portarias e projetos de lei, ainda é uma das principais reivindicações do movimento organizado.

Do mesmo modo que Jéssyka, o engajamento nas lutas pelos direitos das travestis e transexuais surgiu na vida de Chris como algo novo. Segundo ela, participar como delegada do Orçamento Participativo gerou uma compreensão maior de seus direitos e deveres. Falando sobre as principais reivindicações do segmento, ela destacou a dificuldade de travestis e transexuais entrarem no mercado de trabalho. Emocionada, citou ter visto em seu *facebook* uma transexual que tinha conseguido trabalho em uma

empresa de telefonia celular. *É muito bom você saber que estamos conseguindo invadir o mundo e ocupar lugar de pessoas hetero.*

A entrada no mercado de trabalho, que não seja pela porta da prostituição, ainda é uma realidade complexa e cheia de dificuldades que travestis enfrentam. Christiane se lembrou da época que foi à Europa (vide figura 20) com objetivo de obter bens materiais, através do dinheiro conseguido ao se prostituir. Fazendo uma análise rápida de sua experiência europeia revelou:

Eu não deveria ter me iludido nessa história de Europa. Porque até então prostituição nunca foi meu forte. Fiz porque era o *boom* daquela época, todo mundo voltava com dinheiro, com carro, com tudo. Eu não vou dizer que não construí também alguma coisa. Porém, eu acho que o valor é muito mais diferente. É como se você ganha mil reais na prostituição e se você ganha cem reais em uma maquiagem. Eu acho que aquele cem reais que você ganhou na maquiagem é muito mais duradouro, muito mais prazeroso do que aqueles mil reais que você ganhou se prostituindo. Então, eu não conseguia dar valor àquele dinheiro. Esse que eu tô hoje eu consigo administrá-lo muito melhor [refere-se ao dinheiro ganho em maquiagem e nos espetáculos]. (Entrevista realizada em 21 de março de 2013).



Fig.20. Foto de Christiane para trabalho na Europa (retirada do *facebook*)

Esse desabafo de Christiane tanto está vinculado aos seus planos futuros, envolvendo investimentos na área da maquiagem e cabelos, quanto a um sentimento de falta de adequação que associa imagem e o ato de ser desejada ao processo de envelhecimento. Questões essas que vieram corroborar para sua saída do território da prostituição. Segundo Chris: *Você não se sente mais desejada. Quando você é jovem então você sempre tá ali naquele auge, né? E quando você vai envelhecendo isso muda, porque as pessoas já passam a te olhar diferente.* Essa fala deixa perceptível que existe um tipo de aprovação a partir do olhar do outro, funcionando como uma espécie de termômetro que interfere na permanência ou saída do espaço da prostituição. Apesar desse olhar de desaprovação ser percebido pelas travestis, em diversos espaços de sociabilidade, é no ambiente da prostituição que isso ocorre de maneira mais

contudente, pois representa o principal lugar de sociabilidade e aprendizado do feminino.

Neste contexto, a distinção entre ser velho e jovem ganha contornos específicos na experiência de travestis, fugindo, como já pontuei anteriormente, dos critérios etários instituídos. Christiane evidencia mais uma vez essas especificidades quando em outro momento destaca que a instauração do processo de envelhecimento chega com maior rapidez no “universo trans” do que chegaria para uma “mulher biológica”.

Eu acho que é muito mais rápido do que a mulher biológica. Porque depois dos trinta se a travesti não é bem cuidada ela já começa a virá coroa, né! Porque os homens procuram mais... porque como até... como a mulher biológica, assim também as novinhas! Mas a mulher biológica, ela mesmo nos seus quarenta ela ainda consegue fazer as coisas, consegue namorar, casar. Porque sempre como minha mãe diz tem sempre um pé doente para um sapato velho, né?! Sempre tem aquela junção, né?!. (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

A afirmação, *depois dos trinta se a travesti não é bem cuidada ela já começa a virá coroa*, tem um peso forte associado à imagem corporal que se quer produzir e apresentar socialmente. Situação que ocorre de maneira similar com as mulheres que constantemente são avaliadas por sua aparência física. Porém, quando Chris coloca que *a mulher biológica, ela mesmo nos seus quarenta ela ainda consegue fazer as coisas, consegue namorar, casar* sugere que na dinâmica da avaliação corporal os critérios, quando se referem às travestis, são mais exigentes. Havendo, assim, uma maior expectativa sobre suas estéticas corporais do que nas “mulheres biológicas”.

A valorização dessa estética corporal ocorre principalmente nas trajetórias de vida marcadas por uma vivência nas ruas e/ou nos palcos (vide figura 21) em que o corpo é utilizado como instrumento de trabalho.

A gente sempre associa o trabalho às vezes à beleza. Então já eu não tô com aquela “coisa” eu tô uma jovem senhora [...] Eu me lembro quando comecei não era nem *drag queen* eu era travesti e comecei com biquíni também porque até então na minha época eu tinha grande corpo pra isso (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013).



Fig. 21. Christiane Falcão apresentando o programa *No Divã com a Diva* (imagem retirada de videogravação).

Neste contexto, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre os aspectos que acionam tanto a percepção de se estar vivenciando o envelhecimento como também sustentam a valorização da juventude e de suas possibilidades como os verdadeiros pontos altos da vida (SIMÕES, 2004).

Entretanto, Christiane também aciona um discurso a fim de valorizar sua experiência de vida. Ao fazer isso evidencia concepções relacionadas às ideias positivadas sobre o envelhecimento, quando em seu discurso destaca as vantagens e o enriquecimento adquirido com a maturidade (SIMÕES, 2011). *Hoje eu olho todas as novinhas que tão chegando e digo já passei por tudo isso.*

As “*novinhas*” acabam encontrando, através das experiências das mais antigas, referências nas quais querem seguir como modelos. A imagem de glamour que circunda a vivência das que estão há mais tempo na “luta” e nos palcos é marcada pela edificação e estabelecimento de um nome na cena local, nacional e muitas vezes internacional. Essa imagem de glamour é constantemente trabalhada por Christiane, através de pequenos vídeos e várias fotografias que são postadas em seu *facebook*, enfatizando seus espetáculos e performances (vide figura 22).



Fig. 22. Registro fotográfico de um dos espetáculos de Christiane Falcão postado por ela no *facebook*.

É a imagem glamorosa que seduz os olhares das “novatas”, fazendo com que elas vislumbrem um dia conseguir o reconhecimento, através das apresentações de *shows* e performances teatrais. Como Chris assinalou: *As “novinhas” querem se espelhar por ver que a gente que trabalhou, batalhou, sofreu, riu, chorou, mas que tá ali firme com o nome firmado no mundo do espetáculo.* Em um trajeto de saltos e sobressaltos se produziu um repertório repleto, encontros e desencontros, conquistas e frustrações, risos e choros tecidos nos palcos e na vida. Entre uma coisa e outra é que travestis tornaram-se divas.

### 3.3 Joelma: militância no bairro

Em uma segunda-feira ensolarada, do dia 25 de março de 2013, fui ao encontro de Joelma no bairro Brejo da Guabiraba. Corria contra o tempo, desorientada com a modificação do lugar onde antes ficava o ponto de ônibus informado por Joelma. Tentava chegar ao bairro no horário previsto e não deixar minha entrevistada esperando. Por volta das 9 horas, depois de um percurso longo, descii no ponto de referência indicado. Entre a BR 101 e morros, as casinhas eram distribuídas pelo bairro. Tentei ligar para Joelma, mas a ligação não se completava. Comecei então a enveredar pelas vielas, guiada através das informações soltas que Joelma tinha fornecido. Em cada passo dado adentrava mais no cotidiano daquele espaço. Lojinhas, mercantis, locadoras, *lan*

*house*, depósitos, salões de beleza, enfim, o bairro era repleto de pequenos pontos comerciais. Ao encontrar o posto policial sabia, por orientações de Joelma, que estava próxima de sua rua. Assim, pedi informações e segui em frente na minha procura.

Joelma morava em uma rua estreita e de pequena extensão. Assim, pensava que não teria dificuldade em encontrar sua casa. Porém, fui surpreendida pela numeração das residências que aumenta e diminuía constantemente à medida que percorria a rua. Sob essa circunstância parei para pedir informações. Foi neste momento que soube por um morador que as casas não seguiam uma sequência lógica. Dito isto ele me estimulou a prosseguir a procura indo até o final da rua. Já cansada de subir e descer ladeira e sem conseguir completar chamada telefônica para Joelma, decidi mais uma vez parar.

Diante de uma mercearia gradeada, perguntei à senhora responsável pelo local se ela conhecia Joelma cabeleireira. Balançando a cabeça negativamente disse que não. Todavia, quando informei que Joelma era uma travesti ela instantaneamente reagiu com uma careta e apontou para uma casa do outro lado da rua, informando que era a moradia da mãe de Joelma. Atravessei a rua e fui à direção indicada. Em frente à casa, percebi que esta tinha sido dividida e o anexo era um salão de beleza. Bati palmas e fui recebida pelo irmão<sup>92</sup> de Joelma. Ao saber por quem eu estava procurando imediatamente chamou a mãe. Esta atenciosamente relatou que Joelma não tinha descido para o salão e saindo até a calçada mostrou o caminho que teria de fazer para chegar até a casa de Joelma. Apressadamente segui suas orientações.

Subindo os primeiros degraus da escadaria do morro cruzei com Joelma que saía da casa de uma vizinha. Ela, ao me reconhecer, exclamou que pensava que eu não iria ao seu encontro. Relatei rapidamente os percalços que tinha passado ao mesmo tempo em que era conduzida a sua casa. Antes de entrarmos, ressaltai como seu corpo parecia mais malhado depois do nosso último encontro. Ela agradeceu e entramos.

Era uma residência muito pequena e simples, dividida em cinco cômodos pintados de branco. Uma sala na qual dava para se observar todos os outros espaços. Uma cozinha contendo o banheiro em seu interior e dois quartos à direita da sala. Em todos os cômodos dava para perceber a existência de poucos móveis, como também a pouca quantidade de enfeites decorativos. Tudo era bastante organizado e limpo.

---

<sup>92</sup> Essa informação só veio com a descrição que Joelma fez durante a entrevista.

Acomodada em seu sofá de dois lugares, coberto por um tecido de chita, pedi seu consentimento para registrar a entrevista com a filmadora. Ela concordou. Assim, deixei-a sozinha no sofá e fui para o lado oposto posicionar a câmera. Naquele dia Joelma parecia introspectiva, com uma postura mais sisuda e olhar focado (vide figura 23). Seus gestos contidos nada lembravam o nosso primeiro contato no Encontro Estadual de Travestis e Transexuais.



Fig. 23. Joelma no dia da entrevista (imagem retirada de videogravação).

Começamos a entrevista. Nascida no Recife, Joelma, que informou ter 36 anos de idade, identificou-se como travesti e negra. Possuindo uma estatura alta e um corpo com curvas bem delineadas por exercícios físicos, chama atenção por onde passa. Em nosso encontro vestia uma blusinha estampada mostrando o busto e uma calça com a mesma estampa, colada, delineando mais sua estrutura física. Usava uma sandália de salto alto. Cabelos lisos, um pouco acima dos ombros. Um batom discreto, um cordão simples e um brinco pequeno completavam sua “montagem”.

Quando comecei a entrevista, a forma como Joelma articulava seu discurso chamou minha atenção, apresentando em diversos momentos uma justificativa/explicação para os eventos trazidos em suas intervenções. Tais discursos eram carregados de um teor militante que veio ser claro para mim no decorrer da entrevista. Apresentando sua trajetória de vida ou vislumbrando experiências futuras, a militância reaparecia enfatizando e/ou questionando situações. Como por exemplo, em

sua primeira intervenção relatou ter passado por problemas de autoaceitação de sua sexualidade durante boa parte da vida. Neste sentido, recorreu às lembranças da infância para ressaltar questionamentos e o mal-estar que marcaram sua experiência.

Eu criança com sete anos, eu queria cabelo grande, eu queria seios, eu queria sutiã, eu queria usar vestido, né. E a família não entendia e aí ia e combatia tudo isso. Que era natural que combatesse né! Até porque a família teve uma criação heteronormativa e aí vai passando pra gente. Mas assim era um desejo uma coisa dentro de mim [...] Daí quando cresci aí eu não sabia o que eu era. Mas, eu sabia que não era um menino. Mas o que eu era eu não sabia. Todo mundo em casa já via essa diferença, mas também não sabia lidar (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013).

Como ressaltou Joelma, a família dentro deste contexto atuava como a instância que vigia, disciplina e tenta restabelecer a ordem (FOUCAULT, 2002). Vivendo e um núcleo familiar formado por três irmãos e duas irmãs pontuou ter passado por algumas dificuldades, principalmente a não aceitação do pai. Citou o caso da irmã evangélica que tentou “convertê-la”, porém através do diálogo e da ligação entre as duas, a insistência pela conversão durou pouco tempo. Destacou também que no princípio a mãe, “extremamente católica”, não reagiu bem ao vê-la travestida. *Quando coloquei a minha primeira saia ela ficou extremamente indiferente comigo. Na cabeça dela eu ia me prostituir.* Segundo Joelma, as dificuldades dentro das relações familiares foram contornadas com o passar do tempo, a exceção de seu irmão homofóbico.

Lembro-me que ela já tinha citado, quando conversamos pela primeira vez, sobre a relação conflituosa com o irmão. Desta vez ela destacou que foi preciso sair rapidamente da casa de sua mãe para evitar problemas com o irmão que tinha voltado. Assim, estava morando há oito meses sozinha na residência que foi cedida por um primo.

Hoje eu tô morando sozinha devido a não bater bem com ele [irmão]. Porque ele casou, saiu, depois ele se separou voltou pra dentro de casa e aí a gente tinha brigas porque ele nunca aceitou, ele nunca respeitou. Porque ele poderia até não aceitar, mas respeitar seria o essencial. Então eu hoje saí de casa, faz uns oito meses que eu moro sozinha, devido a evitar as brigas por causa da minha mãe (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013).

Sobre a experiência escolar, ela enfatizou ter passado por processos de estigmatização e discriminação muito intensos.

Eu sofri muito na escola porque eu era diferente, eu era delicada, tinha a voz fina e aí eu não queria ir para escola e minha mãe me obrigava a ir para escola, até porque ela não sabia o porquê que eu não queria ir pro colégio. Eu não queria ir pro lugar onde as pessoas me viam uma aberração (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013).

A escolarização do corpo para produzir uma suposta masculinidade, que se diferenciava da imagem “delicada” assinalada por Joelma, coloca a escola como espaço da prática de uma pedagogia da sexualidade e disciplinamento dos corpos na perspectiva de reiterar práticas hegemônicas, enquanto subordina ou nega outras (LOURO, 2010). Sobre a vivência escolar, a autora Guacira Louro lembra: “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2010, p.28).

Joelma colocou que a percepção de não atender às exigências da pedagogia corporal manifestou nela problemas de aprendizagem. *Eu tinha muito problemas na escola. Eu conhecia as letras juntava, mas não conseguia ler.* Essa situação gerava um sentimento de não pertencimento ao espaço escolar. *Eu não queria ir pro lugar onde as pessoas me viam uma aberração.*

Segundo Peres (2005), “a intensidade da discriminação e da intolerância nas quais são expostas as travestis nas escolas que desejam estudar levam na maioria das vezes a reações de agressividade e revolta...” (p.57). Joelma ratifica esta afirmação quando revelou: *Eu achava que era uma fase que ia passar. E essa fase não passava nunca. Então era assim, era o momento que eu era arisca demais, eu era muito agressiva, estava sempre na defensiva e às vezes me defendendo do quê? Nem eu mesma sabia.*

Seus questionamentos foram amenizados depois de sua entrada no “movimento”. Sobre isso comentou: *Eu conheci o movimento. Porque eu tinha desejo em saber se tinha um lugar que eu pudesse procurar. Um lugar que ajudasse.* Segundo Joelma, a própria relação com a família foi afetada por essa experiência. *Eu só aprendi a lidar com essa família quando eu descobri o movimento.* O movimento ao qual se refere é denominado “Movimento Gay Leões do Norte”, uma organização de apoio e defesa da livre orientação afetivo e sexual e de promoção dos direitos humanos e da cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais<sup>93</sup>, localizada no Recife.

---

<sup>93</sup> “O Movimento gay Leões do Norte é entidade de defesa e promoção dos direitos, na luta pela defesa do meio ambiente e da ecologia, pelo fim da exploração do homem, em defesa de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, visando assegurar a estes os direitos e garantias fundamentais da pessoa humana, e, no cumprimento de suas atividades e objetivos, não adota nenhuma orientação religiosa nem faz distinção de nacionalidade, credo, cor, sexo, orientação sexual, idade, ideologia, raça ou etnia”. Disponível em: <<http://movimentogayleoesdonorte.blogspot.com.br/>> Acesso em 09 abr. 2013.

Relatou que sua entrada no “Leões do Norte” aconteceu em torno de seus 25 anos. *Já tava travestida. Já tava usando roupas femininas, mas não me considerava travesti pelo fato de achar que travesti era aquela que ia lá fazer programa e se prostituía e se drogava.* Joelma afirmou que esta imagem só veio se dissipar quando começou a participar do movimento, até então a imagem que tinha sobre travestilidade fora construída baseada em informações da mídia. *Eu acho que a mídia é uma das coisas que atrapalhava muito ao identificar porque quando passava uma travesti passava sempre marginalizada. Então, eu não me via travesti. Mas também eu não me via menino.* A mídia como uma instância<sup>94</sup> que institui “pedagogias da sexualidade”, tem como objetivo a produção de sujeitos cúmplices de práticas hegemônicas aceitáveis socialmente ao mesmo tempo em que nega práticas divergentes (LOURO, 2010).

O autor Tiago Sant’ana (2010) considera a mídia como um órgão que contribui no processo de propagação de discursos sexuais normativos. Assim, quem burla a ordem, torna-se objeto de regulação dos meios de comunicação de massa. Essa regulação se processa através de concepções de sexualidades e gêneros que são narradas e representadas cotidianamente reforçando binarismos e tornando corpos abjetos. Ainda segundo o autor, “apesar de ser uma das possíveis sexualidades, a travestilidade sempre é representada na mídia intimamente ligada à prostituição, às drogas e a um submundo que é constantemente desumanizado” (SANT’ANA, 2010, p.2)

Apesar de Benedetti (2005) apresentar a prostituição como um dos principais lugares para construção e aprendizado de “feminino” entre as travestis, a construção de Joelma se constituiu fora deste espaço. A influência de uma amiga em particular foi citada por ela como importante. *Eu estava fantasiada de menino na verdade e aí uma amiga ajudou pra que eu botasse pra fora o que estava aqui dentro, porque eu estava ainda muito perdida.* Entretanto, enfatizou que o conhecimento sobre os processos de travestilidade aconteceu, sobretudo, nas relações de convívio e engajamento dentro do “Movimento Gay Leões do Norte”.

A participação no movimento foi fundamental para sua sociabilidade e posicionamento diante das questões do mundo, principalmente em assuntos ligados à sexualidade. Dentro do discurso militante falou sobre problemas que afetam a

---

<sup>94</sup> Para Guacira Louro, a “família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 2010, p.25).

experiência de travestis/transsexuais, abordando questões como permanência na escola, acesso à saúde, utilização do nome social e oportunidade de emprego (vide figura 24). Das demandas citadas por ela, a empregabilidade apareceu como preocupação principal.



Fig. 24. Joelma em entrevista no III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco (imagem retirada de videogravação).

Durante a entrevista, Joelma pontuou sua atuação e reconhecimento no bairro. *Aqui no meu bairro eu posso dizer que eu estou em casa. Eu conquistei esse respeito.* Apesar desse espaço conquistado, assinalado por ela, ainda é constatado posturas preconceituosas como a expressão de incômodo e indiferença da mulher responsável pela mercearia, quando perguntei se conhecia Joelma<sup>95</sup>. Percebendo a existência desse tipo de reação, a própria Joelma sublinhou a importância do espaço conquistado e completou dizendo: *Mas, ainda tem muita coisa pra ser feita.* Quando íamos passar para outro assunto, ela lembrou que ainda não tinha falado sobre a experiência que contribuiu para sua maior inserção no bairro: a participação na igreja.

Eu faço parte hoje da igreja católica. Antes eu já tinha feito primeira comunhão, crisma na igreja. Mas, me afastei, até pelo ponto de ter me descoberto travesti. Então, eu me afastei um pouco da igreja. Mas, assim, eu sentia essa necessidade de ir à igreja, né. E comecei a frequentar novamente a igreja. E as pessoas ficaram muito felizes de eu estar lá. Mesmo sendo travesti. Não queria a pessoa anterior, mas essa respeitada. Que eu consegui esse respeito, esse espaço aqui dentro da comunidade. E aí, eu sou dizimista da igreja. Eu sou uma cidadã católica, né. Porque eu cheguei ao padre perguntei se eu poderia ser dizimista com o nome social, não com o meu

<sup>95</sup> Essa situação foi relatada no início desse tópico.

nome de batismo. Ele disse: Não, tudo bem, pode sim! E aí, eu fiquei muito feliz com isso. Porque assim, nós somos tão discriminadas, tão escanteadas. E assim quando eu chego em uma igreja que as pessoas me chamam de Joelma e que me respeita como “ela”, né. É assim, pra minha foi uma das grandes conquistas que eu tive (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013).

Joelma interpreta sua participação nos rituais católicos como uma conquista. Sei que existe em sua fala várias questões para se problematizar. Porém, gostaria de destacar como a ideia de “reconhecimento”, que é recorrente em seu discurso, ganha mais evidência nesse relato. Participar como dizimista, ser reconhecida como travesti, ser chamada pelo nome social e não de batismo, significa burlar as normas dessa instância que historicamente reitera práticas hegemônicas vigiando, controlando e disciplinando corpos (FOUCAULT, 2002). Desse modo, tomar parte dos ritos litúrgicos representa mais do que um exercício religioso baseada em sua crença. É um exercício de militância.

Mesmo com toda a sociedade em cima, assim, a gente procurar mostrar a ela que esta sociedade está errada. E não é fácil, mas a gente sentada no sofá a gente não vai fazer isso. A gente precisa fazer, a gente precisa mostrar que a gente existe, que a gente tá ali e que a gente pode fazer e contribuir muito pra melhorar esse país. (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013)

Mais adiante completou. *Apesar de todas as guerras é gostoso ser quem você é.* Uma de suas guerras diz respeito às relações amorosas. Indagada sobre seus medos ela declarou: *Terminar só, de estar só, de morrer só. Eu tenho medo de não ter um companheiro de terminar só neste sentido*<sup>96</sup>. Mesmo afirmando carregar um medo da solidão Joelma problematiza o interesse masculino pela travesti, apresentando como uma situação complicada de ser resolvida. Segundo ela

Não por você não ter alguém. A gente tem sim a gente consegue alguém. É quando esse homem se apaixona pela gente aí tudo dificulta. Porque na cabeça dele ele ama um outro homem. Mesmo que a gente mostre que não é isso. Mesmo que a gente mostre que ser mulher não é ter uma genitália feminina estar para, além disso, tudo. (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013)

Apesar de manter a perspectiva de conseguir casar-se, Joelma apresentou a relação amorosa travesti como um dilema sem solução, baseado na genitália, e assim fazendo relegou o casamento ao plano das ideias. Sendo apenas desejado enquanto sonho. Mais do que um desabafo, pois ela informou ter terminado um relacionamento

---

<sup>96</sup> Percebe-se que a fala de Joelma segue a mesma direção do depoimento de Christiane Falcão quando associa o envelhecimento com a solidão e destaca o receio em ficar sozinha.

justamente pelo motivo citado acima, o relato dela expõe questões importantes que circundam as discussões sobre sexo/gênero. Quando salienta que, *ser mulher não é ter uma genitália feminina estar para, além disso*, Joelma, diferente de Christiane Falcão, invoca a genitália para contestar de certa maneira a inteligibilidade. Neste sentido, em sua fala acaba expressando que o gênero é uma fabricação inscrita na superfície dos corpos, ressaltando as potencialidades do corpo e evidenciando a existência corporal destoante da estrutura binária homem-mulher e dos gêneros inteligíveis.

Joelma ressalta como a falta de inteligibilidade passa a ser um empecilho para o relacionamento das travestis. Incluídas perversamente num circuito marginal que invisibiliza suas possibilidades de expressões de afetos, estas se sentem empurradas para solidão. Com isso, mais uma vez, se nega a possibilidade das travestis comungarem da roda<sup>97</sup>.

Ao falar sobre expectativas e processos de envelhecimento, Joelma enfaticamente trouxe à tona a ideia de decadência física. Fazendo isso, evidenciou a concepção “negativa” de velhice. *Me ver no espelho engilhada, eu não consigo me ver desse jeito. Quero continuar esticada!*. Baseando-se na aparência corporal, Joelma colocou as categorias de velhice e beleza em polos opostos. A impossibilidade de unir essas categorias fez Joelma acionar um discurso justificando a inviabilidade da velhice em sua experiência. Neste sentido ela afirmou

Misericórdia!Eu não quero ficar velha não!Aiii, a minha vaidade é muito grande. Eu digo assim cinquenta anos eu já quero morrer que eu quero morrer esticadinha. Porque eu tenho um maior medo da velhice. Eu acho que também as doenças, as limitações, mas especialmente a vaidade eu não vou mentir, né. (Joelma, entrevista realizada dia 25 de março de 2013)

Se por um momento ela sustenta a ideia de limitar sua experiência pela impossibilidade de manter-se “esticadinha”, ressaltando assim a imagem “negativa” da velhice, em outro traz fragmentos que suscitam a concepção “positiva”. Por exemplo

---

<sup>97</sup> No conto *Dama da noite*, de Caio Fernando Abreu, os personagens, dama e boy, encontram-se em um bar e estabelecem um diálogo. De acordo com a dama a vida é representada por uma roda gigante na qual algumas pessoas, são impedidas de entrar. Ela começa o conto destacando essa situação: “COMO se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora” (ABREU, 1988, p. 91).

com a afirmação, *velho é aquele que para e se entrega às limitações e o idoso é aquele que corre atrás de se melhorar.*

Quero chamar atenção para o trecho quando ela compara “aquele que se entrega as limitações e aquele que corre atrás de se melhorar”. A ideia contida na última expressão recupera a representação do envelhecimento dentro do que Guita Debert (1997) denominou de “reprivatização da velhice”, ou seja, a velhice é vista como responsabilidade individual. Neste sentido, os indivíduos são encorajados a adotarem estratégias instrumentais para evitar a deteriorização e a decadência do corpo.

Apesar da ambiguidade existente em seu discurso, ora enfatizando concepções “negativas” da velhice, ora trazendo concepções “positivas”, Joelma aciona mais uma vez o discurso militante (vide figura 25) para simplificar essa ambiguidade: *Talvez eu não vá olhar o corpo engilhado, o peito aqui em baixo. Talvez eu não olhe isso talvez eu tenha outras prioridades. Eu vou lutar por um acolhimento a essa travesti.*



Fig. 25. Joelma no III Encontro Estadual de Travestis e Transexuais de Pernambuco.

Ela finaliza relacionando a experiência travesti com a experiência de envelhecimento. *O idoso em si ele já tem dificuldade na sociedade os maus tratos, a falta de respeito. E com a gente que já vai vindo carregando esses estigmas já de lá de trás [...] Imagine idosa! Minha nossa senhora vai ser uma bronca! Mas eu acho que eu tô pronta.*

Após o seu depoimento pedi que me mostrasse seus álbuns de fotografias. Joelma passou um bom tempo revirando caixas, olhando dentro, em cima e em baixo de móveis, porém não teve sucesso em sua procura. Dessa forma, não foi possível utilizar suas fotos para contribuir na compreensão de sua trajetória de vida.

### **3.4 Asteriscos e reticências**

Em cada encontro com as interlocutoras desta pesquisa surgiram elementos diferentes para compor vivências que se entrecortavam. A partir da observação dos encontros com as travestis, foi possível vislumbrar alguns pontos de convergência e divergência trazidos em suas falas e nas trajetórias de vida evidenciada por elas. Assim, o intuito neste momento não é criar um perfil de grupo, mas apresentar os pontos observados. Sabendo que estes são abertos a outras interpretações.

Existem determinadas especificidades nas experiências travestis e questões sobre periodização da vida que precisam ser abordadas. Debert (1999) fala que as idades cronológicas aparecem no discurso do Estado moderno como elemento principal na tarefa de estabelecer a ordem generalizando classificando e separando categorias. Demarcando, assim, direitos e deveres do “cidadão”. Dessa forma, o Estado como instituição que orienta o curso da vida regulamentando etapas etárias “apropriadas” para. Por exemplo, a inserção escolar ou a entrada e saída do mercado de trabalho, desaparece na trajetória das travestis. Então, pode-se dizer que as experiências de travestis, por suas particularidades e por serem alocados no espaço da “abjeção”, acabam excluídas dessas regulamentações.

Portanto, a periodização da vida foi tomada nesta pesquisa como processo aberto a variação e invenções em oposição às ideias que se fundamentam precisamente no reconhecimento de etapas previsíveis. Assim, as impressões sobre envelhecimento apareceram nas entrevistas buscando articular a percepção e interpretação que as travestis tinham das suas experiências passadas, presentes e de suas expectativas futuras. Levando em consideração a integração de motivos pessoais e os limites do contexto social. Dessa forma, foi possível efetuar um entrelaçamento de suas vidas, considerando que compartilharam experiências semelhantes durante suas trajetórias (SIMÕES, 2004).

Focando nas trajetórias de vida das interlocutoras desta pesquisa foi possível observar alguns pontos. Ao olhar as experiências passadas, as entrevistadas pontuaram a infância como o período de perceber um gênero “inerente” sendo acionado, onde o processo de transformação aparecia através de pequenos atos, como o interesse por jogos e brincadeiras de meninas, o uso escondido de maquiagem e roupas da mãe, os trejeitos “efeminados”, e utilização de acessórios identificados ao universo feminino. Os discursos se direcionaram para uma essência na qual não se tem “controle”. *Eu estava fantasiada de menino na verdade e aí uma amiga ajudou pra que eu botasse pra fora o que estava aqui dentro (Entrevista Joelma)*. Conforme Benedetti (2005), “é nessa fase que elas começam a perceber que tem algo ‘diferente’ dos outros meninos e que isso é socialmente reprovável” (p.98). Joelma, por exemplo, relatou: *Eu sofri muito na escola porque eu era diferente [...] Eu não queria ir pro lugar onde as pessoas me viam uma aberração*.

A desaprovação de suas experiências, por parte pais / irmãos / irmãs, foi apontada como recorrente em suas convivências familiares. Entretanto, a figura materna foi evocada em todos os momentos de suas trajetórias como sinônimos de compreensão, carinho e proteção. *Ela queria que eu realmente casasse tivesse filhos e tudo, né. Mas minha mãe nunca foi assim de criticar por que eu sou homossexual/travesti hoje em dia. Ela me ama me adora hoje em dia (Entrevista com Bia)*. Segundo os relatos, a situação tensa de aprovação *versus* desaprovação dentro da família acabava gerando conflitos na relação da mãe com o pai, produzindo um sentimento de culpa nas entrevistadas. Neste sentido, Jéssyka falando sobre um discussão com os pais pontuou: *Tiveram uma discussão eles dois aí meu pai foi embora, só que aí pronto. Depois eu me senti meia culpada dessa história porque eles se gostavam muito*. Muitas delas disseram ter saído de casa para evitar rompimento no relacionamento dos pais. Exemplo disso foi relatado por Bia: *Meu pai, meu padrasto não me queria dentro de casa. Minha mãe discutia muito com ela por causa de mim aí eu tinha que morar só*. Alguns autores (OLIVEIRA, 1994; BENEDETTI, 2005; CÓRDOVA, 2006) que destacam a estreita relação das travestis com suas mães falam sobre como esta afinidade várias vezes chega a interferir no processo de transformação, fazendo as travestis “abrirem mão de suas insígnias e, para não escandalizar os velhos, atenuam um tanto a representação feminina” (SILVA, 1993, p. 53). Neste sentido Christiane pontuou: *Esse lado realmente feminino da história eu só vim mesmo usar quando minha mãe faleceu... por que assim, acho que*

*por respeito*. Ainda sobre as relações familiares surgiram referências a abuso sexual cometido por parentes próximos.

Como sempre eu tive esses trejeitos femininos. Então, assim a gente é abusada sexualmente. Primos, tios. Porque minha mãe teve que morar fora de Recife e eu fui morar na casa de tios. Então, realmente sempre acontecia essas coisas entre os primos né. Isso começou dos dez anos acho que até uns treze anos quando mamãe voltou de vez pra Recife. Eu fiquei morando nessas casas de tios e sempre aconteciam essas “coisinhas” (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

As quatro interlocutoras informaram exercer a profissão de cabeleireira e maquiadora, porém Christiane Falcão e Jéssyka Tylor ressaltaram também suas experiências pelo mundo da prostituição e na área dos espetáculos. *Uma carreira. Uma história muito grande. Já venho trazendo desde Campina grande passado por aqui, pela Europa, tudo isso! Então assim, é como minha prima Christiane Falcão. Todo mundo conhece (Entrevista com Jéssyka)*. Ambas viveram uma temporada na Europa, situação que lhes rendeu dinheiro e prestígio.

A falta de oportunidade e a discriminação na entrada no mercado de trabalho foram abordadas pelas entrevistadas como questões que empurram as travestis para prostituição. Também falaram da urgência e enfatizaram a luta do movimento organizado em reverter essa situação.

A trajetória de vida das travestis mais “antigas” funciona como referência às “novatas”. Exibições artísticas, a passagem pela rua e viagens para a Europa são fatores importantes para o reconhecimento de uma travesti. Como Jéssyka assinalou: *Tudo isso gera uma história de sonho e glamour*. As que estão chegando procuram se espelhar nestas experiências, tendo como perspectiva conseguirem alcançar o glamour de muitas que ainda estão se apresentando nas casas e eventos ligados ao público LGBT.

As travestis mais experientes também atuam como orientadoras na manipulação de técnicas corporais. O uso de maquiagem, vestuário adequado, sapatos com salto alto, bolsas, utilização de hormônios e aplicação de silicone. A pedagogia corporal repassada inclui também, como indica Benedetti (2005), o aprendizado gestual e o uso do corpo. “Assim, aprender a andar de salto, mostrar movimentos leves e suaves com os braços e com o corpo, olhar de forma cândida e recatada, mover o cabelo e mesmo andar e sentar são movimentos aprendidos e aperfeiçoados a partir do modelo das outras travestis e da observação do feminino ao redor” (p.104).

Dentro dessa dinâmica de produção corporal, e principalmente quando há uma inserção na prostituição e/ou universo glamorizado do espetáculo, o corpo institui uma exigência maior em sua manutenção quando associado ao processo de envelhecimento. “A tendência é que busquem caminhos para reverter ou amenizar o que é visto como prejuízo estético decorrente do envelhecimento” (SIMÕES, 2011, p14).

Quando a gente vai amadurecendo a gente vai vendo que existem muitas coisas que são nocivas ao nosso corpo. E o hormônio é uma delas né. Que prejudica muito o fígado. Então quando a gente aprende... Quando a gente é nova, é jovem a gente faz tudo que as pessoas mandam tudo que as pessoas dizem. A gente faz em prol da beleza de conseguir de fazer, mas não ver os efeitos colaterais, né. Então depois que eu fui ficando mais velha fui tendo mais condições e conhece pessoas, médicos tudo a gente vai aprendendo. (Christiane Falcão, entrevista realizada em 21 de março de 2013)

No que Debert (1997) denominou como “reprivatização da velhice”, os indivíduos são estimulados a cuidarem da plasticidade de seus corpos. A fim da manutenção de uma “boa aparência” na velhice. Na experiência travesti, o processo de plasticidade corporal é empreendido através da iniciativa individual que ocorre desde o início de sua “transformação”. Neste sentido, a “reprivatização” não estaria circunscrita à velhice.

Longe de ser responsabilidade do Estado esse projeto corporal, que pode ser formatado através de uma biotecnologia, torna-se viável pelo financiamento das próprias travestis/transsexuais. Seja nas atividades como cabeleireira ou no exercício da prostituição, o dinheiro conquistado é transformado em capital corporal.

Na gerência desses corpos, as travestis sabem as limitações e problemas que o uso de algumas técnicas provoca. Para ilustrar isso resgatei o relato de Christiane Falcão: *Quando a gente vai amadurecendo a gente vai vendo que existem muitas coisas que são nocivas ao nosso corpo. E o hormônio é uma delas.* Benedetti (2005) elenca os principais efeitos citados por suas “informantes” sobre o tratamento hormonal: “inchaço das pernas e pés (especialmente no verão); retenção de água pelo organismo; diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção; aumento de apetite; propensão a varizes; preguiça; apatia; pouca disposição física” (p.78).

O uso de silicone é outra prática usada para a plasticidade desse corpo. Segundo Benedetti (2005), esse produto é muito valorizado, pois tem efeito imediato. Pode ser aplicado em todas as partes do corpo: pernas, joelhos, quadris, nádegas, seios,

face, boca, testa, etc. O autor também salienta problemas e deformidades corporais provocados pela rejeição ou movimentação do silicone no corpo. “Várias travestis que tem seu corpo transformado há vários anos relatam casos em que o silicone se movimentou pelo corpo ou, o que é mais grave, em que o produto ‘apodreceu’ no corpo resultando em feridas infecciosas, pelas quais o silicone vai sendo purgado” (BENEDETTI, 2005, p.86). Em entrevista Christiane Falcão, falando sobre o projeto de aumentar os seios, descreveu:

Eu já operei o peito três vezes. Na última vez que eu operei o peito eu tive uma rejeição. Eu operei com um médico acho que foi até cassado, ele não pode mais operar porque ele fez muitas coisas erradas e uma das coisas erradas que ele fez foi em mim. Ele colocou uma prótese em mim e deixou um vaso aberto dentro do meu peito. Eu acordei com um peito desse tamanho. Um menor e um desse tamanho todo roxo. E quando eu vi aquilo me assustei. Ele foi e me abriu no cru, sem anestesia, e aquele sangue saindo e tudo. [...] Então, começou ter um processo de rejeição e ele passou um monte de remédios à base de corticoide e eu engordei acho que uns vinte quilos desde a época (Christiane Falcão, entrevista dia 21 de março de 2013)

No relato de Christiane fica claro que a produção corporal de travestis e transexuais é uma questão de saúde pública, que põe em risco as suas vidas. Entretanto, mesmo com os percalços apontados “o desejo de ‘ter um corpo’ se sobrepõem aos ‘riscos’ implicados nessa construção” (PELÚCIO, 2005, p.103). Como lembrou Joelma: *Apesar de todas as guerras é gostoso ser quem você é.* A relevância dessa situação a torna uma das bandeiras de luta do movimento, sendo encarada como responsabilidade social que pode ser minimizada com a existência de suporte do Estado

Nos itinerários compartilhados, suas relações amorosas foram destacadas como eventos para serem lembrados, preservados ou almejados. Na época da entrevista, Bia estava viúva há quatro anos de uma relação que durou vinte e oito anos. Sobre a vida em comum com o marido lembrou: *Quando apareceu esta casa pra gente comprar. A gente se juntou. Compramos e construímos. Ele abriu uma firma pra ele. Eu trabalhava aqui no salão e ele com a firma [...] Aí a gente começou a trabalhar junto construímos tudinho, fomos vivendo até ele adoecer.* Christiane Falcão estava “casada” há vinte e quatro anos e tentava preservar o relacionamento. *A gente enfrenta aos trancos e barrancos, para manter a nossa relação.* Jéssyka Tylor informou que estava solteira, porém ressaltou que seu sonho pessoal seria conquistar *um segundo casamento.* Joelma, apesar de apresentar as dificuldades na relação entre travesti e casamento, falou do desejo em se casar justificando: *Eu tenho medo de não ter um companheiro de terminar só, neste sentido.*

Quando o assunto é “marido”, o discurso mais recorrente foi ligado à naturalização das relações sexuais, onde homens e mulheres exerceriam “papéis” próprios. As travestis, baseadas nesta noção, procurariam desempenhar comportamentos “próprios da mulher”, ou seja, reproduziriam as funções de dona de casa, esposa e amante. Assim, afirmações como *estou naquela história de fazer a esposa. Lavar a roupa as coisas normais* reitera a ideia de que “um casamento duradouro e ideal deve respeitar os papéis estereotipados atribuídos aos sexos para ser satisfatório e zelar pela felicidade de ambos” (GOMES, 2011, p.105). Outra questão associada à presença do companheiro em suas vidas está relacionada ao envelhecimento e ao medo da solidão neste período. *Eu tenho medo de não ter um companheiro de terminar só (Entrevista Joelma).*

Pude observar a existência de um cruzamento tenso e móvel entre as concepções positivada e negativada sobre o processo de envelhecimento e suas relações com as travestilidades (SIMÕES, 2004). Por exemplo, a solidão foi trazida em seus discursos ratificando as ideias de um envelhecimento marcado por perdas e declínio, onde os indivíduos ficariam relegados a uma situação de abandono e desprezo (DEBERT, 1997). *Tô tentando continuar meu relacionamento porque eu sei que uma das piores coisas na velhice é a solidão (Entrevista Christiane).*

Entretanto, quando acionam discursos como: *Quero viver melhor, quero viver uma “coroa enxuta”* ou ressaltam que *a gente que trabalhou, batalhou, sofreu, riu, chorou, mas que tá ali firme* evocam concepções e práticas relacionadas a um envelhecimento positivado. Essas concepções procuram enfatizar a maturidade e as possibilidades de reinterpretar e reconstruir o corpo e o envelhecimento (SIMÕES, 2011, p.10). Independente das concepções, positivas ou negativas, ou do modo como classificaram a velhice, as interlocutoras acionaram em seus discursos uma vulnerabilidade específica em suas trajetórias de vida, relacionada a uma sexualidade desviante notória principalmente através de suas performances corporais.

Enfim, a inserção no universo *trans* do Recife e a incursão nas trajetórias de vida das interlocutoras dessa pesquisa ajudou-me na compreensão de suas experiências e de suas percepções sobre processo de envelhecimento. Permitiu-me, também, exercitar o olhar em relação às travestilidades e com isso perceber particularidades atravessadas pela relação extremamente complexa entre corpo, gênero, sexualidade e envelhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investidas no campo e o contato com as travestis permitiram perceber que a “periodização da vida” era significada pelas travestis a partir de um tipo de marcação diferente da linear, sucessiva e cronológica. Assim, as novas discussões acerca do curso da vida serviram para nortear a pesquisa. O “paradigma do curso da vida” (SIMÕES, 2004) foi utilizado para pontuar as rupturas dentro de um modelo “coerente” e previsível de etapas. Segundo esse paradigma, qualquer ponto da trajetória de vida pode ser analisado de uma perspectiva dinâmica, como consequência de experiências passadas e expectativas futuras, e de uma integração entre os motivos pessoais e os limites do contexto social e cultural correspondente. Experiência compreendida como uma construção discursiva cotidiana das “teias de significados”, constituída tanto individual como coletivamente (SCOTT, 1999).

A inserção nos espaços de sociabilidade na cidade do Recife e uma visibilidade construída paulatinamente em cada entrada no campo me conduziram a Bia, Joelma, Christiane Falcão e Jéssyka Tylor. Através de seus discursos pude contextualizar brevemente suas experiências e acessar os significados atribuídos por elas ao processo de envelhecimento, evidenciando especificidades que dialogam com questões de gênero, corpo e sexualidade. A imagem, através da análise de fotografias e material audiovisual produzido em entrevistas videogravadas, apareceu na pesquisa como um instrumento para mediar o diálogo com as interlocutoras.

Na trama das categorias utilizadas nesta pesquisa chamo atenção primeiramente para o termo travestilidades (AMARAL, 2012), que amplia e faz perceber as múltiplas possibilidades existentes nas experiências das travestis, ligado à construção e desconstrução dos corpos. Também retomo o conceito de “mobilidade de gênero” (PATRÍCIO, 2002) para acessar outros arquétipos de identificação, e não só o feminino ou masculino. Assim, utilizo “mobilidade” para corroborar com a noção de “universo *trans*”, que amplia o leque de definições distintas para tipologizar homens que se constroem corporal, cultural e subjetivamente de forma feminina.

Assim como gênero, o conceito velhice/envelhecimento também é inscrito em discursos em que natureza é tomada como fonte explicativa para uma suposta essência que se manifesta no corpo. Tais discursos atribuem e muitas vezes limitam as discussões a um caráter natural e biológico para pensar sobre essas categorias. Em se

tratando de velhice não se pode negar a realidade vivenciada pelos indivíduos em que a constituição física do corpo é afetada, pois faz parte da natureza humana; porém as experiências de envelhecimento são singulares, vividas em diferentes contextos socioeconômico, cultural e étnico em que cada um está inserido (DEBERT, 1999). Pensar gênero limitado a visões binárias baseadas nas características físicas e anatômicas de corpos masculinos e femininos, bem como restringir o envelhecimento dentro de uma lógica natural e uniforme, significa não reconhecer que há múltiplas possibilidades de vivenciar gênero e envelhecimento. Todavia, tanto questões referentes ao gênero como questões relacionadas ao envelhecimento passaram por sensíveis rupturas e estabeleceram outras vertentes para serem abordadas.

Ao inscrever sua experiência no cotidiano, a travesti revela um corpo desviante, “incoerente” com o padrão biológico instituído. Através de diversas modificações e do aprendizado de “técnicas corporais” vai se constituindo um tipo de feminino que é negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Neste sentido, travestis mais “experientes” atuam como pedagogas da plasticidade do corpo das “novatas” para performance do “feminino”. Da mesma forma que técnicas corporais são apreendidas na construção de um feminino outras técnicas são acionadas e os indivíduos são persuadidos a cuidarem de seus corpos a fim de conservar uma “boa aparência” na velhice.

As experiências travestis incorporam em seus discursos tanto as imagens relacionadas às concepções “negativas” quanto às concepções “positivas” que perfazem o envelhecimento. As imagens “negativas” são associadas à ideia de que o avanço da idade é um processo contínuo de perdas, de invisibilidade e de decadência. A perspectiva solitária, a invisibilidade por falta de um reconhecimento e a decadência corporal foram situações acionadas para significar o envelhecimento ou justificar em diversos momentos autoidentificações com uma velhice precoce.

Concepções relacionadas às ideias “positivadas” sobre o envelhecimento enfatizaram benefícios que a maturidade traz e dessa forma contribuíram para perceber as possibilidades de reinterpretar o corpo e o envelhecimento. Apropriando-se desse discurso aparece o processo denominado por Debert (2000) de “reprivatização da velhice”. Este processo envolve a imagem de envelhecimento bem sucedido que deve ser conquistada a partir de um esforço pessoal. Assim, o envelhecimento desaparece enquanto preocupação social e se transforma em responsabilidade do indivíduo. O

processo de reprivatização foi ampliado na dissertação para refletir sobre outros momentos do curso da vida das travestis. Principalmente quando iniciam o processo de construção corporal em que o Estado não participa.

No discurso da sociedade Ocidental os recortes etários servem de marcos para a constituição de direitos e deveres, a fim de manter uma organização política e social. Determinando, por exemplo, o início da vida escolar e a entrada no mercado de trabalho. Entretanto, nas experiências travestis, o enquadramento a específicos recortes etários não produz os mesmos efeitos se comparado a outras vivências. O direito a educação é subtraído, pois sua permanência no espaço escolar é comprometida pela discriminação e preconceito que sofre por não obedecer à pedagogia corporal dominante. A saída da escola acaba afetando o momento da entrada no trabalho. Assim, o desejo da construção corporal, a baixa escolaridade e a incoerência sexo/gênero/desejo, são fatores que se aglutinam e afetam a inserção no mercado de trabalho “oficial”, geralmente contribuindo para a entrada no mundo da prostituição. Portanto, independente de recortes etários “organizadores”, as travestis, por serem alocados no espaço da “abjeção”, (BUTLER, 2010) acabam excluídas das regulamentações e direitos instituídos para organização política e social.

No espaço da prostituição há uma exigência maior para a manutenção e aprimoramento da plasticidade do corpo. Aqui, o discurso do cuidado com o corpo/cuidar de si, ressaltado por uma das interlocutoras, evidencia como a produção de uma aparência desejada e “produtiva” atinge a percepção de si e dos outros, acionando a imagem do envelhecimento. Desse modo, a tendência é buscar intervenções para reverter ou amenizar o que é considerado prejuízo estético.

Conforme os discursos relatados, a trajetória de vida das travestis mais “antigas” funciona como referência para as “novatas”. Há um reconhecimento não só ao projeto corporal bem sucedido, mas principalmente a uma trajetória marcada por viagens à Europa e/ou pelo universo glamoroso do espetáculo. Assim, as experiências bem sucedidas das “antigas” aparecem como um espelho, no qual travestis “novinhas” se baseiam e pleiteiam a imagem refletida. Por outro lado, a perda deste lugar de experiência, de glamour e de sucesso também pode ser percebida como um dos elementos que expressam para as travestis a entrada no mundo da velhice. Portanto, este momento, ao se constituir deste modo, significa ainda a entrada (ou retorno) ao mundo da invisibilidade.

Também foi trazida em seus discursos a “sinergia de vulnerabilidades” (PARKER, 2000), ou seja, a concentração de diversas formas de opressão, marginalização e violência pelas quais muitas pessoas estão expostas, e que promovem os mais diversos modos de estigmatização. A vulnerabilidade foi acionada no presente, revivida através das experiências passadas e pontuadas nas expectativas futuras. Com efeito, a experiência travesti tem uma trajetória de vida marcada pela vulnerabilidade, acentuada através do descaso e banalização da violência a estes corpos invisíveis perante a lei e o judiciário.

Enfim, a experiência travesti, compartilhada através das trajetórias de vida das interlocutoras, evidenciaram um processo de envelhecimento permeado por questões de corpo/gênero/sexualidade, vulnerabilidade/violência/invisibilidade. As marcações de tempo, elaboradas em suas vivências, resvalam constantemente em especificidades relacionadas à experiência de constituir um corpo considerado “inteligível” (BUTLER, 2012). Portanto, pode se dizer que o processo de envelhecimento travesti é significado a partir de um contexto corporal, social, cultural e histórico.

Compreendendo a complexidade desse assunto. Torna-se importante ampliar essa discussão, trazendo à tona outras questões de investigação referente à temática travesti/envelhecimento, na perspectiva de contribuir tanto para as pesquisas sobre travestilidades como para os estudos sobre envelhecimento. Procurei apresentar uma breve revisão das concepções referentes ao curso da vida, focando principalmente nos discursos que o processo de envelhecimento vem tomando nos últimos anos. Dessa forma, foi utilizado o “paradigma do curso da vida” na perspectiva de não reduzir a discussão sobre envelhecimento a uma questão cronológica ou/e biológica. Assim, não se trata de descartar essas questões, mas perceber outras que influenciam na percepção do processo de envelhecimento.

No universo por mim adentrado é possível desenvolver olhares e questões diversas, que poderão ser tratadas em outro momento e/ou em outras pesquisas, onde pesquisadores e pesquisadoras poderão contemplar categorias e perspectivas diferentes das que foram abordadas aqui. Porém, o enfoque dado nesta pesquisa faz parte de escolhas teóricas e principalmente da observação, encontro e contato com as travestis de Recife.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. Dama da noite. In: ABREU, Caio Fernando. **Os Dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, pp. 91-98.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 02, ago. 2012. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000200012&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 dez. 2012.

AMARAL, Marília dos Santos. **Essa Boneca Tem Manual: práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes**. 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Travestis envelhecem?** São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. PUC - SP, 2010. Disponível em <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=11719](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719)> Acesso em 20 Nov.2012

BACHELARD, G. *Prefácio para Dois Livros- A Imaginação Material e a Imaginação Falada*. In: **A Terra dos Devaneios da Vontade- Ensaio sobre a Imaginação das Forças**. Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**. São Paulo, n.º 52, 2006, pp. 109-132. Disponível em: <[www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf](http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf)> Acesso em: 11 out. 2011.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. Quando o gênero se desloca da sexualidade: homossexualidade entre transexuais. In: **Política e cotidiano: estudos antropológicos sobre o gênero, família e sexualidade**. (Org.) Miriam Pillar Grossi e Elisete Schwabe. – Blumenau: Nova Letra, 2006. 336p.

BERTAUX, Daniel. **El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades**. [Artículo]. En Propositiones Vol.29. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1999. Disponível em: <<http://preval.org/files/14BERTAU.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, MCS, and COIMBRA JUNIOR, CEA. orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. pp. 37-50. ISBN: 85-7541-008-3. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

BONETTI, Alinne de Lima. Intrusas bem-vindas: um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidades na pesquisa etnográfica. In: **Política e cotidiano : estudos antropológicos sobre o gênero, família e sexualidade** .(Org.) Miriam Pillar Grossi e Elisete Schwabe. – Blumenau: Nova Letra, 2006. 336p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões de como fazer o trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.10 n 001, p.11-27, Jan.- Jun.2007.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Fortaleza: Prefeitura municipal de Fortaleza, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. (org) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARVALHO, César Augusto. Os usos de fotografias de família. In: Peixoto, Clarice Ehlers (org.), **Antropologia & Imagem – Narrativas Diversas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, vol. 1.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. Rio Grande do Sul: Ed. Livraria Francisco Alves 2ª edição, 1980.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Bastidores e estréias: Performers trans e boates gays abalando a cidade**. 2009. 162p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2009.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. **Trajatórias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

COROVIL, Daniela. Casos e acasos: Como acidentes e fatos fortuitos influenciam o trabalho de campo. In: Aline Bonetti; Soraya Fleischer (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. 376p.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/ Cura**. Porto-Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CUSCHNIR, Luiz & MARDEGAN JR, Elyseu. **O homem e as suas máscaras: a revolução silenciosa**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v11n3/artigos/pdf/v11n3a10.pdf>> Acesso em: 30 out. 2011.

DEBERT, Guita Grin. A cultura adulta e a juventude como um valor. [ANPOCS 29º Encontro Anual/ST 13: Imagens da modernidade: mídia, consumo e relações de poder, 2004. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/CulturaAdulta.pdf>> Acesso em: 18 Jun. 2011.

\_\_\_\_\_. O significado da velhice na sociedade brasileira. **Acta Paul Enf**, São Paulo, v. 12, Número Especial, Parte I, p.147-158, 2000. Disponível em: <[http://www.unifesp.br/denf/acta/2000/13\\_esp1/pdf/art16.pdf](http://www.unifesp.br/denf/acta/2000/13_esp1/pdf/art16.pdf)> Acesso em: 30 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999. Reimpressão.

\_\_\_\_\_. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In. DEBERT, Guita Grin. **Antropologia e velhice**. Textos Didáticos, n.º 9, IFCH, 1998.

\_\_\_\_\_. Envelhecimento e Curso da Vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n.1, p. 120-128, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência**. 2009. Dissertação (Mestrado) São Carlos: UFSCar. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/2539.pdf>> Acesso em: 26 Jul. 2011.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

FRANCE, Claudine de. Antropologia fílmica uma gênese difícil, mas promissora. In: \_\_\_\_\_. **Do filme etnográfico à antropologia fílmica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

FRANCO, Luis Felipe Galeazzi. A cirurgia de transgenitalização e a possibilidade de retificação do registro civil como tutela aos direitos do transexual. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 13, p. 53-63, junho/2012. Disponível em: <[http://reid.iedc.org.br/arquivos/00000309-05-luisfelipe\\_reid-13.pdf](http://reid.iedc.org.br/arquivos/00000309-05-luisfelipe_reid-13.pdf)> Acesso em: 23 jun. 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOMES, Elisa. Por trás das câmeras: os bastidores de Casos de Família, um programa televisivo de auditório. In: Peixoto, Clarice Ehlers (org.), **Antropologia & Imagem – Narrativas Diversas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, vol. 1.

HENNING, C. E.. Olhares para o conceito de Geração: uma etnografia das homossexualidades na adolescência e na velhice na cena GLS da cidade de São Paulo. In: **II Seminário Nacional Sociologia e Política**, 2010, Curitiba. Anais do II Seminário Nacional Sociologia e Política, 2010.

HOWARD S. Becker. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994. Tradução de Maria Estevão e Renato Aguiar. 178 p.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Campinas/SP: Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. (Tese de Doutorado). 2001.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE BRETON, David, 1953. **A sociologia do corpo**/David Le Breton; 2.ed. tradução de Sônia M.S.Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Aline Soares. **Quem sou eu: autorrepresentações de travestis no orkut**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009.

LIMA, Caroline Barreto de. **Aparência travesti: redesenho, comportamento e vestimenta**. Graphica. Curitiba – Paraná, 2007, pp. 1-9. Disponível em: <[http://www.degraf.ufpr.br/artigos\\_graphica/aparencia.pdf](http://www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/aparencia.pdf)> Acesso em: 13 abr. 2011.

LINO, Tayane Rogeria *et al* . **O movimento de travestis e transexuais construindo o passado e tecendo presentes**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES: Direito, Relações Etnorraciais, Educação, Trabalho, Reprodução, Diversidade Sexual, Comunicação e Cultura, 2011, Salvador – BA.

LOPES, Suzana Helena S. S. **Corpo, Metamorfose e Identidades – de Alan a Elisa Star**. In LEAL & ONDINA F. (Org.) **Corpo e Significado - Ensaio de Antropologia Social**. Porto Alegre. Editora da Universidade, pp. 227-233, 1995.

LOURO, Guacira L. (Org) **Pedagogias da Sexualidade**. In: **O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, jun. 2002.

MALUF, Sônia. **Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem**. Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p. 143-153, 2002.

MARTINS, José de Sousa. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

MAUSS, M. Técnicas corporais. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. Introdução: Claude Lévi-Strauss. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARKENDORF, Marcio. Da star à escritora-diva: a dinâmica dos objetos na sociedade de consumo. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2010, vol.18, n.2, pp. 319-337. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200003>> Acesso em: 17 nov.2011.

MINAYO, MCS, and COIMBRA JUNIOR, CEA. orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 209 p. ISBN: 85-7541-008-3. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

MONTE-MOR, Patrícia e PEIXOTO, Clarice (orgs). **Antropologia e Fotografia**. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. nº 2. Rio de Janeiro/UERJ. 1996.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

ORTNER, Sherry B. **Subjetividade e crítica cultural**. In: Horizontes Antropológicos, volume 13, número 28, Porto Alegre, 2007.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PARKER, R. & CAMARGO Jr., K.. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16 (Supl.1) 89-102. 2000.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestismo: mobilidade e construção de identidades em Campina Grande**. Recife/PE: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). 2002.

\_\_\_\_\_. **No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras**. Recife/PE: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. (Tese de Doutorado). 2008.

PELÚCIO, Larissa. Próteses, desejos e glamour: tecnologias de si na construção de corpos travestis no mercado do sexo transnacional. In. Luis Henrique Sacchi dos Santos e Paula Regina Costa Ribeiro (org) . **Corpo, Gênero e Sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida**. Editora FURG, Rio Grande, 2011.

\_\_\_\_\_. **Nos nervos, na carne e na pele – ma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids**. São Carlos/SP: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos. (Tese de Doutorado). 2007a.

\_\_\_\_\_. “No salto” Trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In. Aline Bonetti; Soraya Fleischer (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007b. 376p.

\_\_\_\_\_. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 25, p. 217-248, 2005. Disponível em:< <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/politica.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista Antropológicas**, Recife/PE, v. 15, n. 01, p. 123-154, 2004.

PEREIRA, Jesana Batista ; OLIM, M. L. S. ; TAVARES, Márcia Santana. **Itinerários de Vida ao Envelhecer: experiências de travestis em Sergipe**. In: XV Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre Mulheres e Gênero - REDOR e IV Encontro de Pesquisadoras/es Maranhenses sobre Gênero, Mulheres e Cidadania, 2009, Maranhão. Caderno de Resumos do XV Encontro da Rede Feminista Norte Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Gênero, 2009.

PERES, Wiliam Siqueira. 2005. **Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Tese de Doutorado - PPG em Saúde Coletiva/Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O pesquisador, o problema, da pesquisa. A escolha das técnicas: algumas reflexões. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (org). **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1992.

SANT'ANA, Tiago. *Tá pensando que travesti é bagunça?! - Narrativas sobre a travestilidade em três programas da TV brasileira*. In: 8º Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual. Campinas. CD-ROM 8 ENUDS, 2010.

SCOTT, Joan. Experiência: tornando-se visível. In: SILVA, Alcione Leite at al. **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1999.

SILVA, Hélio R.S. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: ISER, 1993.

SIMÕES, Julio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: **A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC)**. São Paulo: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP), Edição n. 50, v. 22, Jul., p. 7-19, 2011.

\_\_\_\_\_. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Adriana Piscitelli; Maria Filomena Gregori; Sergio Carrara. (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SIQUEIRA, Mônica Soares. **Sou Senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice**. Dissertação de Mestrado, Programa de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/ppgas/?page=teses>> Acesso em: 28 out. 2011.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O riso da paródia: transgressão, feminismo e subjetividade. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara e PAIVA, Cristian Saraiva (orgs). **Estilísticas da sexualidade**. Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal do Ceará; Campinas: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário**. Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. (Tese de Doutorado). 2005.

VANCE, Carol. A Antropologia redescobre a sexualidade. In: **Physis- Revista de Saúde Coletiva**, v. 5 n 1, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. **As idades do corpo: (material) idades, (divers) idades, (corporal) idades, (ident) idades.** In: José Clóvis de Azevedo; Pablo Gentili; Andréa Krug; Cátia Simon. (Org.). Utopia e democracia na Educação Cidadã. Utopia e democracia na Educação Cidadã. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS, 2000, v., p. 215-234.

**ANEXOS**

## ANEXO A

## Convite para participar da estreia do programa *No Divã com a Diva* enviada via *facebook*



**Luciano Palhano**

<http://hiennaproducoes.blogspot.com.br/p/no-diva-com-diva.html>

A HIENNA PRODUÇÕES em parceria com O CLUB 111, realiza a gravação dos pilotos de um programa de tv inédito no Brasil, 100% LGBT, promovendo a cidadania e cultura desta comunidade!

O programa intitulado: *NO DIVÃ COM A DIVA*, será comandado pela apresentadora trans, Christiane Falcão, pernambucana que sucesso nacional e internacional.

Iniciando com uma super entrevista de um convidado especial.

E contará com quadros comandados por grandes artistas destaque no meio LGBT:

Bruna Meneghel comanda o quadro LGBT EM FOCO, a ex repórter da Tv Record, sucesso em toda a Europa, vai fazer coberturas especiais do meio político e movimento social LGBT.

A Pernambucana, drag consagrada, BLACK NEGONA comanda o ANTENA MIX TV, sob a direção do jornalista Henrique Ruffato.

O transexual masculino Luciano Palhano, Diretor executivo nacional da Associação Brasileira de Homens Trans, coordenador Regional Nordeste da mesma associação e graduando em psicologia, será o responsável pelo quadro: SEXO NO DIVÃ, respondendo à dúvidas sobre as sexualidades Humanas. E NÃO PARA POR AÍ.....

**NO DIVÃ COM A DIVA | HIENNA PRODUÇÕES**  
hiennaproducoes.blogspot.com

APRESENTA:  
 Christiane Falcão  
 09/11 SEXTA  
 Participe das Gravações!

Com Bruna Meneghel  
 Sexo no Divã  
 Com Luciano Palhano  
 Apresentado por  
 Com Black Negona  
 Concurso Drag Star  
**CLUB 111**  
 Rua...

## ANEXO B

### Modelo utilizado para consentimento das interlocutoras sobre o uso da imagem

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Duas vias: uma sob posse do pesquisador e outra do informante.

Declaro que estou ciente de estar participando da pesquisa **“Gênero, sexo, corpo: abjeções e devires...”**

Fica acordado que as informações por mim fornecidas poderão ser utilizadas para outros trabalhos acadêmicos realizados pelos(as) pesquisadores(as) vinculados(as) a esta pesquisa.

Estou ciente que se trata de uma atividade voluntária, que posso desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando aos pesquisadores, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que eu desejar. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material de pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informado(a) que a pesquisa não envolve riscos ou danos à saúde e que a equipe de pesquisa garantirá a confidencialidade e o anonimato.

Estou ciente, também, que a pesquisa produzirá material audiovisual que poderá ser veiculado amplamente em trabalhos que discutam as questões relacionadas à sexualidade e preconceitos. Nesse caso, autorizo que as imagens por mim produzidas e registradas sejam utilizadas para esses fins. Tenho ciência que serei co-autor(a) do material que terei acesso irrestrito a ele.

A assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de tirá-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da entrevista, esclarecê-las a qualquer momento. Um dos pesquisadores responsáveis por esta pesquisa é:

**Prof. Dra. Karla Galvão Adrião** Telefone de contato: (81) XXXX-XXX

Após ter lido e discutido com o(a) entrevistador(a) os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

Recife, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2012

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Pesquisador(a) assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo do entrevistador(a): \_\_\_\_\_

#### **Testemunhas**

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## ANEXO C

Cartazes de divulgação do programa *Divã com a Diva*

CLUB 111

no **Divã**  
com a **Diva**  
Christiane Falcão

CLUB 111

SEXTA  
16 Nov.  
21h

**Djs:** Luan Sobral  
& David Oliver

**Banda**  
Moderna Arte

**Eliminatoria**  
Bate Cabelo  
concurso DRAG STAR:

Laylla Drumenth  
Nahyra Venenesa  
Samaha Blash

**Entrevista:**

**Felipe Bam Bam**

**Concurso Drag Star 2012**  
1 Edição

E muito mais... PARTICIPE DA  
GRAVAÇÃO DO SEGUNDO  
PROGRAMA PILOTO!

CLUB 111  
Rua Corredor do Bispo, 111,  
Boa Vista Info:(81) 8409-6264

The flyer is enclosed in a black border and contains detailed event information. It includes a photo of Felipe Bam Bam, a small image of a pink sofa, and a logo for the Drag Star 2012 contest. The text is organized into sections for location, date, hosts, band, and contest details.

ANEXO C

Cartazes de divulgação do programa *Divã com a Diva*

SEXTA  
23 NOV  
21h

no **DIVÃ**  
com a  
**Diva**

**CLUB 111**

Christiane Falcão

Entrevista:



ELIMINATORIA  
DRAG STAR CATERGORIA  
CARICATA E PERFORMATICO:  
**KEYLLA BLOON** **SARITA BACALHAU**  
**SOFIA LORY** **ANA FRANCISCA**

**SEXO NO DIVÃ**  
com Luciano Palhano  
**MÚSICA AO VIVO**  
com Moderna Art  
**DJS**

Club 111: Rua Corredor do Bispo, 111, Boa Vista - Info: (81)8409-6264

**CLUB 111**

Banda Moderna Art  
Concurso  
Drag Star  
Dj's Luan Sobral e David Oliver

**Divã**  
com a  
**Diva**

SEXTA  
30/11  
21h

Christiane Falcão  
entrevista:  
**JOELMA FOX**  
e  
**CHEILA SILVA**



Banda  
**Swing do Paraíso**

**CLUB 111** Rua Corredor do Bispo, 111, Boa Vista Info: (81) 8409-6264

ANEXO C

Cartazes de divulgação do programa *Divã com a Diva*

**NO**  
**Divã**  
com a **Divã**  
Christiane Falcão  
**Especial**  
**TRANSEXUALIDADE**

**CLUB 111**

**SEXTA**  
07/nov  
21h

Concurso **Drag Star**  
Eliminatória  
Bate cabelo

Fabiana Oliveira  
modelo

Leonardo Tenorio  
Presidente da  
Associação Brasileira de  
Homens Trans

Raphaelly Ritchelly  
Candidata ao Miss Trans PE

Programa para  
todos os públicos!

Grande Sarau de Performances

CLUB 111 - Rua Corredor do Bispo, 111, Boa Vista.  
Info: (81) 8409-6264

**CLUB 111**

Apresenta:

**SEXTA**  
14/12  
21h

**SUCESSO ABSOLUTO!**

**No**  
**Divã**  
Com a **Diva**  
Christiane Falcão

**Especial**  
**PROFISSIONAIS**

**GOGOS & Strippers**

E mais...  
**GOÇO URSO**  
&  
**GOÇO CTRL**

Djs  
Concurso DRAG STAR  
E MÚSICA AO VIVO

Alex Logan

Felipe Prado

**CLUB 111**

Rua Corredor do Bispo, 111, Boa Vista. Info: (81) 8409-6264

## ANEXO C

Cartazes de divulgação do programa *Divã com a Diva*

  
 Apresenta:  
**sexta**  
**21/12**  
**21h**

**No**  
**Divã**  
 Com a **Diva**

  
*Christiane Falcão*

UM PROGRAMA  
 PELA VISIBILIDADE  
 E CIDADANIA LGBT!

  
**VAGIENE**  
**COKELUCHE**

Tema:  
**HOMOFOBIA:**  
**discutindo o PL.122**

  
**RHEMO**  
**GUEDES**

**CONCURSO**  
**Drag Star**  
**SEMI FINAL**  
**Transformista**  
**Stephany**  
**Blanko Fox**  
**Sabrina D'Pack**  
**Samaha Blash**

  
 Rua Corredor do Bispo\_111\_Boa Vista \_ Info: (81)8409.6264